

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Toponímia da vila de Porto de Mós

(1880 – 2015)

Ecoss de memória

Maria Adozinda da Luz Fonseca da Cruz Carvalho

Mestrado em Estudos do Património

2016

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Toponímia da vila de Porto de Mós

(1880 – 2015)

Ecos de memória

Maria Adozinda da Luz Fonseca da Cruz Carvalho

Mestrado em Estudos do Património

Dissertação de Mestrado em Estudos do Património

*Orientada pela Professora Doutora
Maria Isabel da Conceição João*

2016

Resumo

A investigação insere-se no Mestrado em Estudos do Património, da Universidade Aberta, visando a origem, significado e memórias da vila de Porto de Mós, através da análise da sua toponímia no período que medeia os anos de 1880 a 2015. O vasto período em estudo requereu uma demarcação das datas significativas da História e a consequente perpetuação das referências nacionais e locais nas placas toponímicas.

O estudo teve como suporte a recolha e a explicação dos topónimos de Porto de Mós, numa pesquisa de campo, com o apoio do registo em atas de sessão da Câmara Municipal, mapas da vila, bem como na recolha de depoimentos orais. Foi estudada a evolução demográfica e o crescimento urbano, observados nos censos e em bibliografia.

A reconstituição histórica Portomosense foi feita a partir de narrativas, inquéritos e registos documentais. O levantamento dos topónimos permitiu acompanhar as alterações políticas e económicas, ao longo de mais de cem anos da vila de Porto de Mós.

Palavras-chave: Toponímia - memória social -Porto de Mós

Abstract

The research is part of the Master *in Estudos do Património*, at Universidade Aberta, with a view to understanding the origin, meaning and memories of the town of Porto de Mós, through the analysis of its toponymy in the period from 1880 to 2015. The vast period of time under study required a demarcation of the significant dates in history and the consequent perpetuation of the national and local references in the street name signs.

The study is based on the collection and the explanation of the place names in Porto de Mos, obtained from field research, supported by records in the minutes of the Town Hall sessions and maps of the town as well as the collection of oral testimonies. The demographic evolution and the urban growth, observed in censuses and in bibliographies, were studied.

The historical reconstitution of Porto de Mos was achieved by drawing on narratives, surveys and documentary records. The toponymic survey enabled the political and economic changes to be accompanied during the course of more than a hundred years of the town of Porto de Mos.

Keywords: Toponymy - social memory - Porto de Mós

Dedicatória

À memória dos meus pais.

AGRADECIMENTOS

No decorrer da realização do trabalho, várias foram as pessoas que, de uma forma ou de outra, se mostraram prontas e amáveis, na ajuda prestada.

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Maria Isabel João, pelo elevado profissionalismo, pelas sugestões e críticas, bem como pela prontidão e dedicação com que se disponibilizou em todas as minhas solicitações, orientações e desabafos.

Agradeço, ainda, ao Senhor Presidente da Câmara de Porto de Mós, Eng.º João Salgueiro, à Dra. Fernanda Sousa do Arquivo da Câmara Municipal, à D. Élia, ao Dr. Vítor Carvalho e à Dra. Helena Carvalho do SIG (Serviço de Informação Geográfica) da Câmara de Porto de Mós, por todo o apoio e ajuda.

Um agradecimento também a todos os entrevistados, D. Alice Crachat, Sr. Carlos Pinção, à memória do falecido Almirante Vitor Crespo, pela disponibilidade e amabilidade com que me receberam, colaborando com preciosas informações que permitiram e facilitaram o esclarecimento da redação da presente dissertação.

Agradeço a colaboração de todos os elementos que se disponibilizaram no preenchimento dos inquéritos.

Igualmente agradeço a todos os que me ajudaram, de uma forma ou de outra, a concretizar este trabalho.

À minha família, especialmente ao meu marido, Daniel Carvalho, e ao meu filho, Daniel Teófilo, pela paciência e compreensão durante os muitos momentos dedicados a este trabalho.

Obrigada a todos!

Índice

INTRODUÇÃO	13
1.1. Localização geográfica e condições naturais	20
1.2. Breve história da vila de Porto de Mós	23
2.1.O burgo medieval - <i>A vila forte</i>	38
2.2. Nos finais da Monarquia	43
2.2.1. A vila oitocentista-retrospectiva	44
2.2.2. Os topónimos.....	47
2.3.Na I República (1910-1926).....	53
2.4 Durante a Ditadura Militar e Estado Novo.....	59
2.5. No regime democrático após 25 de Abril de 1974	68
2.6.O uso quotidiano da toponímia	77
2.6.1 Caracterização da amostra.....	78
2.6.2 Análise das respostas ao questionário	82
CONCLUSÃO	91
BIBLIOGRAFIA	96
Anexos	117
Anexo A	118
Anexo B	122
Entrevista 1	123
Entrevista 2	127
Entrevista 3	130
Anexo C	136
Questionário e respetivas respostas.....	142
Anexo D	147

Biografias de figuras homenageadas na vila de Porto de Mós	148
Mapas da vila de Porto de Mós	178
Anexo F.....	183
Registos fotográficos.....	184
Placas toponímicas – Figuras Locais Homenageadas.....	193
Toponímia na Imprensa.....	194

Índice de Quadros

Quadro 1.1: Evolução da população da vila de Porto de Mós (Freguesias de S. João Baptista e de S. Pedro) de 1878 a 2011.....	33
Quadro 2.1: Topónimos dos Finais da Monarquia (1880/1910)	49
Quadro 2.2: Topónimos introduzidos entre 1911 e 1926.....	55
Quadro 2.3: Toponímia da vila em 1940.....	62
Quadro 2.4: Toponímia da vila de 1975-2015.....	70
Quadro 2.5: Designação atual do Largo onde se situa a Câmara Municipal.....	82
Quadro 2.6: Designação do Largo do Rossio.....	83
Quadro 2.7: Figura histórica homenageada na Praceta, em frente ao cineteatro de Porto de Mós.....	84
Quadro 2.8: Símbolo que identifica a vila de Porto de Mós.....	85
Quadro 2.9: Nomes das ruas que correspondem a figuras ligadas à História.....	86
Quadro 2.10: Topónimos que recordam figuras da História Local.....	86
Quadro 2.11: Percentagem das respostas - Associação correta.....	87
Quadro 2.12: Percentagem de respostas corretas por faixa etária da questão 7.....	88
Quadro 2.13: Percentagem de respostas corretas por escolaridade.....	89

Índice de Gráficos

Gráfico 1.1: Evolução da População da vila de Porto de Mós (Freguesias de S. João Baptista e S. Pedro) de 1878 A 2011.....	34
Gráfico 2.1: Naturalidade.	79
Gráfico 2.2: Escolaridade.	79
Gráfico 2.3: Género.	80
Gráfico 2.4: Idade.	80
Gráfico 2.5: Relação entre Escolaridade e Género.	81
Gráfico 2.6: Respostas Corretas/Erradas por Género	81

Índice de Mapas

Mapa 1.1: Localização Geográfica do Concelho de Porto De Mós.	23
Mapa E.1: Configuração da Comarca de Ourém e da Vila de Porto De Mós- Século XVIII.....	178
Mapa E.2: A vila de Porto de Mós e seu termo no Século XVIII.....	179
Mapa E.3: Carta Aerofotogramétrica de Porto de Mós de 1940.....	180
Mapa E.4: Mapa da década de 1960- Cadastro Geométrico Rústico Elaborado na década de 1960	181
Mapa E.5: Toponímia Identificada no Período entre 1981 e 2015	182

Abreviaturas e Acrónimos

AF- Aforamentos

CINCUP-Cooperativa de Informação e Cultura de Porto de Mós

Fls - folhas

IC-Itinerário Complementar

INE- Instituto Nacional de Estatística

IPAAR- Instituto Português do Património Arquitetónico

NUT- Nomenclatura de Unidade Territorial

Proc.-Processo

PNSAC- Parque Nacional da Serra de Aire e Candeeiros

SIG-Serviço de Informação Geográfica



Vista da vila de Porto de Mós, com o seu Castelo (2015)

XVI

*-Vês este que, saindo da cilada,
Dá sobre o rei, que cerca a villa forte?
Já o rei tem preso e a vila descercada:
Ilustre feito, digno de Mavorte!
Vê-lo cá vae, pintado nesta armada,
No mar também aos moiros dando a morte,
Tomando-lhes as galés, levando a glória
Da primeira marítima vitória?*

XVII

*É dom Fuas Roupinho; que na terra
E no mar resplandece juntamente
Co'o fogo, que accendeu junto da serra
De Abyla, nas galés da moira gente.
Olha como, em tão justa e santa guerra,
De acabar pelejando está contente!
Das mãos dos moiros entra a feliz alma
Triumphando, nos céus com justa palma.¹*

¹ CAMÕES, Luís Vaz- *Os Lusíadas*, VIII,16 e 17.Porto: Porto Editora,1975,p.269.

INTRODUÇÃO

Porto de Mós é uma das vilas mais antigas do distrito de Leiria². Situa-se na costa ocidental da Serra de Aire e Candeeiros onde correm os rios Lena e Alcaide. No concelho existem vestígios da presença humana desde tempos remotos, mas foi com a formação da nacionalidade que se constituiu um local importante abrigando no seu Castelo o lendário D. Fuas Roupinho. No século XIV, o concelho passou a pertencer à Casa de Bragança.

Porto de Mós teve o seu primeiro foral em 1305, concedido por D. Dinis, posteriormente, confirmado por D. Manuel I, no ano de 1515. Muitas figuras ilustres destacaram-se na vila, desde o período monárquico à atualidade.

A pesquisa para a dissertação desenvolvida no âmbito do Mestrado em Estudos do Património teve como objetivo estudar a toponímia da vila de Porto de Mós.

A razão do estudo da toponímia de Porto de Mós teve como principais motivos, por um lado, aprofundar os estudos da história local da vila, sede do concelho do local de trabalho da mestranda e, por outro lado, fornecer um contributo para o avanço científico na temática da toponímia.

A observação sobre os topónimos de Porto de Mós estendeu-se desde o ano de 1880 até ao ano de 2015. O estudo iniciou-se no ano de 1880, data em que os livros de atas camarárias apresentam uma caligrafia legível, o que não se verifica relativamente aos livros de atas anteriores. A referida data coincide com o tricentenário da morte do poeta Luís Vaz de Camões, autor de *Os Lusíadas*, obra, em que Porto de Mós surge no canto VIII, estrofe XVI, com o epíteto de *Vila Forte*.

O estudo estendeu-se até o ano de 2015, data da comemoração dos 500 Anos da atribuição do Foral da vila de Porto de Mós, por D. Manuel I, em 18 de fevereiro de 1515³.

O título escolhido é *A Toponímia da vila de Porto de Mós (1880-2015).Ecos de memória.*

² CACELA, António Martins - *Porto de Mós e seu termo*, Torres Novas: 1977, p.16.

³ No dia 24 de Outubro Porto de Mós realizou a cerimónia de encerramento das Comemorações dos 500 Anos do Foral Manuelino, atribuído à vila em 1515. PORTO DE MÓS. Câmara Municipal de Porto de Mós. - *CELEBRAÇÃO DOS 500 ANOS DE FORAL MANUELINO*. (18 de Fevereiro de 1515). [Em linha]. [Consultado. 24-10-2015]. Disponível em WWW: <<http://www.municipio-portodemos.pt/Page.aspx?id=590>>.

A materialização do estudo envolveu a pesquisa e reflexão sobre a história local, no que concerne aos diferentes contextos de cada época e regime político correspondente.

A investigação teve como ponto de partida a consulta de documentação nos Arquivos da Câmara Municipal de Porto de Mós, na Junta de Freguesia, embora, nesta última, (em fase de mudança, motivada pela união das freguesias de S. Pedro e S. João Baptista) não existisse nenhuma informação útil relacionada com o tema. Recorreu-se ao Serviço de Informação Geográfica (SIG) de Porto de Mós, nomeadamente à cartografia e aos registos fotográficos, às Bibliotecas Municipais de Porto de Mós, da Batalha e de Leiria, ao Arquivo Distrital de Leiria, ao Arquivo Histórico da Casa de Bragança, em Vila Viçosa, e ainda aos Censos em Portugal do Instituto Nacional de Estatística (INE).

Para o estudo da história local, dos finais do século XVIII, da vila de Porto de Mós, recorreu-se ao Arquivo Histórico da Casa de Bragança em Vila Viçosa consultando-se diversa documentação manuscrita, da qual se destacam os mapas sinalizados com os limites da vila de Porto de Mós ainda sob o domínio de Ourém (Anexos E.1 e E.2).

Foram também consultadas as Memórias Paroquiais de 1783 que se encontram no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (TT).

Na Biblioteca de Porto de Mós foi possível consultar toda a bibliografia referente à vila e ter acesso aos periódicos: *O Portomosense*, (1899 a 1904), *O Povo de Porto de Mós*, (1911 a 1915), o *Correio de Porto de Mós*, de 13 de novembro de 1910. No Arquivo Distrital de Leiria, recolheu-se diversa informação em periódicos. Na Biblioteca Distrital de Leiria e na Biblioteca Municipal da Batalha, consultou-se bibliografia geral e específica de história e toponímia. Foram também consultados alguns trabalhos recolhidos na Internet sobre o tema em análise.

Relativamente aos dados bibliográficos sobre a evolução urbana da vila, recorreu-se a estudos publicados sobre o urbanismo.

Para se perceber Porto de Mós mais antigo, foram também alvo de leitura as seguintes obras: Manoel Escudeiro de Minde, *Termo de Porto de Mós, familiar de Santo Ofício, carta de 15 de maio de 1702, séculos XVII e XVIII*; João Madeira Martins, *Um Crime em Porto de Mós 1826 e Minde: termo de Porto de Moz; A Comarca de Porto de Mós*, de Alfredo Matos; *Monumento Funerário de Ribeira de Cima*, de José Beleza Moreira.

Relativamente ao século XIX, a obra *O Couseiro ou memórias do bispado de Leiria* e a obra *Porto de Mós e o seu termo* de António Martins Cacela dão a conhecer os vários

topónimos das localidades do concelho de Porto de Mós e a origem da vila. Salienta-se, ainda, a obra de Moisés Espírito Santo, *Cinco mil anos de Cultura a Oeste- Etno-História da Religião Popular numa Região da Estremadura*, que fornece uma interpretação do topónimo Porto de Mós.

O clero da Diocese de Leiria e o seu passado, de José Carreira, contém biografias de várias figuras ligadas ao mundo religioso, sobretudo do século XIX.

A *Coletânea histórica e documental dos séculos XII a XIX*, de Saúl António Gomes, apresenta uma perspetiva histórica da vila, a que se aludiu, no I Capítulo da presente dissertação. Do mesmo autor, também se recorreu à informação da obra *Porto de Mós Medieval (Breves subsídios documentais para o seu conhecimento)*.

Para o enquadramento geográfico, no que respeita aos séculos XVIII e XIX, consultaram-se os Extratos *de Portugal Antigo e Moderno*, de Augusto Pinho Leal.

As monografias *Da Pré- História à atualidade: breve monografia de Porto de Mós*, de Francisco Jorge Furriel, e *Breve monografia*, de Serra Frazão, incidem sobre diversas personalidades e monumentos históricos de Porto de Mós.

A compilação de textos de João António Matias, *Memórias do meu jornal*, versa biografias de personalidades ilustres da vila.

Relativamente à origem do topónimo Porto de Mós e à história do Castelo, a obra, *O Castelo de Porto de Mós*, de Luciano Justo Ramos, debruça-se sobre o tema.

Na pequena brochura, *Porto de Mós medieval quarenta anos de actividade municipal a bem do concelho de Porto de Mós*, publicada pela Câmara Municipal de Porto de Mós, encontraram-se alguns dados relativos ao desenvolvimento da vila, durante o Estado Novo.

Outras obras, nomeadamente a *Requalificação da frente Ribeirinha do Rio Lena*, da Câmara Municipal de Porto de Mós, e *O Couto Mineiro do Lena - Histórias e Memórias*, de Herlander Eleutério da Silva, publicada recentemente, reportam-se a registos sobre o desenvolvimento de Porto de Mós, que também serviram de apoio ao estudo.

As obras *A morte do Barão de Porto de Mós*, de Ricardo Chartes de Azevedo, e *O Barão de Porto de Mós*, de Borges da Cunha, permitem conhecer a figura de importância local e nacional, que se destacou na vila e foi lembrado e homenageado numa placa toponímica.

Após a recolha e estudo dos dados sobre as designações toponímicas referentes ao período em estudo, adotou-se a terminologia de João Medina⁴, de acordo com as categorias de *nomes comuns* e *nomes próprios*. A designação de *nomes comuns* diz respeito aos elementos da natureza; edifícios e construções; acidentes, espaços geográficos e localizações; acontecimentos históricos, símbolos e valores; edifícios e construções; profissões e atividades socioeconómicas. A designação de *nomes próprios*, ou antropónimos, refere-se às figuras políticas nacionais e locais; beneméritos e figuras populares; figuras religiosas e eclesiásticas e figuras da cultura e do desporto.

Pretendeu-se, assim, por um lado, conhecer a razão dessas nomeações e as motivações que levaram à atribuição de determinados nomes às ruas, além das sequentes alterações efetuadas pelas elites locais. Por outro lado, tentou-se compreender a permanência de alguns topónimos, ao longo dos tempos.

A investigação levou à classificação do estudo acompanhando a História de Portugal, nos momentos mais marcantes: «[...] de modo a verificar a maior ou menor incidência da escolha toponímica neste ou naquele período do nosso passado»⁵.

Com base nos dados recolhidos tanto na informação escrita como nas entrevistas e imprensa, foram elaborados os quadros que se encontram no corpo do trabalho, (2.1.,p. 50;2.2.,p.56;2.3.,p.63 e 2.4.,p.71), nos quais constam as ruas novas e as renomeações ocorridas em cada regime político, nomeadamente, nos finais da Monarquia, na Primeira República, no Estado Novo (1940) e no Período Democrático até à atualidade. Para uma melhor compreensão da evolução da toponímia da vila de Porto de Mós, desde 1880 a 2015, realizou-se um quadro, (anexo A).

No mapa de 1940 procedeu-se à indicação de todas as renomeações feitas no referido ano, (anexo E.3). A toponímia atual da vila de Porto de Mós também foi registada no mapa (anexo E.5). Este levantamento de topónimos é da nossa responsabilidade e a sua sistematização teve a colaboração dos SIG (Serviço de Informação Geográfica) de Porto de Mós.

⁴ MEDINA, João - «A toponímia – local de memória» in Álvaro Matos; Raul Rasga (coord.) - *Primeiras jornadas de história local e regional* (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). 2ª Edição. Lisboa: Edições Colibri, 2004. pp. 35-43.

⁵ MEDINA, João- «A toponímia- local de memória» in Matos, Álvaro; RASGA, Raúl, (coord.) - *Primeiras Jornadas de história local e regional* (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). 2ª Edição. Lisboa: Edições Colibri, 2004. p.40.

Os quadros permitem visualizar o número de topónimos existentes durante o período em análise, considerando a evolução cronológica das nomeações, que pareceu mais pertinente, dada a documentação que foi possível coligir.

A partir da leitura dos quadros compreende-se, de uma forma rápida e sucinta, a evolução da vila, no seu conjunto de vias, como uma «[...] malha citadina diária, uma espécie de oxigénio cultural involuntariamente “respirado” por quantos vivem e se movem ao longo de anos ou de uma vida inteira»⁶.

Ainda, para o estudo da forma como a população usa os topónimos e se os conhece ou não, recorreu-se às técnicas de recolha de dados, através do questionário aplicado a 55 pessoas, e à técnica da entrevista realizada a três pessoas de idade: a D. Alice Crachat, de 92 anos de idade; o senhor Carlos Pinção, de 85 anos de idade; e o Almirante Vítor Crespo, de 82 anos de idade. A recolha de informação através de questionário teve como objetivo saber até que ponto a população tinha conhecimento da toponímia quer atual, quer a mais antiga. A entrevista teve como objetivo elucidar a origem de determinados topónimos, mais concretamente a popular ou espontânea, e, desta forma, completar a investigação, cruzando os dados da documentação escrita com a informação oral.

Tornou-se importante, em primeiro lugar, proceder-se à recolha e levantamento dos topónimos existentes na vila. Em segundo lugar, conhecer o porquê dessas nomeações e, em terceiro lugar, as motivações das designações das ruas. Finalmente, tentar compreender a permanência de alguns topónimos durante os diversos regimes políticos.

O trabalho encontra-se estruturado em dois capítulos. No primeiro capítulo, faz-se um estudo sobre *a Vila de Porto de Mós: o espaço e a história*. No segundo capítulo, analisa-se *a Vila de Porto de Mós e a evolução da toponímia*. No estudo toponímico da Monarquia, referem-se os edifícios mais importantes: os Paços do Concelho, a Santa Casa da Misericórdia, o Pelourinho, a Cadeia e o Coreto.

Considerou-se, ainda, indispensável analisar esses topónimos identificando figuras e acontecimentos que fazem parte das designações. Apresentaram -se, no anexo D, biografias das figuras mais significativas abordadas no estudo. As designações toponímicas desconhecidas foram identificadas ou esclarecidas através das entrevistas efetuadas.

⁶ MEDINA, João- «A toponímia- local de memória» in Matos, Álvaro; RASGA, Raúl, (coord) - *Primeiras Jornadas de história local e regional* (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). 2ª Edição. Lisboa: Edições Colibri, 2004,p.35

Todas estas figuras foram homenageadas em placas toponímicas existentes na vila.

O vocábulo *toponímia* define-se etimologicamente como o estudo histórico e linguístico da origem dos lugares. Deriva do grego, τόπος (tópos), «lugar», e ὄνομα (ónoma), «nome», e explica a origem e evolução dos nomes próprios de uma localidade, de um lugar ou de um sítio.

O estudo da toponímia apoia-se na onomástica e na antroponímia. Moisés Espírito Santo refere que grande parte das designações toponímicas são de «[...]criação oral e só passaram à escrita com as crónicas medievais e, para a maior parte, com a organização dos registos prediais (século XIX) e a cartografia (século XX)».⁷

Assim, conhecer a toponímia de um lugar é conhecer os testemunhos do seu passado, que, como qualquer outra realidade, permanecem mudos se os não soubermos interrogar. Investigar as influências, as modificações e o porquê da perda do seu significado original permite verificar, na evolução toponímica, elementos de grande relevância para a história da urbe.

Porto de Mós não fugiu ao padrão verificado em todo o país e, atualmente, embora existam nomes de ruas que se referem a aspetos da vida social, cultural e económica da terra, todavia são mais abundantes os nomes de personalidades que se destacaram em vida tanto a nível local como a nível nacional. A maioria das vezes são nomes de carácter político ou porque revelaram coragem, valentia, ou se distinguiram pela força de carácter, ou por outra qualidade heroica, mas estão, de uma forma ou outra, relacionadas com o lugar. Existem também topónimos que designam nomes de simples moradores ou enfatizam alguma construção feita na rua, beco ou travessa e que ainda hoje são utilizados pelo vulgo.

Torna-se necessário perceber o motivo e a relação que existe na escolha dos nomes atribuídos às ruas, largos, praças, terreiros, pracetas, travessas, vielas, becos e lugares. Por que é que é necessário preservar a memória desses homens? Quem foram e qual o contributo que deram à vila?

O estudo da evolução toponímica da vila de Porto de Mós, de 1880 a 2015, permite obter uma visão da expansão em termos urbanos, com novos arruamentos e praças. Relativamente ao período mais remoto do estudo, em finais da Monarquia, a documentação encontrada cinge-se às atas camarárias, nas referências às ruas quando se trata de

⁷ ESPÍRITO SANTO, Moisés - *Cinco mil anos de Cultura a Oeste- Etno- História da Religião Popular numa Região da Estremadura*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004, p.347.

calçamentos, moradas, aquisições de terrenos para a construção de arruamentos, fornecendo dados de nomeação e de renomeação. Este período abrange os últimos anos da Monarquia Constitucional, a implantação da República no ano de 1910, o Golpe Militar de 28 de Maio de 1926 e o Estado Novo, com a elaboração da Constituição em vigor de 1933 até 1974 e a implantação do regime democrático até à atualidade.

Não obstante estas datas, sempre que possível identificaram-se alguns topónimos de tempos mais remotos, de forma a permitir compreender a continuidade destes ao longo dos tempos, bem como a rutura ocasionada pelas novas ideologias políticas, permitindo, de uma forma lógica, obter uma evolução cronológica das nomeações. Os quadros que foram criados apresentam a evolução das vias nomeadas e a acompanhar os mesmos, de acordo com a época em estudo, são apresentados mapas, em anexo, com a toponímia alusiva à alteração ocorrida em 1940 e a toponímia em vigor, com os dados recolhidos e elaborados com a ajuda do Serviço de Informação Geográfica de Porto de Mós (SIG). No entanto, a maioria da toponímia foi sendo alterada de acordo com as conjunturas e viragens políticas ao longo das épocas.

Em suma: de todas as obras consultadas, afirma-se que não existe nenhum estudo de toponímia da vila de Porto de Mós.

1. A VILA DE PORTO DE MÓS: O ESPAÇO E A HISTÓRIA

No presente capítulo estuda-se o espaço e a história de Porto de Mós - duas variáveis que se completam e complementam, para uma compreensão da trajetória histórica da vila.

1.1. Localização geográfica e condições naturais

Segundo o geógrafo Alfredo Fernandes Martins, o maior maciço de natureza calcária do país é o Maciço Calcário Estremenho. A caracterização geográfica do conjunto é corroborada por diversos especialistas, que, de forma mais precisa, e com meios mais avançados, a confirmam. A designação hoje conhecida da região substituiu a designação de Maciço de Porto de Mós, nome difundido por Paul Choffat⁸.

O Pinhal do Centro, os Maciços Calcários da Estremadura e a Estremadura Oeste constituem-se como três grupos que formam um todo no território nacional, situado entre o sul do rio Mondego e o norte do rio Tejo⁹.

Deste grande núcleo destaca-se a Região Pinhal do Centro, composta pelo concelho de Pombal, o concelho da Marinha Grande, o concelho de Leiria, o concelho da Batalha e o concelho de Porto de Mós, pertencentes à Região Centro de Portugal (NUTS II)¹⁰.

Porto de Mós, vila e sede de concelho, faz parte do distrito de Leiria (NUTS III). O concelho tem uma área de 263,08 Km², atualmente distribuídos por 12 freguesias: Alcaria, Alqueidão da Serra, Alvados, Arrimal, Calvaria de Cima, Juncal, Mendiga, Mira de Aire, Pedreiras, Porto de Mós, S. Bento e Serro Ventoso.

⁸ MEDEIROS, Carlos Alberto (Dir.). *O Ambiente Físico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005. Vol. 1, p. 108-109.

⁹ ATLAS DE PORTUGAL. *Pinhal do centro. Maciços calcários da Estremadura. Estremadura Oeste. População e Urbanismo*. Matosinhos: QuidNovi-Edição e Conteúdos, S.A., 2008. Vol. 8, p. 12.

¹⁰ NUTS é o acrónimo de “Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos”, tratando-se de um sistema hierárquico de divisão do território em regiões. A nomenclatura subdivide-se em 3 níveis (NUTS I, NUTS II e NUTS III), definidos de acordo com critérios populacionais, administrativos e geográficos. Em 2015, entrou em vigor uma nova divisão regional em Portugal – a NUTS 2013. Em relação à versão anterior (a NUTS 2002), esta apresenta significativas alterações de número e de composição municipal das NUTS III, as quais passaram de 30 para 25 unidades territoriais, agora designadas por “unidades administrativas”. Essas unidades administrativas correspondem a “Entidades Intermunicipais”: “Região Autónoma dos Açores” e “Região Autónoma da Madeira”. Quanto às NUTS I e II, esta nova versão de 2013 não implicou alterações, tendo apenas a designação da NUTS II “Lisboa” passado para “Área Metropolitana de Lisboa”. Assim, os 308 municípios de Portugal agrupam-se, atualmente, em 25 NUTS III, 7 NUTS II e 3 NUTS I. PORDATA, Base de Dados de Portugal Contemporâneo. Fundação Francisco Manuel dos Santos, [Em linha]. [Consultado 2015-03-27]. Disponível em WWW:<<http://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTS>>.

Entre os vales de Mendiga, Minde e Porto de Mós corre o rio Lena, em direção à Batalha, confluindo em Leiria, na margem esquerda do rio Lis. O vale do Lena é constituído por terras muito produtivas, localizadas no sopé da Serra dos Candeeiros.

O maciço de Porto de Mós é composto por três elevações, separadas pelos vales de Mendiga e de Minde tendo, a oriente, a Serra de Aire, a sul, as elevações de cimos aplanados e a ocidente, a Serra dos Candeeiros. Estes dois vales situam-se no plano nivelado da elevação dos montes, onde Porto de Mós se radicou, conjuntamente com as planícies espriadas de Alcobaça e da Batalha.

O Maciço Calcário da Estremadura transpõe os limites do concelho e mesmo do próprio distrito de Leiria. Trata-se de uma região composta por calcários jurássicos e que contém uma riqueza não só geológica mas também paisagística, sendo uma extensa zona de erosão. Esta origina cavernas, muitas delas ainda por explorar¹¹.

No Parque Natural do Maciço Calcário Estremenho, podem encontrar-se as Grutas de S. António, de Alvados e de Mira de Aire «cujos subsolos calcários proporcionam formas inesperadas e belíssimas de estalactites e estalagmites»¹².

Como importante repositório das formações calcárias existentes em Portugal, foi imperativo o reconhecimento da necessidade da classificação do Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (PNSAC) como Parque Natural¹³, pelo Decreto-Lei nº 118/79, de 4 de Maio. A qualificação abrange também a morfologia cársica, a natureza do coberto vegetal e a rede de cursos de água subterrâneos, que constitui um dos maiores reservatórios de água doce subterrânea do nosso país, estendendo-se entre Rio Maior e Leiria. Uma fauna específica criou as condições para que, com este diploma, se pudesse tentar preservar e disciplinar o uso sustentável da natureza. A intensa atividade da extração da pedra, na Serra dos Candeeiros, que apresenta alguma ausência de vegetação, constituiu um dos motivos para tal classificação¹⁴. No PNSAC, destacam-se determinados tipos de árvores, tais como o carvalho cerquinho - espécie que só se encontra na Península Ibérica e no Norte de África

¹¹ GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada. s/d. Vol. XXII, 33 volumes, p. 693.

¹² RAMOS, Luciano Justo - *Castelo de Porto de Mós, Estudo Histórico*. Ed. Câmara Municipal de Porto de Mós, 1971, p. 16.

¹³ CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO DE MÓS. - *Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiro*. s/d. [Em linha].[Consult. 8 de outubro de 2015].Disponível em <http://www.municipio-portodemos.pt/Page.aspx?id=183>. Decreto nº 118/1979. *Diário da República. I Série* - Nº 102 (04-05-1979) pp. 828-830. Cria o Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros.

¹⁴ GIL, Júlio - *Os mais belos castelos de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo, 2002, p. 133-135.

- o carvalho negral e exíguas extensões de azinheiras, de sobreiros, de ulmeiros e de castanheiros. A existência de um grande número de *habitats* permite uma enorme diversidade de fauna, que se divide em aves, mamíferos, répteis e anfíbios. As aves são várias e abundantes, nesta área protegida, sendo conhecidas mais de cem espécies¹⁵.

Porto de Mós tornou-se um ponto de passagem entre Leiria, Tomar e Alcobaça, com a construção de vias e passagens sobre os rios Lis, Nabão, Alcoa e Baça.

As estruturas rodoviárias do concelho consistem numa série de eixos municipais, que ligam diferentes localidades, direcionando-se a maior parte deles para a vila de Porto de Mós e fazendo a ligação aos principais eixos rodoviários nacionais que atravessam o concelho: a EN 362, que liga a vila de Porto de Mós a Santarém, atravessando as freguesias de Serro Ventoso e Mendiga; e a EN 243, que liga Porto de Mós a Torres Novas, atravessando as freguesias de Alvados, Alcária e Mira de Aire. A EN 8 é também uma via com importância para o concelho, uma vez que tem início no concelho, no lugar de Chão da Feira e vai até Lisboa, dando acesso a toda a região Oeste.

Os maiores eixos rodoviários são os que ligam a área noroeste do concelho, atravessada pelo IC2, que é o principal eixo rodoviário, que faz a ligação entre Lisboa e Porto. O mais recente eixo, o IC9, aberto ao tráfego em 2012, veio acrescentar maior centralidade ao concelho, permitindo o acesso direto e mais rápido às autoestradas e beneficiando de um modo direto o acesso aos concelhos da Nazaré, Alcobaça, Batalha, Porto de Mós, Leiria, Ourém e Tomar¹⁶.

¹⁵ INSTITUTO DA CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DAS FLORESTAS – Informação Geral. s/d[Em linha].[consult.10de outubro de 2015].Disponível em <http://www.icnf.pt/portal/turnatur/visit-ap/pn/pnsac/inf-ger>

¹⁶ CÂMARA MUNICIPAL DE PORTO DE MÓS – *Carta Educativa do Concelho de Porto de Mós*. Porto de Mós: Município de Porto de Mós, 2007, p.16. [Em linha]. [Consult.10 de outubro de 2015]. Disponível em <http://www.municipio-portodemos.pt/userfiles/File/Comunicacao/2015/SIG/Carta%20Educativa.pdf>

Mapa 1.1: Localização geográfica do concelho de Porto de Mós.



Fonte: Serviço de Informação Geográfica (SIG) Porto de Mós.

1.2. Breve história da vila de Porto de Mós

A primeira ocupação de Porto de Mós terá começado no cimo de um morro do lado norte, numa pequena elevação de 148 metros de altura, a partir da qual se avista o Vale do Rio Lena e a Serra dos Candeeiros. Destacando-se pela sua altura, existe ainda o Castelo e as muralhas, os quais dominam e protegem a povoação¹⁷, estendendo-se desde a parte mais alta, que constitui o seu núcleo histórico, até ao vale do rio¹⁸.

¹⁷ GIL, Júlio - *Os Mais belos Castelos e Fortalezas de Portugal*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 3ª edição. 1992. Prefaciado por Joaquim Veríssimo Serrão. p. 133.

¹⁸ BRITO, Raquel Soeiro de - Portugal Continental. A ocupação humana. In MATTOSO, José (Dir.) *História de Portugal. Antes de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, pp. 48-55.

Apesar de não se saber de um modo exato qual a sua origem, vários são os estudos que indicam que a fortaleza «deu origem à vila, que se foi edificando em volta das muralhas»¹⁹.

Ainda que não seja possível, até ao momento, estabelecer com precisão a data da fundação de Porto de Mós, sabe-se, através dos vestígios arqueológicos encontrados, que remonta aos tempos pré-históricos.

As notícias sobre a presença humana em Porto de Mós remontam ao período pré-histórico, facto este confirmado pelos fragmentos encontrados da época do bronze, «na quinta de S. Paio, nas Barreiras Caientas e no Ribeiro do Andam: telhas e tijolos, ânforas, minérios e utensílios de ferro [...] que foram recolhidas e guardadas por José Barreiros Calado e Rafael Calado, na sua casa do Juncal e hoje pertencerão a herdeiros da família».²⁰

Quanto ao seu Castelo, estudos indicam que este poderá ter sido edificado sobre um antigo castro.²¹ A fixação humana, desde os tempos mais remotos, é fator indicativo de que existiam boas condições naturais para o desenvolvimento das atividades da agricultura e da exploração mineira na região.

No entanto, todos os indícios encontrados levam a inferir que a vila remonta ao período romano, ao qual vai, de facto, buscar a sua origem. No Castelo apareceram duas lápides romanas, que Hubner publicou (Corp. Inscrip. Lat ., II vol., nºs 5:237 e 5.248). Os próprios achados que relembram esse período, nomeadamente, os silos, as moedas, as fíbulas, os alfinetes e os fragmentos de cerâmica, comprovam a incontestável influência romana no local²².

Na realidade, toda a zona que compreende o vale do rio Lena e do rio Lis foi considerada como um local privilegiado de numerosas estâncias romanas. Efetivamente, o estudo encetado pela Enciclopédia Portuguesa e Brasileira refere a existência, na serra, de restos de uma via «perfeitamente identificáveis» e no vale, «lápides, moedas e sepulturas,

¹⁹ LEAL, Augusto Soares d’Azevedo Barbosa de Pinho – *Portugal Antigo e Moderno – dicionário Geográfico, Estatístico, Chorográfico, Heraldico, Archeologico, Histórico, Biográfico e Etymológico de Todas as Cidades, Vilas e Freguezias de Portugal*, Vol. VI, Lisboa, Lisboa, Livraria Editora de Mattos Moreira e Companhia, p. 571.

²⁰ CACELA, António - *Porto de Mós e o seu termo*, Torres Novas, 1977.p.7 e 8.

²¹ CACELA, António - *Porto de Mós e o seu termo*, Torres Novas, 1977.p.16.

²² SILVA, Isabel (Coord.). " Porto de Mós". In *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*. Matosinhos: Minha Terra, 1997. p. 384.

Reforçando a opinião desta autora, estudamos sobre Porto de Mós na Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, que faz referência aos estudos efetuados por Hübner e Leite de Vasconcelos. *GRANDE ENCICLOPEDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada. Vol. XXII, 33 volumes, pp 691-693.

etc.»²³. Na muralha do Castelo existem algumas cantarias romanas, sendo que duas delas apresentam inscrições votivas, provavelmente reutilizadas pelos visigodos e, posteriormente, pelos muçulmanos²⁴. A zona de Porto de Mós ficou ligada, assim, à «importante via Lisboa-Conimbriga»²⁵, tal como é comprovado pelos troços de estrada romana do Alqueidão da Serra e pela existência de outros fragmentos situados na Fonte de Oleiro²⁶. Para além destes vestígios, existem ainda indícios da presença dos mouros, na toponímia de localidades do seu concelho, uma vez que esta região vincula essa ocupação árabe, nomeadamente através de nomes como Alvados, Alcaria, Alqueidão, ou a vizinha Alcobaça, juntamente com as suas freguesias de Aljubarrota, Alpedriz e Almofala.

Já a designação toponímica de Porto de Mós, *Portus Molis*, está relacionada com a história e a localização geográfica da vila, tendo derivado da junção de *Portus* (porto, ancoradouro) e *molae* (mós ou azenha). Em suma, no local existiria uma passagem no rio, enquanto nas suas margens as azenhas se encontrariam a trabalhar as pedras circulares e rotativas, triturando e moendo o grão dos cereais ou a azeitona²⁷.

Para alguns autores, o rio Lena era considerado navegável, o que justifica o transporte das pedras de mós para os moinhos de cereais através das jangadas daquele local em particular. Moisés Espírito Santo defende que o topónimo Porto de Mós se refere à sua fortaleza e ao seu Castelo, enquanto outros autores argumentam que o topónimo procede «dum porto fluvial donde se exportavam as mós».²⁸ Contudo, e ainda de acordo com Moisés Espírito Santo, o rio Lena, que nasce no concelho, não terá sido navegável, nem se terá praticado a importação e a exportação de mós de moinhos. De referir que o nome *portus molarum*, oriundo do latim, dá origem à designação de Porto de Mós.²⁹ Já Luciano Justo

²³ *GRANDE ENCICLOPEDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA*. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada. Vol. XXII, 33 volumes, pp 691.

²⁴ GIL, Júlio - *Os Mais belos Castelos e Fortalezas de Portugal*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 3ª edição. 1992. Prefaciado por Joaquim Veríssimo Serrão. p. 133.

²⁵ BARRADAS, Alexandra Alves- Ourém e Porto de Mós: A obra mecenática de D. Afonso, 4º conde de Ourém.- (Estudos do Instituto de História da Arte;2, Edições Colibri, Lisboa, 2006, pp. 247

²⁶ PORTO DE MÓS. *Quarenta anos de atividade municipal a bem do concelho de Porto de Mós 1926-1966*, Portugal, Câmara Municipal de Porto de Mós, Porto de Mós.1966.

²⁷ «O principal traço de originalidade da Estremadura está nos maciços calcáreos» refere Orlando Ribeiro que caracteriza a importância da vegetação mediterrânica nesta zona. Com a abertura de estradas que seguiam diretamente aos portos o olival desenvolveu-se e o seu comércio expandiu-se. RIBEIRO, Orlando - *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, Lda., 1993.

²⁸ ESPÍRITO SANTO, Moisés-*Cinco mil anos de cultura a oeste-Etno-história da religião popular numa região da Estremadura*, Assírio e Alvim,2004, p.239.

²⁹ ESPÍRITO SANTO, Moisés-*Cinco mil anos de cultura a oeste-Etno-história da religião popular numa região da Estremadura*, Assírio e Alvim,2004, p.239.

Ramos acrescenta, para a justificação do topónimo Porto de Mós, a análise da origem das palavras que o formam, mais concretamente «expressões *portus* (*porto, ancoradouro, passagem*) e *molae* (*mós, azenha*)» que «alguns naturais e residentes desta vila invocam, sem motivo que se afigure válido, uma possível origem céltica».³⁰

1.2.1. Das origens ao período moderno

Analisando a localização da vila de Porto de Mós, compreende-se que reúne, de facto, as condições ideais para a fixação do homem, permitindo, uma atração das populações que procuravam melhores colheitas nestas terras aluviais, desde os primórdios da nacionalidade.³¹

Foi durante a Reconquista Cristã que na região de Porto de Mós, se travaram diversas batalhas. D. Afonso Henriques conquista o Castelo, no ano de 1148, ao rei Gamir, nomeando D. Fuas Roupinho como alcaide. A D. Fuas Roupinho está associada a lenda do Milagre de Nossa Senhora da Nazaré³².

O Castelo de Porto de Mós terá sofrido remodelações no tempo de D. Sancho I e D. Dinis.

É de ressaltar a grande importância que o Castelo de Porto de Mós teve no crescimento e desenvolvimento da vila, constituindo um baluarte no poder militar e político-administrativo da época. Já possuía um selo em 1274³³, o que demonstra que, naquela altura, a elevada categoria do concelho.

³⁰ RAMOS, Luciano Justo - *Castelo de Porto de Mós, estudo Histórico*, ed. Câmara Municipal de Porto de Mós, 1971, p.16.

³¹ IRIA GONÇALVES, «O Património do Mosteiro de Alcobaça nos Séculos XIV e XV», Lisboa citado por Saúl António Gomes-*Porto de Mós- Coletânea Histórica e Documental séculos XII a XIX*, Porto de Mós, 2005, nas páginas 24 e 27 refere «O Porto das mós dá nome à terra que historiamos, [...] sua prosperidade agrária que impôs, desde muito cedo, as tecnologias rurais da moagem em azenhas, ou mais tarde de moinhos de vento, como investimento capital no processo de produção e transformação das produções agrícolas [...] por uma semente lançada à terra se colhiam 12 a 18[...]».

³² O padre Mendes Boga, na sequência do Milagre da Nazaré faz referências à capela construída no sítio da Nazaré e que fora o alcaide, «a comprovar a sua gratidão levantando sobre os rochedos uma morada mais condigna da Senhora; com o assentimento do herói de S. Mamede, fez também doação das terras que se estendiam da Foz do Alcôa, passando por Águas Belas, entre o mar e a mata de Pataias até ao Furadouro. Esta doação existe na íntegra no Santuário Mariano, tomo 2ª, pág.169.Nela diz D. Fuas Roupinho ser Governador de Porto de Mós e das terras confinantes com Leiria e Torres Vedras; tendo lavrado o processo desta doação a 10 de Dezembro de 1182, três meses depois do milagre; para constar aos vindouros e a quantos visitarem estas terras de prodígio».

³³ GOMES, Saúl, *Porto de Mós Medieval- breves subsídios documentais para o seu conhecimento*. Porto de Mós Câmara Municipal de Porto de Mós,1985 p.17.

No século XIII, aquando da governação de D. Afonso III, “o Bolonhês”, Porto de Mós apresentou um crescimento populacional significativo, existindo, na mesma altura, três paróquias: a de Santa Maria, a de S. Pedro e a de S. João Baptista. A par do crescimento populacional, Porto de Mós apresentou também um crescimento económico, essencialmente ligado à produção agrícola (cereais, vinho e produtos hortícolas) e à produção artesanal (moagem, olaria e lanifícios). Como o pagamento das rendas e das colheitas era feito em moeda, começam a surgir os primeiros tabeliães³⁴.

Em 1281, D. Dinis doou a vila de Porto de Mós à rainha D. Isabel e concedeu uma carta de Foral à vila em 1305. Posteriormente, D. Manuel I foi o responsável pela sua confirmação, em 1515, data em que criou a Santa Casa da Misericórdia, junto da qual foi construída a ermida de S. António e uma gafaria³⁵. Mais tarde, a instituição destinou-se à criação de um hospital para os habitantes da freguesia.

Após a morte da rainha D. Isabel (+1336), D. Afonso IV, seu filho, comprou diversas propriedades em Porto de Mós integrando-as no senhorio das Clarissas de Coimbra³⁶. Em 1357, o rei D. Pedro I ofereceu o senhorio de Porto de Mós à sua mãe, D. Beatriz. Em 1361, o mesmo rei, D. Pedro I, com o consentimento de D. Fernando, doa Porto de Mós ao infante D. João, filho que nascera da sua relação com Inês de Castro.

Após a aclamação de D. João I, o rei fez a doação de Ourém e de Porto de Mós a Nuno Álvares Pereira, conforme carta de doação datada de 20 de agosto de 1385³⁷.

No início do século XV, D. Nuno Álvares Pereira era, ainda, o senhor da vila de Porto de Mós. Em 1422, entregou o condado de Ourém com Porto de Mós a D. Afonso, seu neto, «filho primogénito dos primeiros duques de Bragança»³⁸, tendo mandado restaurar a velha fortificação, que passou a ter traços palacianos acentuadamente civis³⁹. O Castelo de Porto de Mós, construção de carácter militar e defensivo foi então adaptado para um Paço, no século XV, tendo o IV Conde de Ourém, D. Afonso, realizado reformas na vila, entre as quais se

³⁴ GOMES, Saúl António -Porto de Mós- *Coletânea histórica e documental dos séculos XII a XIX*. Edição comemorativa dos 700 anos da Comissão do Foral de 1305, Município de Porto de Mós, 2005,p.35-36

³⁵ Durante a Idade Média, em Portugal, existiam diversos tipos de estabelecimentos assistenciais como as gafarias que eram destinadas ao internamento dos gafos ou leprosos, são também designadas por leprosarias.

³⁶ GOMES, Saúl António -Porto de Mós- *Coletânea histórica e documental dos séculos XII a XIX*. Edição comemorativa dos 700 anos da Comissão do Foral de 1305, Município de Porto de Mós, 2005Saúl António Gomes, p.37.

³⁷ SILVA, Isabel (Coord.). " Porto de Mós". In *Dicionário Enciclopédico das Freguesias*. Matosinhos: Minha Terra, 1997. p. 384.

³⁸ GIL, Júlio- *Os mais belos castelos de Portugal*, editorial Verbo,2002, p.135

³⁹ GIL, Júlio - *Os Mais belos Castelos e Fortalezas de Portugal*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 3ª edição. 1992. Prefaciado por Joaquim Veríssimo Serrão. p. 133

destaca a reforma dos Paços castrenses, que adquiriram características da arquitetura italiana, evidenciadas nos torreões rematados por coberturas em forma de pirâmide.

Porto de Mós ficou, assim, ligado aos Duques de Bragança até 1483. Posteriormente, passou a pertencer ao rei D. João II, que em 1489 doou a vila ao seu primo D. Manuel, duque de Beja. Após a morte de D. João II e, com a subida de D. Manuel I ao trono de Portugal, o rei deixou Porto de Mós à casa de Bragança, a favor de D. Jaime, em 1499.

Durante o reinado de D. Manuel I foi fundada a Misericórdia da Vila de Porto de Mós, um pequeno hospital, denominado de Santo André⁴⁰, cuja finalidade consistia em dar assistência social à população mais desfavorecida, especialmente aos filhos da roda.⁴¹ Em 1541, D. João III confirmou, por alvará, os privilégios que D. Manuel I concedera.

A ligação de Porto de Mós à casa de Bragança prolongou-se por vários séculos até à Revolução Liberal de 1820.

D. João IV «cumulou a titularidade do Ducado com a Real.[...] foram os seus sucessores os reis da dinastia dos Braganças senhores de Porto de Mós até ao triunfo da Monarquia de Portugal»⁴².

A nível eclesiástico, na centúria de seiscentos realizou-se a revisão da cartografia paroquial portomosense⁴³. Foi nesta centúria que se iniciou todo o processo de instalação e edificação do convento dos Frades Eremitas ou Recoletos de Santo Agostinho na vila de Porto de Mós, «com aquiescência da Sereníssima Casa de Bragança»⁴⁴.

Em Porto de Mós existiam, no século XIII, as freguesias de S. Pedro, de S. João Baptista e de Santa Maria do Castelo e, mais tarde, de Nossa Senhora dos Murtinhos⁴⁵. A freguesia de S. Pedro é considerada por muitos estudiosos como sendo a mais antiga do

⁴⁰FRAZÃO, Serra-Porto de Mós- *Breve Monografia*, Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982,p.56

⁴¹SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE PORTO DE MÓS, [em linha]. [Consult. em 23 de outubro de 2015].Disponível na Internet <http://www.santacasa->

[portodemos.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=40&Itemid=59](http://www.santacasa-portodemos.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=40&Itemid=59)

⁴² GOMES, Saúl António -Porto de Mós- *Coletânea histórica e documental dos séculos XII a XIX*. Edição comemorativa dos 700 anos da Comissão do Foral de 1305, Município de Porto de Mós, 2005Saúl António Gomes, p.62.

⁴³GOMES, Saúl António -Porto de Mós- *Coletânea histórica e documental dos séculos XII a XIX*. Edição comemorativa dos 700 anos da Comissão do Foral de 1305, Município de Porto de Mós, 2005Saúl António Gomes, p.62.

⁴⁴GOMES, Saúl António -Porto de Mós- *Coletânea histórica e documental dos séculos XII a XIX*. Edição comemorativa dos 700 anos da Comissão do Foral de 1305, Município de Porto de Mós, 2005Saúl António Gomes, p.66.

⁴⁵ ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. *Memórias paroquiais*.- São Pedro, Porto de Mós, Ourém. 1758, vol. 30, nº 232b, p. 1783 a 1792. Em linha]. [Consultado. 25 Abril 2015]. Disponível em WWW: <<http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4241291>>.

concelho. A sua igreja dava o nome ao largo que a cercava, Praça de S. Pedro, onde se encontrava o pelourinho. No entanto, esta Praça teve também a designação de Praça de S. Pedro, Dr. Augusto Crespo e, atualmente, Praça da República⁴⁶.

A antiga Igreja de S. Pedro tinha uma capela-mor de abóbada com cantaria lavrada, retábulo dourado e pintado. Entre as suas capelas, a igreja possuía uma que se destinava à invocação de S. Sebastião «[...]com imagem de vulto, mandada fazer pelo bispo D. António Pinheiro»⁴⁷. Hoje em dia, o atual edifício da Câmara Municipal da vila encontra-se situado no local exato da referida igreja.

Já a freguesia de S. João Baptista tem a sua igreja na parte mais antiga da vila. Desta freguesia faziam parte a rua da Galega⁴⁸, a mais antiga mouraria e o bairro dos judeus⁴⁹. Em 1757, possuía aproximadamente 300 fogos e era pouco mais pequena que a freguesia de São Pedro⁵⁰. A sua pequena igreja é composta por uma única nave, com uma torre sineira que se destaca de todo o seu conjunto. O seu portal contém um arco de volta perfeita. O interior da igreja, em abóbada de berço, é composto por um único altar em talha dourada, o qual contém uma imagem representativa do seu santo padroeiro, S. João Baptista. Conta, também, com uma imagem da Nossa Senhora da Piedade e uma pia batismal de finais do século XVI⁵¹.

Na estrada que ligava Porto de Mós à Batalha, denominada de Rua da Batalha, existia, entre 1927 e 1939, uma ermida em honra a Santa Luzia, cujas oferendas revertiam a favor do vigário de S. Pedro. A representar a ermida existe, hoje, uma fonte designada por Fonte de Santa Luzia⁵².

⁴⁶ VER anexo A.

⁴⁷ FRAZÃO, Serra – *Porto de Mós- Breve monografia*, Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982,p.64

⁴⁸ «[...] havia uma senhora, D. Joaquina, Dona Ruaquina em espanhol, que ficou aí viúva e como tinha um dedo especial para fazer uns pitéus bons e servia também vinho muito bom, o pessoal, lá de baixo, vinham cá acima e diziam “vamos lá cima a da galega”, portanto lá está ficou a rua galega porque vinham cá comer os lanchezinhos. É isto aquilo que eu sei da D. Joaquina , a Dona Ruaquina , a Galega, também começava a beber uns copos e a contar umas histórias. Ela era viúva e veio da Galiza, daí o nome Rua da Galega. Esses canteiros estavam lá todos a reedificar o castelo. Essa senhora também bebia uns copitos e namorava um velho, também de idade, viúvo e então tínhamos tipo um namoro. Ele bebia os seus copos e era analfabeto mas gostava de ser poeta e fazer umas poesias como esta com rima “os teus olhos têm alcarô (álcool) e também tem resmativle (reumatismo),quondo olho para ti, oh Jequina inda agora, agora, inté parece impossible.Isto para rimar com reumatismo. Isto contava-me o amigo António. Isto é o que eu sei da Rua Galega, que hoje é a Rua D. Fuas Roupinho». Entrevista realizada ao senhor Carlos Pinção, de 85 anos de idade.

⁴⁹ FRAZÃO, Serra – *Porto de Mós- Breve monografia*, Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982,p.70

⁵⁰ FRAZÃO, Serra – *Porto de Mós- Breve monografia*, Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982,p.70

⁵¹ *O COUSEIRO ou memórias do bispado de Leiria*, op. cit., p. 238

⁵² Santa Lúcia de Siracusa (± 283 - † 304), mais conhecida simplesmente por Santa Luzia (santa de luz), segundo a tradição da Igreja Católica, foi uma jovem siciliana, nascida numa família rica de Siracusa, venerada pelos católicos como virgem e mártir cristã, que, segundo conta-se, morreu por volta de 304 durante as perseguições de Diocleciano. É considerada a protetora dos olhos. [em linha]. [consultado em 4/4/2015].

A freguesia de Nossa Senhora dos Murtinhos, ou de Santa Maria, no século XVII, contava já com 150 fogos. O Padre Manoel do Espírito Santo lembra que «A freguesia de Nossa Senhora dos Murtinhos ou de Santa Maria existiu no terreno onde está hoje o cemitério da vila [...] ao pé do Castelo, onde se encontra o cemitério municipal de Porto de Mós»⁵³. Por volta de 1798 foi realizada a «[...]contagem de fogos por freguesia, a fim de aumentar o número de recrutas para o exército»⁵⁴. A freguesia de Santa Maria ou Nossa Senhora dos Murtinhos foi anexada, em 1840, a São João Baptista⁵⁵.

1.2.2. A vila oitocentista

Porto de Mós, a nível jurídico, continuou integrado na comarca de Ourém, (anexos E.1 e E.), em todo o século XVIII e primeira metade do século XIX.

Administrativamente, a vila de Porto de Mós fazia parte do senhorio de Ourém, pertença da casa de Bragança, até à Revolução Liberal.

Estabelecido o governo liberal, o ministro da Fazenda e da Justiça, entre 1832 e 1834, Mouzinho da Silveira, aplicou reformas legislativas, procedendo à divisão do território português em províncias, comarcas e concelhos, à abolição dos forais e dos bens da Coroa e à modernização da administração pública e da justiça. Todas estas alterações e reformas administrativas repercutiram-se, também, no município de Porto de Mós⁵⁶.

Porém, por inépcia e face ao descontentamento dos habitantes de Porto de Mós, por não terem autonomia e continuarem a pertencer a Ourém, no ano de 1846, o governo «viu-se obrigado a restabelecer o município Portomosense»⁵⁷.

Disponível em <https://www.google.pt/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=quem+foi+santa+luzia&spell=>

⁵³ FRAZÃO, Serra – *Porto de Mós- Breve monografia*, Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982,p.74.

⁵⁴ VERÍSSIMO SERRÃO, Joaquim in, *Um passeio pela História de Porto de Mós (séculos XII a XIX)*, ed. Câmara Municipal de Porto de Mós,2003 p.27.

⁵⁵ LEIRIA. Arquivo Distrital de Leiria. *PARÓQUIA DE JOÃO BATISTA - CONCELHO DE PORTO DE MÓS*. [Em linha] [Consultado 25-01-2016] Disponível em WWW: <<http://digitarq.adlra.dgarq.gov.pt/details?id=1032543>>.

⁵⁶ «O consenso geral dos povos do distrito e concelho de Santarém, representados pelos procuradores na junta geral, reconheceram e expressaram na consulta de dezassete de Maio de mil oitocentos e cinquenta e sete, e nas dos anos seguintes a justiça, que assiste a Ourem, para assumir a sua antiga categoria de comarca. Ao lado d’este concelho, cuja antiguidade e riqueza não é desconhecida, está Porto de Moz, villa sempre subordinada à comarca de Ourem, a qual obteve em mil oitocentos e cinquenta e cinco, a sua comarca, no entanto que Ourém, com manifesta desigualdade ainda sofre o injusto golpe na sua autonomia»in ELYSEU, José das Neves Gomes, - *Esboço histórico do concelho de villa de Ourém*. Lisboa: Lizboa, Typhografia Universal,1868,p.167

⁵⁷ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, Vol. VII (1807-1851) p.244-245

Em 1864, o concelho de Porto de Mós, pertencente ao distrito de Leiria, encontrava-se em franco progresso, contava já com onze freguesias e com um total de cerca de 11.613 habitantes. As duas freguesias da vila S. João Baptista e S. Pedro registaram um crescimento populacional significativo, contando-se 751 fogos e 3.328 habitantes.⁵⁸ Nesta altura foi criada a comarca judicial em Porto de Mós, afastada assim da comarca de Ourém.

Em 1870, Porto de Mós, já completamente emancipado de Ourém, projetava uma estrada que o ligava a Santarém e atravessava a Serra dos Candeeiros, permitindo o desenvolvimento das trocas comerciais entre o Ribatejo, Porto de Mós, Batalha, Leiria e Nazaré. A região encontrava-se mais viva e dinâmica, com a exploração mineira em franco desenvolvimento.

A Câmara Municipal de Porto de Mós, com o intuito de desenvolver a região, propôs a construção de um Mercado de Peixe e de Fruta, entre a Travessa e a Avenida de S. João, bem como o alargamento da Rua Emídio Navarro, expropriando alguns prédios. Assim, foi construído, na Praça de S. Pedro, um edifício destinado à Câmara, Tribunal e outras repartições públicas⁵⁹.

Nos finais da Monarquia, a vila de Porto de Mós, tal como grande parte do reino, enfrentava dificuldades orçamentais. Os governos eram forçados a adotar medidas restritivas, entre as quais acabar com determinadas comarcas. Foi o caso da comarca de Porto de Mós, extinta em 1895, cuja jurisdição administrativa passou para a Câmara Municipal de Alcobça, provocando a desvalorização do concelho. Pouco tempo depois, em 1898, voltou a ter o estatuto de concelho, perdendo, no entanto, a freguesia de Minde. Não obstante, importa referir que, nesse mesmo ano, foi autorizada a instalação de uma conservatória do registo predial.

Atualmente, o Edifício dos Paços do Concelho situa-se na Praça da República. No entanto, as sucessivas renomeações desta praça ilustram a evolução da utilização da toponímia pelo poder político local. Na realidade, em finais do século XIX, chamava-se Praça de S. Pedro e reflete, naturalmente, o uso popular e religioso da mesma, isto é, a designação devia-se à igreja que existiu nesse local.

⁵⁸ SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *História de Portugal*, Vol. VII (1807-1851) p.244-245

⁵⁹ ELYSEU, José das Neves Gomes - *Esboço histórico do concelho de villa de Ourém*. Lisboa: Lizboa, Typhografia Universal, 1868, p.31

O edifício dos Paços do Concelho, onde atualmente está instalada a Câmara Municipal, foi o local onde existiu a primitiva Igreja de S. Pedro. A ata de sessão ordinária de 18 de novembro de 1887 faz referência à decisão camarária em avançar para a construção de um novo edifício que pudesse albergar o Tribunal Judicial e demais repartições públicas do concelho⁶⁰. A autorização da Câmara foi feita em ata de sessão ordinária de 6 de Fevereiro de 1889. Na ata de sessão ordinária de 5 de Abril de 1889, o Presidente da Câmara deliberou que esta Praça, com o nome de Praça de S. Pedro, passasse a designar-se por «Praça de Emídio Júlio Navarro, em reconhecimento dos serviços prestados a este Município por sua Excelência enquanto Ministro das Obras Públicas»⁶¹. Contudo, em 1898, esta praça passou a designar-se por Praça Dr. Augusto Crespo, como forma de agradecimento pelo modo como o autarca se interessou pela restauração da Câmara⁶². A construção do edifício dos Paços do Concelho prolongou-se por cerca de 20 anos e exigiu a expropriação de vários prédios. O edifício foi-se erguendo em paralelo com novo traço da zona, acompanhando o alargamento e o próprio calcetamento da Praça de São Pedro e dos arruamentos adjacentes. Em 1906, apelou-se ao rei a autorização para a venda das inscrições deste Município, no valor de 4.450.000 reis, para que se pudesse levar a efeito a conclusão dos trabalhos⁶³.

O século XIX foi crucial para o desenvolvimento económico, social e cultural em Portugal. O país, após a independência do Brasil, passou a contar apenas consigo próprio e com os seus recursos, visto que a posse das colónias africanas não modificava esta realidade, devido ao facto de se encontrarem quase inexploradas.

Portugal registou, neste século, um crescimento económico, significativo. O ramo têxtil liderou a indústria, estendendo-se pela indústria de tabaco, moagem de fertilizantes

⁶⁰ Ata de 18 de novembro de 1887 refere «Decidiu mais por unanimidade construir um edifício para o tribunal Judicial, e mais repartições públicas e arrasar o antigo tribunal por insuficiente; que se abrisse uma rua que partindo em linha recta da Praça de S. Pedro desta villa vá embocar na Travessa de Campolide na parte em que comunica se concedeu ao Largo de S. João e que se providenciasse de forma que sejam expropriadas as propriedades seguintes= A casa da Viúva, e herdeiros de Manoel Mattias= a capella mor da antiga e a muito demolida Igreja de S. Pedro=e um bocado do respetivo passal que lhe fica do lado de sul= a casa de Pedro dos Santos= parte do pateo e quintal da viúva e herdeiros de Antonio Leias de abreu= a casa de Frederico ao Bello da Fonseca, na dita travessa de Campolide=e ainda um pequeno bocado da casa de Felicidade Faustina, todos desta mesma villa para que se hajam votadas no orçamento geral da receita e despesa para o ano de mil oitocentos e oitenta e oito[...]».

⁶¹ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de 18 de novembro de 1887*.

⁶² Na Ata de 9 de Dezembro de 1898 lê-se «Como forma de agradecimento pelo esforço e empenho na causa da Restauração do Concelho. O senhor Presidente propoz que para melhor poder esta Câmara testemunhar publicamente o seu agradecimento aos Exmos Senhores Doutor Augusto Crespo pela maneira como se interessou pela restauração desta Câmara se desse à Praça desta villa a denominação de Praça Dr. Augusto Crespo e a Câmara aprovou esta proposta por aclamação [...]».

⁶³ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de 22 de junho de 1888*.

químicos e da cerâmica, alcançando uma relativa importância. Desta forma, era imprescindível desenvolver as vias de comunicação, em que o comboio teve um papel fundamental ligando o norte ao sul, o interior ao litoral. As vias férreas iniciaram a sua difusão pelo país por ação de Fontes Pereira de Melo.

1.2.3. O desenvolvimento do século XX

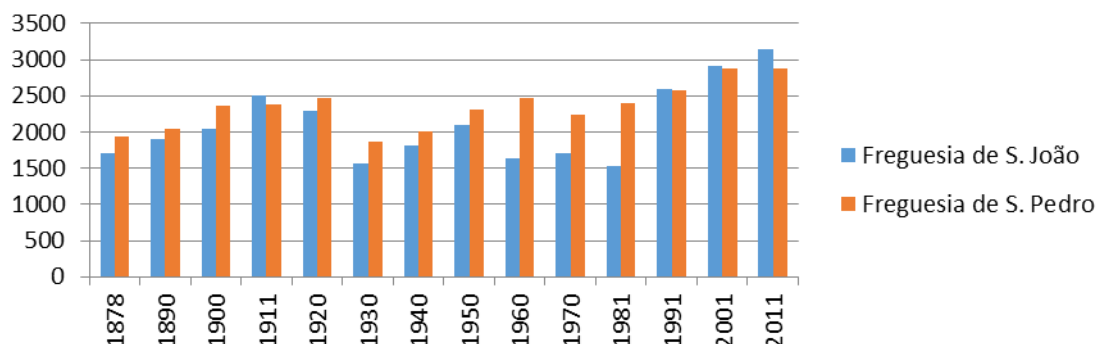
Constatou-se que, na vila de Porto de Mós, ao longo do século XX, registaram-se variações significativas a nível demográfico, conforme se pode observar no quadro 1.1, bem como no gráfico 1.1, relativamente às duas freguesias da vila: S. João Baptista e S. Pedro, que a seguir se apresentam.

Quadro 1.1: Evolução da população da vila de Porto de Mós (freguesias de S. João Baptista e de S. Pedro) de 1878 a 2011⁶⁴.

Anos	População total da freguesia de S. João Baptista	População total da freguesia de S. Pedro
1878	1711	1935
1890	1907	2051
1900	2047	2365
1911	2509	2376
1920	2286	2474
1930	1560	1862
1940	1808	2016
1950	2089	2313
1960	1628	2462
1970	1711	2232
1981	1534	2402
1991	2597	2582
2001	2919	2869
2011	3144	2879

⁶⁴ PORTUGAL - Instituto Nacional de Estatística. Informação estatística. Publicações. População. Censos. WWW < https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes > [Consultado em 2015-05-05].

Gráfico 1.1: Evolução da população da vila de Porto de Mós (freguesias de S. João Baptista e S. Pedro) de 1878 a 2011.



De 1900 a 1911, as duas freguesias apresentaram uma trajetória demográfica crescente, o que continuou a verificar-se até ao ano de 1920, na freguesia de S. Pedro.

Nesta data, a freguesia de S. João Baptista apresenta um decréscimo populacional de 2509 habitantes, em 1911, para 2286 habitantes, em 1920.

Na década de 1920, as duas freguesias registaram um acentuado decréscimo populacional. A freguesia de S. João Baptista, que tinha 2286 habitantes em 1920, passou a contar, dez anos depois, com 1560 habitantes. Enquanto a freguesia de S. Pedro, nos mesmos anos, passou de 2474 para 1862 habitantes. Este decréscimo poderá estar relacionado com o rescaldo da gripe pneumónica e a conjuntura de crise, que se viveu naqueles anos, e que pode justificar a saída de pessoas para outras regiões, uma busca de melhores condições de vida.

Nos anos entre 1940/50, a freguesia de S. João Baptista evidenciou um crescimento populacional progressivo passando de 1808 para 2089 habitantes em 1950, verificando-se, desta forma, um aumento demográfico de 281 habitantes. A freguesia de S. Pedro teve um aumento populacional, passando de 2016 habitantes para 2313, na mesma década.

Na freguesia de S. João Baptista, na década de 1950, houve uma acentuada quebra populacional, passando de 2089 para 1628 habitantes, seguida, de uma ligeira subida na década de 1960, para 1711 habitantes em 1970, que foi contrariada na década seguinte, em que se volta a registar uma ligeira quebra demográfica nesta freguesia, passando para 1534 habitantes. A partir dessa data, regista-se um constante aumento demográfico nessa freguesia, atingindo, no ano de 2011, um total de 3144 habitantes.

A freguesia de S. Pedro, na década de 1950, teve um ligeiro aumento demográfico de 2313 habitantes, em 1950, para 2462, em 1960. Na década de 1960, houve uma inflexão do crescimento populacional para 2242 habitantes. Esta quebra está associada ao conflito colonial, à migração para as áreas metropolitanas de Lisboa e Porto e à emigração para os países do centro da Europa. Entre os anos de 1970 e 1980, surgiram sinais de recuperação demográfica que foram consubstanciados nas décadas seguintes⁶⁵, em que se regista uma evolução demográfica contínua atingindo, em 2011, um total de 2879 habitantes.

Analisados os dados das duas freguesias em estudo, constatou-se que a freguesia de S. Pedro, até aos anos 1980 do século XX, registou uma maior densidade populacional que a freguesia de S. João Baptista. A partir dessa data, verificou-se uma maior expressão populacional, em sentido inverso, para a freguesia de S. João Baptista.

O volume demográfico registado no último Censo contabiliza 2879 indivíduos para a freguesia de S. Pedro e 3144 para a freguesia de S. João Baptista. Este crescimento demográfico da freguesia de S. João Baptista está ligado à nova urbanização denominada Pragosa, e ao crescimento do bairro de S. Miguel.

Finalmente, não se podem esquecer outros fatores, nomeadamente de carácter legislativo, que interferiram, de um modo direto ou indireto no povoamento do território português e, conseqüentemente, no da vila de Porto de Mós.

Assinale-se que, a partir da segunda década do século XX, e respondendo ao crescimento urbano, generalizou-se a produção de Planos Gerais de Melhoramento, forçando as autarquias a elaborar plantas gerais das vilas e das cidades⁶⁶.

Na verdade, foi através do decreto de 1934 que o Estado Novo obrigou as câmaras municipais a elaborar os meios efetivos de planeamento urbanístico, conferindo à administração central a função de acompanhamento e de aprovação. Esta normalização do plano de urbanização deveu-se a Duarte Pacheco⁶⁷.

Com o 25 de Abril, procedeu-se à consolidação da instituição dos planos diretores municipais, os quais têm sofrido diversas alterações, correspondendo a diversas fases, com o empenhamento das autarquias locais e da administração central.

⁶⁵Pré-Diagnóstico social de Porto de Mós. [Consult.em2016-1-16].Disponível em [ile:///C:/Users/Adozinda/Downloads/1.%20Pré-Diagnóstico%20\(1\).Pdf](file:///C:/Users/Adozinda/Downloads/1.%20Pré-Diagnóstico%20(1).Pdf)

⁶⁶ MEDEIROS, Carlos Alberto (Dir.). *O Ambiente Físico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005. Vol. 1, p. 308

⁶⁷ MEDEIROS, Carlos Alberto (Dir.). *O Ambiente Físico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005. Vol. 1, p. 310

Assim, no ano de 2004, o país apresentava-se totalmente coberto de planos municipais de ordenamento do território⁶⁸. Toda esta legislação de ordenamento do território vai ajudar a organizar e a valorizar o nosso património histórico-cultural.

No ano de 2013, deu-se a fusão das freguesias, nomeadamente, de S. Pedro e de S. João Baptista, ficando o concelho com um total de doze freguesias.

A nível económico, nas primeiras décadas do século XX, em Portugal, o setor primário dominava a ocupação da população nacional. A região de Porto de Mós enquadrava-se neste padrão, visto que a grande maioria da população continuava a viver de uma agricultura de subsistência e da criação de gado. A par da atividade rural, a população ativa trabalhava nas pequenas empresas centradas em dois segmentos: a atividade extrativa e a atividade transformadora (indústria têxtil e cerâmica).

A extração do carvão, desenvolvida desde 1740 assumiu uma grande importância na região de Porto de Mós e Batalha «com particular incidência na primeira metade do século XX»⁶⁹, em que o caminho de ferro foi decisivo para este desenvolvimento. O comboio partia da estação da Martingança, passava pela Batalha e por Porto de Mós, transportando passageiros e carvão, seguindo até ao lugar da Bezerra, na freguesia de Serro Ventoso, de onde transportaria o carvão explorado nas minas que ali existiram, juntamente com as das Barrojeira na localidade de Alcanadas. Pelos escritos que se consultaram, verificou-se que existiam projetos para prolongar esta linha até ao Entroncamento, ligando, assim, a Linha do Oeste à do Norte⁷⁰.

Em paralelo com a exploração do carvão, destaca-se a exploração de pedra, com particular realce para o fabrico da calçada portuguesa nesta região.

Em Mira de Aire, freguesia do concelho de Porto de Mós, a atividade têxtil teve um grande desenvolvimento sendo também, um fator dinamizador da economia da região, apresentando-se como um meio periférico, dependente e muito articulado com a envolvente

⁶⁸ MEDEIROS, Carlos Alberto (Dir.). *O Ambiente Físico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005. Vol. 1, p. 340.

⁶⁹ BRANDÃO, José Manuel, et al. *Memórias do Carvão*, Edição conjunta da Câmara Municipal da Batalha e da Câmara Municipal de Porto de Mós, 2015, p. 135

⁷⁰ FRAZÃO, Serra – *Porto de Mós – Breve Monografia*. Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós. 1982 p. 167

rural⁷¹. Na atualidade esta região produz de acordo com formas inovadoras, assistindo-se a uma recolocação dos seus produtos nos mercados internacionais.

A indústria da cerâmica desenvolveu-se na freguesia de Pedreiras, concelho de Porto de Mós, ao longo do século XX, assumindo particular destaque na produção de telhas e de tijolos.

Enraizada na região do Pinhal do Centro, Porto de Mós constitui um núcleo de produtores que, conjuntamente com os restantes concelhos, formam a região caracterizada por culturas de pomares, vinha, mel e oliveiras.

A vila de Porto de Mós, ao longo do século XX, teve um desenvolvimento demográfico marcado por um crescimento descontínuo da população.

A vila expandiu-se pelo espaço da freguesia de S. Pedro, com zonas habitacionais mais modernas de prédios de andares. Foram construídas novas ruas e avenidas e o Posto Médico.

A freguesia de S. João Baptista, que contempla a maior parte da zona histórica, preserva, entre outras, as habitações das pessoas mais idosas, a Câmara Municipal, o Tribunal Judicial, a casa dos Gorjões⁷², a casa do Almirante Vítor Crespo e a Junta de Freguesia⁷³. Atualmente também se encontra em expansão urbanística, nomeadamente no Bairro de S. Miguel e na zona da Pragosa.

⁷¹ MEDEIROS, Carlos Alberto (Dir.). *Geografia de Portugal. Atividades económicas e espaço geográfico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005. Vol. 3, pp: 213; 220.

⁷² A casa dos Gorjões é uma habitação seiscentista remodelada nos séculos XIX e XX. Neste edifício funciona o Departamento de Cultura da Câmara Municipal de Porto de Mós.

⁷³ União das freguesias de S. João Baptista e S. Pedro ocorrida em 2013.

2. A VILA DE PORTO DE MÓS E A EVOLUÇÃO DA TOPONÍMIA

2.1.O burgo medieval - A *vila forte*

Desde tempos mais remotos que o homem teve necessidade de se orientar no espaço geográfico. O conhecimento dos espaços longínquos fez com que o homem começasse a desenhar os primeiros mapas, os portulanos, onde ficavam registados os lugares percorridos, os ventos, a fauna e a flora encontradas, como pontos de referência e testemunho da realidade vivida.

As primitivas formações de aglomerados populacionais, os primeiros espaços urbanos, começaram junto dos grandes rios em terras muito férteis, onde as gramíneas germinavam dando abundantes cereais.

Foi nesses locais que o Homem se fixou alargando, depois a sua área de influência por necessidades estratégicas, defensivas e de sobrevivência, ocupando locais perto dos rios e mares. Desta forma, nasciam os primeiros e rudimentares centros urbanos. A maior parte destas povoações foi evoluindo lentamente, crescendo pouco a pouco e, de acordo com a sua posição geográfica, passou a centros urbanos mais complexos, já personalizados com características socioeconómicas, culturais e políticas.

A forma urbanística desenvolvida no território português tem características e traçado urbano marcado pela *quadrícula* que Hipodamos de Mileto registou num primeiro tratado sobre o tema, no século V a. C. Segundo este princípio, as ruas das cidades eram cortadas em linhas verticais e horizontais, formando ângulos retos. Igualmente Vitruvius, no século I a. C., escreveu sobre urbanismo e sobre as normas a seguir quanto à escolha do local, a construção de muralhas e a localização dos edifícios públicos. O tratado de Vitruvius, contemporâneo da expansão do Império Romano e da romanização em solo português, foi adaptado aos lugares já ocupados e à morfologia dos terrenos, em morro ou colinas dos antigos povoados fortificados da Idade do Ferro⁷⁴. A cidade de Lisboa é exemplo disso. Porém, os condicionalismos, face às ameaças das invasões bárbaras, aquando do declínio do Império Romano, levaram a que, a partir do século III, se levantassem muralhas em pontos estratégicos, que vieram a definir o urbanismo medieval⁷⁵.

⁷⁴ PEREIRA, Paulo – *História da Arte portuguesa*. Volume I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995, p. 80.

⁷⁵ DAVIES, Penelope J. E.; DENNY, Walter B.; HOFRICHTER, Frima Fox et al – *A Nova História da Arte de Janson – A tradição Ocidental*. 9.^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 155.

Essa necessidade de o homem se deslocar e comunicar, desbravando florestas, rasgando caminhos, formando travessas, becos e depois ruas, construindo pontes, fixando-se no lugar, identificando o sítio através do sentido visual, a disposição das construções, a sua forma, os materiais usados, a decoração individualizada de cada uma delas, as atividades económicas que se fixavam e desenvolviam, a tomada de consciência dos ruídos, dos cheiros, dos acontecimentos eram suficientes ao primitivo homem urbano para identificar cada ponto. Os nomes tornavam-se naturalmente conhecidos e fundamentalmente consensuais no seu uso, tanto pelos habitantes da urbe como dos seus visitantes.

Através da memória do povo dessas regiões, as designações foram passando de geração em geração. Muitas foram esquecidas ou alteradas, consoante a necessidade, o gosto, e a sensibilidade das populações, os seus valores culturais, refletindo e perpetuando a importância histórica de factos ou de determinados eventos e acontecimentos. As pessoas retêm determinados temas na sua memória, enquanto se esquecem de outros «de forma natural e não planeada»⁷⁶. Porém, a memória dos grupos, da sociedade, a memória coletiva é o produto de um esforço consciente e deliberado para que certas memórias sejam construídas e depois mantidas como instrumento de poder⁷⁷.

Havendo já muitos estudos sobre a toponímia em Portugal, a identificação de nomes de ruas, praças e rossios é mais eficaz nas pequenas localidades⁷⁸. De salientar, também, as diferenças entre a toponímia rural, onde o homem media forças com a natureza selvagem, e as vilas e cidades, já submetidas pelo desenvolvimento e transformadas com edifícios, abrindo ruas e praças cujos nomes enaltecem elites locais ou nacionais ou datas comemorativas.

Na época medieval, segundo Amélia Aguiar Andrade, a nomeação dos locais era feita valorizando apenas os edifícios construídos em pedra, e a convergência de duas pedras formando uma *cruz*. Em redor dos templos ficavam os *adros* e, por vezes, entre muros, o cemitério, que também nomeava o sítio. As vias essenciais, que ligavam os principais polos

⁷⁶ JOÃO, Maria Isabel – *Memória, História e Educação*. In NW noroeste, revista de história. *Núcleo de Estudos Históricos*. Braga: Universidade do Minho, 2005, pp. 84-86.

⁷⁷ «a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva». LE GOFF, Jacques, dir.; CHARTIER, Roger, dir.; REVEL, Jacques, dir. – *A nova história*. Coimbra: Almedina, 1990, p. 451.

⁷⁸ ANDRADE, Amélia Aguiar - *Horizontes urbanos medievais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, pp. 84-96.

das povoações e os levavam às artérias de saída da localidade, designavam-se de *direita*, ou seja, o percurso mais direto. Nas povoações de maior dimensão, as travessas ligavam as ruas mais importantes tecendo uma teia urbana entre as artérias mais importantes e centralizadas. As periferias, com menor crescimento urbano, criavam os denominados *rossios*, *campos* ou *terreiros*⁷⁹.

As novas ruas, resultantes do crescimento do burgo medieval, ou aquelas que vieram substituir a tradicional rua da judiaria ou da sinagoga, na sequência da expulsão dos judeus, eram designadas de “novas” e as antigas de “velhas”⁸⁰.

A estrutura de defesa, que as muralhas circundantes à povoação ofereciam, dava lugar a designações espontâneas como a *muralha*, a *porta de* ou o *postigo de*, reforçada pela ligação do nome a santo, que lhe conferia um reconfortante sentimento de proteção. Muitas vezes, adossados a estas muralhas, existia um castelo e as artérias que a ele conduziam chamavam-se a *rua do castelo*. O mesmo se passava com as construções régias, os edifícios administrativos ou os solares. A religiosidade que marcava a vida do homem na Idade Média não podia deixar de firmar as localidades com a toponímia ligada aos santos de maior devoção. A existência de uma igreja, mosteiro ou convento era indicador dos nomes das ruas para onde as suas portas abriam⁸¹.

Nos aglomerados habitacionais, desenvolviam-se núcleos de transformação de matérias-primas, indústrias artesanais, que asseguravam a vivência humana, desde as mais pequenas povoações a aldeias, vilas ou cidades. Conhecem-se, então, as ruas dos *correiros*, *sapateiros*, *albardeiros*, *tanoeiros*. As mercadorias eram, naturalmente, comercializadas em praças, rossios, terreiros e feiras por *mercadores* ou *tendeiros* ou em locais fixos, designados de *tendas* ou *boticas*. Existiam os *açougues*, que se situavam geralmente próximo de rios, de *ribeiras* e as designações das atividades ligadas à água, o *lago*, o *rio*, o *poço* ou a *mina*. As *mós dos moinhos* que transformavam os cereais, ou os *canos* que terminavam na *fonte*, *fontenário*, *chafarizes* ofereceram as escolhas dos nomes que se inscreveram nas toponímias dos lugares⁸².

Como se referiu, cada grupo social possui características culturais próprias, uma realidade social, histórica e geográfica genuína e única, revelando nos seus topónimos o tipo

⁷⁹ ANDRADE, Amélia Aguiar - *Horizontes urbanos medievais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, pp. 84-96.

⁸⁰ ANDRADE, Amélia Aguiar - *Horizontes urbanos medievais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, pp. 84-96.

⁸¹ ANDRADE, Amélia Aguiar - *Horizontes urbanos medievais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, pp. 84-96.

⁸² ANDRADE, Amélia Aguiar - *Horizontes urbanos medievais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003, pp. 84-96.

de atividades agrícolas desenvolvidas, as indústrias, o povoamento, as conquistas e reconquistas, ou elementos da natureza como a fauna, a flora, entre outros. À falta de registos escritos, o historiador pode servir-se das designações de topónimos, pois constituem verdadeiros documentos históricos.

Mas, se a continuidade da permanência das comunidades humanas num determinado sítio se mantém, esse sítio é continuamente alterado, refletindo os conceitos urbanísticos de cada época. A toponímia sofreu igualmente alterações e o processo de nomeação dos espaços reflete as novas formas de os pensar.

Moisés Espírito Santo refere que grande parte das designações toponímicas são de «[...]criação oral e só passaram à escrita com as crónicas medievais e, para a maior parte, com a organização dos registos prediais (século XIX) e a cartografia (século XX)»⁸³.

Assim, conhecer a toponímia de um lugar é conhecer os testemunhos do seu passado, que, como qualquer outra realidade, permanecem mudos, se os não soubermos interrogar. Investigar as influências, as modificações e o porquê do desaparecimento do seu significado original permite verificar, na evolução toponímica, elementos de grande relevância para a história da urbe. O desenvolvimento das vias de comunicação fornecem dados importantes das suas funções ao longo da história.

A vila de Porto de Mós, objeto deste estudo, é considerada das mais antigas do distrito de Leiria. As suas memórias remontam a muitos séculos antes da Monarquia⁸⁴. No entanto, as primeiras notícias documentais de Porto de Mós surgem apenas no século XII.⁸⁵

As memórias de Porto de Mós andam à volta das lendas de Frei António Brandão e, ainda, da figura do célebre alcaide, D. Fuas Roupinho. Luís Vaz de Camões *em Os Lusíadas* refere o feito heroico de D. Fuas Roupinho aos mouros em Porto de Mós, como se pode ver nas palavras:

⁸³ ESPÍRITO SANTO, Moisés - *Cinco mil anos de Cultura a Oeste- Etno-História da religião Popular numa religião popular numa região da Estremadura*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004, p.347.

⁸⁴ GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada. s/d. Vol. XXII, 33 volumes, p. 691.

⁸⁵ GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada. s/d. Vol. XXII, 33 volumes, p. 691.

- 16 «Vês este que, saindo da cilada,
 Dá sobre o rei que cerca a vila forte?
 Já o Rei tem preso e a vila descercada;
 Ilustre feito, digno de Marvote!
 Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
 No mar também aos Mouros dando a morte,
 Tomando-lhe as galés, levando a glória
 Da primeira marítima vitória.
- 17 É Dom Fuas Roupinho, que na terra
 E no mar resplandece juntamente,
 Co fogo que acendeu junto da serra
 De Ábila, nas galés da Maura gente.
 Olha como, em tão justa e santa guerra,
 De acabar pelejando está contente.
 Das mãos dos Mouros entra a *felice* alma,
 Triunfando, nos Céus, com justa palma.»⁸⁶

A vila de Porto de Mós, tal como outras vilas medievais, teve um papel defensivo nas lutas para conquistar terrenos aos mouros e defender os limites do território português.⁸⁷

No século XII, Porto de Mós era uma povoação fortificada⁸⁸ que, após a fase militar, foi evoluindo sobretudo do ponto de vista económico, agrário e político. O espaço urbano da vila era definido pelo rio Lena.

Segundo Saúl António Gomes, os vizinhos portomosenses criaram os seus costumes consuetudinariamente mantidos de geração em geração, por via oral. O concelho teve um longo período de autonomia jurisdicional político-administrativa em que o *Concilium Portum Molarum* sedimentou as suas atribuições legais e privacidade nas questões económicas e sociais⁸⁹.

⁸⁶ CAMÕES, Luís Vaz- *Os Lusíadas*, VIII,16 e 17.Porto: Porto Editora,1975,p.269.

⁸⁷ SILVA, Saúl António Gomes C.- *Porto de Mós (Breves subsídios Documentais para o Seu conhecimento)*.Porto de Mós: Edição da Câmara de Porto de Mós,1985,p.13.

⁸⁸ SILVA, Saúl António Gomes C.- *Porto de Mós (Breves subsídios Documentais para o Seu conhecimento)*.Porto de Mós: Edição da Câmara de Porto de Mós,1985,p.14.

⁸⁹ SILVA, Saúl António Gomes C.- *Porto de Mós (Breves subsídios Documentais para o Seu conhecimento)*.Porto de Mós: Edição da Câmara de Porto de Mós,1985,p.22.

A administração da vila estava estabelecida na Carta de Foral de 1305. Cabia ao mordomo da vila, escolhido pelo Rei, a penhora e a demanda dos processos penais, criminais e administrativos.

Durante a Peste Negra, em 1348/49, existiu uma crise de crescimento no Concelho de Porto de Mós, agudizando-se no reinado de D. Fernando⁹⁰. No entanto, a presença judaica, «após 1385 restabelece a vitalidade da vila, do ponto de vista económico [...] e a presença cosmopolita do Conde de Ourém, D. Afonso, de algum modo se coaduna com este facto»⁹¹.

Como se constata, a vila de Porto de Mós, à semelhança de outras vilas medievais portuguesas, foi crescendo a partir do seu Castelo. Surgiram as ruas, as travessas, os becos e a praça, obtendo denominações de acordo com as características das ruas: nomes de pessoas comuns ou elites que nelas moravam, acontecimentos e símbolos, edifícios ou construções, elementos da natureza, locais geográficos e localizações, estratos, condições sociais e títulos, bem como profissões e atividades socioeconómicas.

2.2. Nos finais da Monarquia

O espaço urbano da vila de Porto de Mós, nos tempos da Monarquia, era circunscrito, apenas pela parte histórica, à volta do seu Castelo, abrangendo os edifícios públicos e religiosos, bem como as habitações na área envolvente e onde hoje funcionam a Câmara Municipal e o Tribunal⁹².

Não existindo uma lista de nomeações de ruas, largos, caminhos, avenidas e praças, procuramos reconstituir e elaborar uma classificação para os topónimos encontrados nas atas camarárias e referidos nas entrevistas efetuadas. Consideramos que muitos destes topónimos, biotopónimos e antropónimos constituem uma preciosa ferramenta para o estudo e investigação arqueológica da evolução do Concelho.

⁹⁰ SILVA, Saúl António Gomes C.- *Porto de Mós (Breves subsídios Documentais para o Seu conhecimento)*. Porto de Mós: Edição da Câmara de Porto de Mós, 1985, p.30.

⁹¹ SILVA, Saúl António Gomes C.- *Porto de Mós (Breves subsídios Documentais para o Seu conhecimento)*. Porto de Mós: Edição da Câmara de Porto de Mós, 1985, p.31.

⁹² Elaborado de acordo com a leitura feita das atas de sessão de Câmara e entrevistas que se encontram em anexo.

2.2.1. A vila oitocentista-retrospectiva

A vila de Porto de Mós na centúria oitocentista foi local de passagem dos franceses, durante as Invasões (1808-1810). A presença dos invasores provocou um decréscimo demográfico em resultado de um elevado número de mortos⁹³.

Após a extinção das ordens religiosas, no ano de 1834, houve várias reformas na vila, tanto a nível político como civil. Desapareceu, então, a freguesia de Nossa Senhora dos Murtinhos, que foi anexada à freguesia de S. João Baptista. As paróquias tornam-se freguesias. No edifício do Convento dos Monges Agostinhos Pés Descalços passou a funcionar o tribunal judicial, a cadeia e o hospital⁹⁴.

Em 1875, a Igreja de S. Pedro, que estava instalada no edifício do antigo Convento, foi demolida e construído o edifício dos novos Paços do Concelho⁹⁵. A ata de sessão ordinária de 18 de novembro de 1887 faz referência à decisão camarária em avançar para a construção de um novo edifício que pudesse albergar o Tribunal Judicial e demais repartições públicas do concelho⁹⁶. A autorização da Câmara foi feita em ata de sessão ordinária de 6 de Fevereiro de 1889.

O Edifício dos Paços do Concelho situava-se na Praça de S. Pedro, na zona do sopé do Castelo e albergava o Tribunal Judicial e outras repartições públicas⁹⁷. Os Paços do Concelho foram-se erguendo em paralelo com a nova traça desta zona, acompanhando o alargamento e o próprio calcetamento da Praça de São Pedro, e dos arruamentos adjacentes.

⁹³ *O COUSEIRO ou memórias do bispado de Leiria*, p. 305-307.

⁹⁴ GRANDE ENCICLOPEDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada. s/d. Vol. XXII, 33 volumes, p. 693.

⁹⁵ GOMES, Saúl António -*Porto de Mós, coletânea histórica e documental, séculos XII a XIX*, Edição Comemorativa dos 700 anos da concessão do foral de 1305, Município de Porto de Mós, 2005 p.70.

⁹⁶ «Decidiu mais por unanimidade construir um edificio para o tribunal Judicial, e mais repartições públicas e arrasar o antigo tribunal por insufficiente; que se abraisse uma rua que partindo em linha recta da Praça de S. Pedro desta villa vá embocar na Travessa de Campolide na parte em que comunica se concedeu ao Largo de S. João e que se providenciasse de forma que sejam expropriadas as propriedades seguintes= A casa da Viúva, e herdeiros de Manoel Mattias= a capella mor da antiga e a muito demolida Igreja de S. Pedro=e um bocado do respetivo passal que lhe fica do lado de sul= a casa de Pedro dos Santos= parte do pateo e quintal da viúva e herdeiros de António Leias de abreu= a casa de Frederico ao Bello da Fonseca, na dita travessa de Campolide=e ainda um pequeno bocado da casa de Felicidade Faustina, todos desta mesma villa para que se hajam votadas no orçamento geral da receita e despesa para o ano de mil oitocentos e oitenta e oito[...]»PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 8 de novembro de 1887.

⁹⁷PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 6 de Fevereiro de 1889.

A sua construção prolongou-se por cerca de 20 anos e exigiu a expropriação de vários prédios.

Ao longo de décadas, o edifício dos Paços do Concelho recebeu os serviços da justiça e das diferentes repartições públicas. A planta do edifício mostra que, em duas alas distintas, funcionavam o Tribunal Judicial e outras repartições públicas⁹⁸.

Em 1892, com a reestruturação administrativa, muitos concelhos sofreram alterações significativas como foi o caso de Porto de Mós que passou para a jurisdição administrativa de Alcobaça⁹⁹.

Só quatro anos depois, com a desanexação do seu território da Freguesia de Minde, Porto de Mós veio a recuperar o estatuto de concelho.

Em 1895, face às dificuldades orçamentais, os governos tiveram de fechar algumas comarcas, como aconteceu à Comarca de Porto de Mós. Em 1898, foi construído um tribunal de comércio destinado às causas decorrentes de presas feitas de navios de guerra, bem como uma conservatória de registo predial¹⁰⁰.

Estas mudanças ocorridas na vila de Porto de Mós devem-se ao regime liberal anteriormente instituído.

Outro dos espaços importantes da vila era o Rossio¹⁰¹, zona descampada, de solo de terra batida, sem jardins nem calçada, correndo perto dele o Rio Lena. Era aí que a população se reunia para discutir os assuntos de natureza política, nomeadamente as «grandes quezílias entre os Progressistas e Regeneradores»¹⁰² e a vida social e económica, realizando-se também feiras de gado.

⁹⁸ A *ata de sessão ordinária* de 22 de junho de 1888 faz referência à construção dos Paços do Concelho e Tribunal Judicial.

⁹⁹SERRÃO, Joaquim Veríssimo in, *Um passeio pela história de Porto de Mós (séculos XII-XIX)*, Prof. Doutor Município de Porto de Mós, 2003, p.32.

¹⁰⁰SERRÃO, Joaquim Veríssimo in, *Um passeio pela História de Porto de Mós (séculos XII a XIX)*, ed. Câmara Municipal de Porto de Mós, 2003 p.31.

¹⁰¹ José Pedro Machado, no Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa, sobre Rossio: «nome próprio dado a vários campos ou largos citadinos de Portugal, antigamente – como, por exemplo, ainda hoje, o de Évora –, fora das muralhas ou cerca urbana; neles se realizavam, e ainda realizam, feiras; o mesmo se deu com o Rossio (Praça D. Pedro IV) de Lisboa. Primitivamente, depois do terreno desbastado e preparado, serviam os rossios para sementeira de cereais, para hortas ou para pastagem de gados da comunidade. Assim se tornaram pontos de reunião dos moradores e centros comerciais. Segundo Robert Ricard (no “Bulletin Hispanique”, 56.º, 1954), o português rossio é espaço aberto no limite, entre a aglomeração urbana e o campo circundante, e corresponde ao castelhano ‘ejido’ (do latim ‘exitus’)). [em linha]. [Consultado em 7/6/2015] Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/rossio/11134>

¹⁰² FURRIEL, Francisco Jorge - *Da Pré- História à atualidade- Breve monografia de Porto de Mós*, vol.I edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, 2003,p.282

Em 1895, o Cruzeiro foi demolido para a construção da Estrada da Carreira, passando este monumento para o Rossio¹⁰³.

Junto ao Rossio encontra-se o antigo Convento dos Agostinhos Pés Descalços, atual Igreja de S. Pedro. Nas imediações do antigo Convento existiam terrenos agrícolas, lagares de azeite e azenhas para moagem de cereais, oficinas de artesanato como tanoarias, olarias e tecelagem. Ainda hoje existem escassas ruínas, denotando essas antigas instalações.

Outro monumento importante de Porto de Mós foi o Pelourinho. Ataíde Malafaia, no seu trabalho sobre os pelourinhos portugueses, define "Pelourinho" como «uma coluna de pedra, ou primitivamente de madeira, e em sítio central e público junto da qual, outrora, se expunham e castigavam os criminosos»¹⁰⁴.

No seu capítulo *Pelourinhos*, defende a existência de um pelourinho em Porto de Mós, de acordo com os costumes portugueses. Da organização administrativa de Porto de Mós constava o juiz de fora existente até 1834, além de três vereadores, procurador do concelho, escrivães e outros oficiais. Este autor lembra que, tendo a vila um castelo que D. Sancho I reedificou, logo, no início do século XIII, tinha obrigatoriamente de ter um pelourinho. Cita o Livro dos Acórdãos da Câmara, referindo-se à «[...]arrematação do calcetamento que vai do Escorial à Praça do Pelourinho [...]»¹⁰⁵. O seu rasto, entretanto, deixou de aparecer existindo apenas um cruzeiro classificado como *Imóvel de Interesse Público* pelo então IPPAR que este autor diz ser um «magnífico cruzeiro, agora reconstruído com toda a dignidade [...] assemelhando-se vagamente a certos pelourinhos de gaiola» e cuja nota do decreto junta “Património Classificado, IPPAR, 1993, II, LEI, 63”. Ataíde Malafaia refere que «levou alguns a considerá-lo como sendo o monumento de afirmação municipalista de Porto de Mós, o que está demonstrado não ser verdade»¹⁰⁶.

A Cadeia era outro edifício público da vila que se situava mais ou menos a meio da Praça de S. Pedro, próximo do Castelo, em terreno pertencente ao Dr. Augusto Faustino dos Santos Crespo. A construção do edifício da Cadeia levou vários anos para ser concluída. As

¹⁰³ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Atas de sessão ordinária* de 8 de Fevereiro e 22 de Março de 1895.

¹⁰⁴ MALAFAIA, E. B. de Ataíde - *Pelourinhos Portugueses. Tentâmen de Inventário Geral*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997. Prefaciado por Joaquim Veríssimo Serrão. p. 19.

¹⁰⁵ Ata de Sessão de Câmara de 26 de Abril de 1863.

¹⁰⁶ MALAFAIA, E. B. de Ataíde - *Pelourinhos Portugueses. Tentâmen de Inventário Geral*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997. Prefaciado por Joaquim Veríssimo Serrão. p. 541.

notícias acerca da Rua da Cadeia surgem quando a Câmara de Porto de Mós decide iluminar a rua, mandando «acender um candeeiro para a esquina da Rua da Cadeia»¹⁰⁷.

O Coreto sabe-se que foi colocado em vários locais da vila «visto estar em muito obstruindo a praça, fosse demolido o Coreto Municipal e que aproveitado todo o seu material fosse colocado em outro local»¹⁰⁸. Só mais tarde, já no século XX, foi definitivamente construído no Parque da vila¹⁰⁹.

Por último, encontraram-se notícias do Cemitério, situado próximo do Castelo, na antiga freguesia de Nossa Senhora dos Murtinhos. Junto situa-se a Rua do Cemitério, denominação que surge mencionada nas atas de sessão de Câmara de 10 de junho de 1898.

A vila também já tinha os serviços de Correio e Telégrafo¹¹⁰ e um mercado coberto destinado à venda de peixe e fruta¹¹¹.

Entre 1980 e 1910, na vila de Porto de Mós existiam vários locais públicos como: os Paços do Concelho, o Rossio, o Hospital da Misericórdia (Hospital de Santo André), o Pelourinho, a Cadeia, o Coreto Municipal, o Tribunal Judicial e o Cemitério.

2.2.2. Os topónimos

Em documentos manuscritos, do século XVIII, consultados no Arquivo da Casa de Bragança¹¹², em Vila Viçosa, encontrou-se referência à Rua Direita na vila de Porto de Mós. No entanto, sabe-se que a designação de Rua Direita, muito comum nas vilas e cidades portuguesas, parece remontar à Idade Média, uma vez que era hábito as denominações encontrarem-se associadas a uma função, relacionada a um uso específico de utilidade religiosa, administrativa ou comercial, que permitisse a circulação direta na zona urbana, tomando uma determinada direção.

¹⁰⁷PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 5 de dezembro de 1902.

¹⁰⁸PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Atas de sessão de Câmara* de 24 de março e 16 de junho de 1899.

¹⁰⁹A *Ata de sessão de Câmara* de 1 de setembro de 1932. Refere que «Da quantia de dês escudos e vinte e seis centavos, a Manuel da Cunha Júnior, de Rio Alcaide um metro e cento e quarenta decímetros cúbicos de pedra que forneceu para a construção do Coreto do Parque da Vila. [...] da quantia de trezentos e trinta e cinco escudos, a Adriano Baptista Santos, de Porto de Mós, de uma factura de bancos, estantes e um estrado que forneceu para o Coreto do Parque da Vila».

¹¹⁰ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 8 de março de 1889.

¹¹¹ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 2 de junho de 1889.

¹¹² ARQUIVO HISTÓRICO DA CASA DE BRAGANÇA – Paço Ducal de Vila Viçosa Livro de aforamentos – AF839 Ourém, Proc.ºV, fs 80 e 229.

O termo Rua Direita é indicador de um percurso direto, mais curto, sem obstáculos que ligasse o centro à igreja ou sé. No caso da vila de Porto de Mós, a Rua Direita fazia a ligação do Rossio ao Castelo¹¹³.

Quanto aos outros topónimos e antropónimos da vila, constata-se que se referem a várias terminologias de natureza diversa. Assim, podem aludir a acontecimentos, notícias que ocorreram num determinado sítio, nomes de indivíduos do povo que residiram naquela rua e que foram merecedores de destaque pelas várias características que possuíam, como também por razões que podem ir desde a benemerência, à presidência de câmara ou até mesmo a alguém do mundo religioso.

Alguns topónimos permaneceram inalterados até à atualidade, outros foram substituídos ao longo do tempo e deram lugar a novas nomeações. E outros ainda, embora tenham sido substituídos pelas entidades competentes, continuam a ser conhecidos pela designação mais antiga.

A edilidade com competência para proceder à alteração toponímica na vila, era a Câmara Municipal. Nas atas do arquivo da Câmara Municipal identificaram-se as ruas que se encontram registadas no quadro 2.1.

¹¹³«O termo “Direito” - “recto” correspondendo à distância mais curta entre dois pontos, comum sentido de “directo” e não de reto geometricamente, em que “recto” ou em “linha recta” nos sugere que a direção que se efetua prontamente, acontecendo sem obstáculos entre dois pontos de início e de fim, sem desvios, rodeios ou intermediários». [Em linha].[Consult. em 7 de junho de 2015].Disponível em http://www.academia.edu/4461412/O_reconhecimento_da_Rua_Direita_na_paisagem_urbana_da_actualidade_apesar_da_oculta%C3%A7%C3%A3o_da_sua_designa%C3%A7%C3%A3o

Quadro 2.1: Topónimos dos finais da monarquia (1880/1910).

	Subcategorias	Topónimos/ data das atas
Nomes Comuns	Elementos da natureza	- Calçada das Lamas (Estrada da), ata de (17/7/1887) - Craveiros (Rua dos), ata de (8/11/1889) - Cruz do Sabugueiro (Estrada da), ata de (19/6/1898) - Peixe (Praça do), ata de (28/7/1887) - Portal das Várzeas (Travessa do) , ata de (19/8/1887)
	Edifícios e construções	- Castelo (Rua do), ata de (7/10/1887) - Botica (Largo da), ata de (28/10/1887) - Cemitério (Rua do), ata de (16/8/1888) - Cadeia (Rua da), ata de (5/12/1902)
	Acidentes, espaços geográficos e localizações	- Campolide (Rua de), ata de (16/5/1886) - Campolide (Travessa de), ata de (18/11/1887) -Carreira (Rua da),ata de (25/11/1887 - Direita (Rua), atas de (29/1/1887) - Quebra-costas (Rua do), ata de (2/3/1888) - Rossio, ata de (4/5/1888)
Nomes Próprios	Figuras políticas nacionais e locais	- Eduardo José Coelho (Avenida), ata de (8/11/1889) -Barão de Viamonte (Avenida), ata de (4/7/1892) -Dr. Augusto Crespo (Praça), ata de (9/12/1889) -Emídio Júlio Navarro (Praça de), ata de (2/4/1889)
	Beneméritos e figuras populares	- Jacinta (Travessa da), ata de (9/3/1900)
	Figuras religiosas e eclesiásticas	- S. João (Largo de), ata de (16/8/1889) -S. João (Travessa de), ata de (16/8/1889) -Santo António (Rua de),ata de (16/5/1890) - Praça de S. Pedro (ata de 18 /11/ 1887)

Fonte: PORTO DE MÓS: Câmara Municipal - atas e imprensa do período de 1880 a 1910

A grande maioria das designações toponímicas localiza-se no núcleo antigo da vila, à volta do Castelo, na zona histórica, considerada de elite, muito próximo do centro político e religioso da vila. Destacam-se, nesta parte, o Castelo, a Praça de S. Pedro, o Cemitério e

os Paços do Concelho. A este local desembocam a Rua Direita, a Rua da Carreira, a Rua dos Craveiros, a Rua do Castelo, a Rua do Cemitério e a Travessa de S. João. Nesta área, aglomeravam-se funções religiosas, político-administrativas e económicas.

De acordo com o quadro, nos *nomes comuns*, na subcategoria dos elementos da natureza, encontram-se cinco topónimos: Estrada da Calçada das Lamas,¹¹⁴ cuja designação parece referir-se a uma rua que se localizava junto ao Tribunal Judicial da época¹¹⁵; a Rua dos Craveiros, cuja designação indica a existência de craveiros na rua, na época. Esta rua ligava o Tribunal Judicial à Rua Direita¹¹⁶. Ainda, se encontrou referência à antiga Praça do Peixe, no local onde hoje é o Tribunal¹¹⁷. Esta Praça serviu de cineteatro e casa de espetáculos durante os fins-de-semana, por não existir um local apropriado para o efeito. Após a limpeza deste espaço, as escamas do peixe ainda permaneciam no chão, reluzindo ao sol, daí que o povo passasse a identificar a praça com a denominação de *escama azul*¹¹⁸.

Outra designação toponímica é a Travessa do Portal das Várzeas que se situava num local de planície e de grande fertilidade, com terrenos baixos e planos. Na Praça Cruz do Sabugueiro, a Câmara autorizou a abertura de uma rua pública a partir do «[...] lado poente do cemitério e a terminar na estrada da Cruz do Sabugueiro junto [...] do quintal do Valério a denominar Rua do Cemitério»¹¹⁹.

Na subcategoria dos edifícios e construções destacam-se quatro topónimos: o Largo da Botica,¹²⁰ que se localizava na Praça do Peixe do mercado da vila; a Rua da Cadeia¹²¹; a Rua do Castelo e a Rua do Cemitério.

Nesta altura, tanto a Rua do Castelo como a Rua da Cadeia possuíam iluminação pública¹²².

Na subcategoria dos acidentes, espaços geográficos e localizações encontraram-se as seguintes designações toponímicas: A Rua Campolide¹²³, a e a Travessa de Campolide,¹²⁴

¹¹⁴ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 17 de julho de 1987.

¹¹⁵ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 16 de maio de 1886.

¹¹⁶ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 28 de outubro de 1887.

¹¹⁷ Entrevista realizada ao Senhor Carlos Pinhão, no dia 4 de junho de 2014.

¹¹⁸ Entrevista feita ao senhor Carlos Pinhão, no dia 4 de junho de 2014.

¹¹⁹ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de Sessão ordinária* de 18 de junho de 1898.

¹²⁰ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 28 de outubro de 1887.

¹²¹ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 5 de dezembro de 1902.

¹²² Em 1888, mais propriamente a ata de 6 de Junho, dá-nos a conhecer a Rua do Castelo, quando o Presidente da Câmara da altura, Dr. Faustino dos Santos Crespo, decide mandar «[...] colocar um dos seis candeieiros com que vai ser aumentada a iluminação da villa».

¹²³ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 16 de maio de 1886.

¹²⁴ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 18 de novembro de 1887.

a Rua Direita¹²⁵, o Rossio e a Rua do Quebra-Costas e a Rua da Carreira constituíam pontos de referência dentro da vila, situando-se na zona histórica de Porto de Mós. ¹²⁶A Rua da Carreira alude a caminho de carros, caminho estreito¹²⁷.

A Rua do Quebra-Costas, designação dada pelas características da mesma, «[...] as pessoas com aquelas botas, ali naquela rua muito íngreme escorregavam e quebravam as costas, daí o nome de Quebra - Costas, essa lembro-me muito bem»¹²⁸, situa-se entre o quintal do Dr. Augusto Crespo e a Travessa e Largo de S. João.

Relativamente à categoria dos *nomes próprios*, na subcategoria das figuras políticas nacionais e locais existem cinco designações de topónimos: a Praça de Emídio Júlio Navarro homenageava uma individualidade prestigiada da época que ocupou diversos cargos na vida política, fazendo parte dos órgãos do Partido Progressista, foi secretário do Tribunal de Contas e Deputado em várias legislaturas. Como Ministro das Obras Públicas, Emídio Júlio Navarro deu um grande contributo para o desenvolvimento do Património Nacional. Esta praça foi posteriormente renomeada, passando a designar-se por Praça Dr. Augusto Crespo. A nova designação foi a forma de homenagear e agradecer o esforço e empenho que o mesmo colocou ao serviço da vila ¹²⁹. Esta personalidade natural de Porto de Mós pertencia a uma família de elevada condição social. Destacou-se como advogado, notário, deputado, Governador Civil de Leiria, vogal da Província da Estremadura e Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Porto de Mós. A sua residência situava-se na Praça da República em Porto

¹²⁵ Hélder Silva (Braga, Portugal) refere «Rua Direita é uma deformação [...] de «rua directa», que normalmente vai da igreja principal de uma localidade até à saída mais importante (embora existam variações: entre duas igrejas, entre sé e sede do governo local, entre igreja e torre de menagem). O facto de serem ruas antigas faz com que normalmente sejam bastante tortuosas, mas foram em tempos a rua mais importante, ou pelo menos uma das mais importantes, da povoação em causa.» [em linha].[Consult. em 28 de julho de 2015]. Disponível em <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-de-rua-direita/21218>

¹²⁶ *Ata de sessão ordinária* de 15 de julho 1892 refere *que* «por sentir a urgente necessidade de se proceder à limpeza sanitária neste concelho pedindo que os cantoneiros procedem ao velar nas ruas dos seus respetivos cantões e nomeadamente na Travessa do portal da Várzea, desta villa e que os moradores desta villa sejam intimados para um curto prazo caíarem as paredes dos seus prédios[...]Foi premente outro officio do mesmo senhor informando que é indispensável fazer uma postura que prohiba as lavagens de roupa desde a ponte de Vidal Homem até à ponte de rio cavaleiro».

¹²⁷ De carreira, 'caminho', vindo do latim vulgar carraria, 'caminho de carros'. É comum em Portugal e na Galiza. Tem a variante Carreiro e os derivados Carreiras, Carreirancha, Carreirão, Carreirinha, Carreirinhas, Carreirinhos, Carreiros e Carreiros.[em linha].[Consult. em 3 de agosto de 2015].Disponível em <http://www.infopedia.pt/dicionarios/toponimia/carreira>

¹²⁸ Entrevista realizada ao Senhor Carlos Pinção, no dia 4 de junho de 2014.

¹²⁹ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão da Câmara* de 9 de dezembro de 1898.

de Mós, pertencendo atualmente aos descendentes do sobrinho, almirante Vítor Crespo, falecido em 2014, após a entrevista¹³⁰.

A Avenida Barão de Viamonte foi aberta a Sul do novo Tribunal¹³¹. Esta designação deve-se ao título atribuído por D. Pedro V, a José Dias de Oliveira da Cunha de Viamonte. José Dias de Oliveira da Cunha de Viamonte mudou-se do Porto para Leiria (Quinta dos Andrinos), permanecendo aí até ao fim da sua vida. Em 1884, conquistou um lugar na Câmara dos Deputados, como representante de Pombal. Em janeiro de 1889, foi nomeado Governador Civil do Distrito de Leiria pelo Governo Progressista.

A Avenida Eduardo José Coelho homenageia a personalidade ligada à política. Durante a monarquia liberal, foi deputado pelo Partido Progressista e exerceu funções como Ministro das Obras Públicas. No seu mandato foi aberta a avenida que vai da Rua dos Craveiros até ao adro de S. João, denominada de Rua Eduardo José Coelho¹³². Em 1889, Eduardo José Coelho implementou a reforma na educação, reestruturando o curso geral e o curso complementar. Na subcategoria dos beneméritos e figuras populares existe referência à Travessa da Jacinta¹³³ situada em frente ao Largo de S. João designa o nome de uma personagem moradora na rua.

Em 1888, as ruas de Porto de Mós, por decisão da Câmara Municipal, passaram a ter iluminação pública com 36 candeeiros.

Na subcategoria das figuras religiosas e eclesiásticas, a edilidade camarária homenageou os três Santos Populares atribuindo os seus nomes à Praça de S. Pedro, ao Largo e Travessa de S. João e à Rua de Santo António.

Nessa data, foram feitas outras construções como «[...] uma rua que partindo em linha recta da Praça de S. Pedro desta vila vá embocar na Travessa de Campolide na parte em que comunica com o Largo de S. João [...]»¹³⁴. Para o efeito, foram expropriados proprietários de terrenos e demolida a capela-mor da antiga Igreja de S. Pedro¹³⁵.

¹³⁰ CINCUP- Cooperativa de Informação e Cultura de Porto de Mós CRL -*Memórias do meu jornal*. Compilação de textos de autoria de João António Matias, no jornal *Portomosense*. Batalha: Gráfica da Batalha, 2005.p.157-161.

¹³¹PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 4 de Julho de 1892.

¹³²PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 8 de novembro de 1889.

¹³³Na entrevista ao senhor Carlos Pinhão, realizada no dia 4 de junho de 2014, acerca desta rua, refere que tinha aquele nome porque Maria Jacinta «era uma senhora que morava lá. Até era uma senhora doméstica nada assim de especial».

¹³⁴PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 28 de Outubro de 1887.

¹³⁵PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de Sessão ordinária* de 18 de Novembro de 1887.

Em síntese, constata-se que, durante muitos anos, na vila de Porto de Mós, persistiu um sistema oficial de localização em que a população passou a orientar-se, maioritariamente, pelos elementos da natureza, acidentes, espaços geográficos e localizações e ainda, privilegiou as figuras políticas nacionais e locais, não esquecendo as designações dos Santos Populares.

Algumas ruas e praças foram batizadas e rebatizadas, oficialmente, com designações de figuras ilustres que se destacaram por atividades em que exerceram funções tanto a nível local, como a nível nacional. É o caso da Praça Doutor Augusto Crespo, a Praça Emídio Júlio Navarro, a Avenida Barão de Viamonte e a Avenida Eduardo José Coelho.

Durante este período, constatou-se que a maior representatividade toponímica está relacionada com a categoria dos *nomes comuns*. Relativamente aos *nomes próprios*, verificou-se, entre outros, nomes de personalidades locais e influentes, durante a Monarquia.

2.3. Na I República (1910-1926)

Em 1910, a mudança do regime monárquico para o republicano, no território nacional, também se fez sentir na vila de Porto de Mós.

Ocorreram alguns episódios de violência entre elementos adeptos dos regimes. As notícias da época fazem referência a «janelas, vidraças, portas e paredes dos prédios de progressistas, esburacadas de balas, chumbo e pedra»¹³⁶. As lutas eram sempre acesas e tumultuosas¹³⁷. No entanto, os partidários da República assumiram, logo de seguida, o comando da Câmara. Foram presos o Dr. António Faustino dos Santos Crespo, chefe do Partido Progressista, e o seu filho António Augusto Crespo Júnior que exercia o cargo de recebedor do concelho¹³⁸.

O período republicano foi bastante conturbado. A Primeira República (1910-1926) esteve longe de proporcionar a acalmia de que o país tanto necessitava. Acresce que a participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial acentuou os desequilíbrios económicos e o descontentamento social.

¹³⁶ Ecos do século XX, Distrito de Leiria, Edição jornal de Leiria, Jorlis, edições e publicações Lda.,s/dp.9

¹³⁷ Jornal, *Jornal de Notícias de Alcobaça* de 8 de Novembro de 1908.

¹³⁸ Estas personalidades são familiares diretos do nosso entrevistado, Almirante Vítor Crespo, em 22/7/2014.

Durante a Primeira República, o povo atravessava grandes dificuldades económicas, como consequência da Primeira Guerra Mundial.

A população de Porto de Mós continuava, de uma maneira geral, com precárias condições de vida. O jornal *O Mensageiro*, em março de 1917, noticia que a manutenção militar de Lisboa pretendia retirar de Porto de Mós grande quantidade de milho, o povo amotinou-se, opondo-se à saída desse cereal ¹³⁹.

Na vila existia uma franja restrita de intelectuais e letrados, com ideais republicanos, a par de uma pequena burguesia rural constituída por comerciantes, proprietários agrícolas e industriais, essencialmente do setor têxtil, que em Mira de Aire se encontrava em expansão.

A mudança de regime marcou, indiscutivelmente, a revisão de grande parte da toponímia nacional. A vila de Porto de Mós não foi exceção.

As várias alterações toponímicas efetuadas pela entidade camarária da vila contempla a designação dessa elite intelectual e culta da vila, nas homenagens que lhes presta.

Não foi possível obter uma relação de topónimos de 1911, uma vez que o livro das atas camarárias referentes a este ano se encontra desaparecido. Não obstante esta lacuna, procurou-se colmatá-la com a referência a ruas, travessas, becos e avenidas nos livros dos anos subsequentes, e nos periódicos existentes de 1911. Ainda, com base na renomeação de 1940, foi possível apurar as ruas, travessas, largos e calçadas anteriores a essa data.

Para melhor compreensão do quadro 2.2: Topónimos introduzidos entre 1911 e 1926, sempre que possível, foram colocadas as datas dos registos das atas camarárias. Para muitas ruas não se pôde colocar as respetivas datas por falta do livro de atas de 1911.

Com os elementos encontrados, elaborou-se o quadro que se segue, com a listagem dos topónimos referentes às categorias de *nomes comuns* e *nomes próprios* e as subcategorias correspondentes.

¹³⁹ Jornal, *O Mensageiro* de 14 de Março de 1917.

Quadro 2.2: Topónimos introduzidos entre 1911 e 1926.

	Subcategorias	Topónimos/ data das atas
Nomes Comuns	Elementos da natureza	-Barreiro (Rua do) -Escorial (Travessa do) -Loureiro (Rua do) - Madeira (Rua da), (anterior Rua da Cadeia) -Tílias (Largo das) -Vale Florido (Travessa do)
	Edifícios e construções	-Hospital (Travessa do), ata de (6/8/1926) -Hospital (Rua do), ata de (6/8/1926)
	Acontecimentos históricos, símbolos e valores	- Batalha (Rua da) - República (Praça da) 1/3/1912 (anterior Praça Dr. Augusto Crespo/Praça de S. Pedro/ Praça Emídio Navarro) ¹⁴⁰ - 31 de Janeiro (Largo), ata de 7/6/1912 (anterior Largo da Botica) - 5 de Outubro (Rua), ata de 8/7/1912 (anterior Rua Direita)
	Figuras políticas nacionais e locais	- Adriano de Carvalho (Rua), ata de 12/12/1912 (anterior Estrada da Calçada das Lamas) - Cândido dos Reis (Avenida) - Dr. António Crespo (Rua) - Machado dos Santos (Largo), (anterior Praça do Peixe)
Nomes Próprios	Beneméritos e figuras populares	- Amado (Rua do) - Galega (Travessa da), ata de 31/8/1914 -Galega (Rua), (anterior Rua do Castelo) - Jacinta (Rua da) - José da Ângela (Travessa), (anterior calçada da Cadeia) -Gaivoto (Rua do) -Inglês (Travessa do) -João Pires (Travessa) -João Valentim Travessa) -Miguela (Travessa da) -Ricardo (Beco do) -Rita (Travessa da), ata de (13/4/1923)
	Figuras religiosas e eclesiásticas	-S. Pedro (Calçada de)

Fonte: PORTO DE MÓS: Câmara Municipal - atas e imprensa do período de 1912 a 1926.

¹⁴⁰ A atual Praça da República teve várias renomeações: 1ª- Praça do Pelourinho (ata de 26/4/1963); 2ª- Praça de S. Pedro (ata de 17/11/1887); 3ª- Praça de Emídio Júlio Navarro (ata de 2/4/1889); 4ª- Praça Dr. Augusto Crespo (ata de 9/12/1898); 5ª- Praça da República (ata de 1/3/1912).

Entre 1911 e 1926, presidiram à Câmara de Porto de Mós, Augusto Faustino dos Santos Crespo, Aureliano da Motta Abreu, Afonso de Carvalho Baptista, Diamantino dos Santos, Adelino Pereira da Silva, José Maria Valada e Joaquim Maria Torreira de Sousa.

Deste período foram apuradas designações toponímicas referentes a *nomes comuns*, que se enquadram nas subcategorias dos elementos da natureza; edifícios e construções e acontecimentos históricos, símbolos e valores.

Dos elementos da natureza destacam-se: a Travessa do Escorial que evoca a existência de escórias de carvão da zona; a Travessa do Vale Florido que, embora se desconheça o porquê da sua designação, parece estar relacionada com as características da vegetação espontânea autóctone, como o carrasco¹⁴¹ e o alecrim, plantas medicinais e melíferas abundantes nesta zona, próxima da Serra de Aire; o Largo das Tílias cuja designação se deve à existência de árvores de Tílias nesse largo. Finalmente, quanto à Rua da Madeira, desconhece-se a razão da designação deste topónimo. Levanta-se a hipótese de poder estar relacionada com a ilha da Madeira. No entanto, sabe-se que veio a substituir a anterior Rua da Cadeia. Relativamente à Rua do Barreiro, pensa-se estar relacionada com a extração do barro para a confeção de loiça, visto que a zona é privilegiada neste tipo de matéria-prima. Quanto à Rua do Loureiro, pensa-se que a designação atribuída se refere à existência de loureiros, árvores com fins culinários e medicinais aí existentes.

Na subcategoria dos edifícios e construções, existem ainda, a Rua do Hospital e a Travessa do Hospital que aludem ao primitivo Hospital da vila. Nesse local estão instalados, atualmente, os serviços da Santa Casa da Misericórdia de Porto de Mós.

Nos acontecimentos históricos, símbolos e valores, insere-se a Rua da Batalha que liga Porto de Mós à Batalha.

A Implantação do Regime republicano em Portugal leva a que sejam feitas alterações de topónimos ligados à revolução. A Praça da República¹⁴², antiga Praça de S. Pedro que, ainda em tempo da monarquia foi renomeada com a designação de Praça Dr. Augusto Crespo, designa o novo regime republicano implantado a 5 de outubro de 1910, assim como

¹⁴¹ «O Carrasco é um carvalho que possui geralmente hábito arbustivo, mas que em certos locais atinge o porte arbóreo. As suas características morfológicas e ecológicas são das que melhor definem a vegetação da Região Mediterrânea». [Em linha]. [Consult. em 1 de novembro de 2015]Disponível em <http://natura.link.sapo.pt/Natureza-e-Ambiente/Fichas-de-Especies/content/Ficha-do-Carrasco?bl=1&viewall=true>

¹⁴² PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 1 de março de 1912.

o topónimo da Rua 5 de Outubro que evoca a memória histórica da vitória republicana em Portugal. Após a revolução republicana de 1910, a força militar em serviço da guarda à cadeia esteve aquartelada na Rua 5 de Outubro¹⁴³.

Ainda, na categoria dos acontecimentos históricos, símbolos e valores, insere-se o Largo 31 de Janeiro, anterior Largo da Botica, cuja renomeação foi feita pelo Doutor Adelino Pereira da Silva, presidente da Câmara na altura, deliberando por unanimidade que assim passasse a ser denominado e adquirindo a placa toponímica para o referido Largo¹⁴⁴. A data histórica de 31 de Janeiro refere-se à revolta republicana operada em 31 de Janeiro de 1891, como reação ao Ultimato Inglês. A vila relembra este feito histórico atribuído a designação, 31 de Janeiro a um Largo.

Dos topónimos inseridos na categoria dos *nomes próprios* encontram-se referências a figuras políticas nacionais e locais, como: Avenida Cândido dos Reis foi atribuída em homenagem ao militar e Vice-Almirante republicano convicto que tentou derrubar a Monarquia. Participou no 5 de Outubro de 1910, mas, pensando que a revolta estava frustrada, suicidou-se antes da vitória republicana. Este nome ficou perpetuado numa avenida em Porto de Mós como sendo uma das figuras mártires da República. A Rua Dr. Joaquim de Carvalho, designação atribuída ao recebedor do concelho de Porto de Mós que até à sua morte «[...] militou (...) na política ativa da monarquia, pertencendo ambos ao partido regenerador, em oposição ao progressista, chefiado pelo Dr. Crespo. Era até vulgar designar-se a política de Porto de Mós, às vezes bem sangrenta, por Crespos e Carvalhos»¹⁴⁵.

A renomeação da Rua Adriano de Carvalho¹⁴⁶ é atribuída à antiga Estrada da Calçada das Lamas. A vila homenageia o benemérito e chefe do Partido Regenerador em Porto de Mós e administrador do concelho¹⁴⁷.

A Rua Dr. António Crespo homenageia o bisavô do Almirante Vítor Crespo, pelo seu destaque na Comarca de Porto de Mós. O Almirante Vítor Crespo explicou que a Câmara quis homenagear o seu avô, atribuindo o seu nome à rua, que se localiza a 39°36' 09", -8°

¹⁴³ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 12 de Dezembro de 1912.

¹⁴⁴ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 7 de junho de 1912.

¹⁴⁵ FRAZÃO, Serra. *Porto de Mós- Breve monografia*, Câmara Municipal de Porto de Mós, III vol. 1982, p.192.

¹⁴⁶ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 28 de julho de 1905

¹⁴⁷ FRAZÃO, Serra-*Porto de Mós- Breve monografia*, Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, p.193.

49' 05" , na direção que fica paralela à sua residência, em frente à Câmara Municipal, na Praça da República¹⁴⁸.

Finalmente, foi renomeado o Largo Machado dos Santos em substituição da anterior designação Praça do Peixe. As entidades camarárias homenagearam uma figura política ligada à Revolução de 5 de Outubro de 1910.

Na subcategoria dos beneméritos e figuras populares encontram-se a Rua do Amado que se julga homenagear Paulo Rui Poças Vieira Amado, que foi um Alferes da Força Aérea Portuguesa, e combateu nas ex-províncias do Ultramar¹⁴⁹.

Relativamente ainda às designações referentes às figuras populares, destacam-se neste período a designada Travessa da Galega e a Rua da Galega. A Rua do Castelo foi renomeada com a designação de Rua da Galega. Segundo o que se apurou numa entrevista efetuada ao senhor Carlos Pinção, esta designação de Galega está relacionada com uma senhora, de origem espanhola, popular, a D. Joaquina Galega que vivia nessa rua, onde também tinha uma taberna.¹⁵⁰

¹⁴⁸ «O nome da Rua é do meu avô, António Crespo, que era advogado e conservador, político importante aqui no distrito de Leiria, durante toda a vida e, portanto, a nível nacional, foi pessoa que trouxe a comarca para Porto de Mós e foi pessoa muito importante aqui em Porto de Mós, era um grande proprietário agrícola também e ainda hoje tenho propriedades que eram dele. Ele foi homenageado com esta Rua e com esta casa e não só com a casa, com uma zona, porque eu julgo, eu não estou completamente seguro disto, mas já ouvi falar disto. Não havia acesso direto daqui para o castelo e esta zona toda aqui, para baixo do Cemitério, para baixo do Castelo, até aqui à Praça da República, mais ou menos, era dele. Os terrenos eram dele. E julgo que foi ele que cedeu este acesso direto ao Castelo, portanto numa rua direta, ficou com casas do lado de lá, dos filhos, que era a casa do meu pai, a casa do lado de lá da rua era a casa do meu pai, que já vendi e era esta onde vivo que era casa dele e era ali no Largo de Ourém, havia uma casa também, que era também dele e ofereceu ao filho mais velho e ainda lá está essa casa. Eu não o conheci sequer. Isto são histórias ouvidas na família, porque eu não o conheci, sequer. Ele faleceu antes de eu nascer porque morreu de um ataque cardíaco no teatro em Lisboa, com 69 anos. Falar de Porto de Mós, dessa época no final da Monarquia, é essencial falar do António Crespo e do Carvalho, do Joaquim de Carvalho que era a pessoa do outro partido». Entrevista feita ao Almirante Vítor Crespo, no dia 22 de julho de 2014.

¹⁴⁹ FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: Monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal de Porto de Mós, 2003. Vol. III, p.210.

¹⁵⁰ A origem do topónimo foi-nos referida em entrevista ao senhor Carlos Pinção, no dia 4 de junho de 2014 que «Depois do terramoto de 1755, o Castelo foi demolido e o epicentro foi em Benavente, há uma linha sísmica. Vinham da Galiza canteiros para reconstituir o Castelo. Dessa gente toda havia uma senhora, D. Joaquina, (Dona Ruaquina em espanhol) que ficou aí viúva e, como tinha um dedo especial para fazer uns pitéus bons e servia também vinho muito bom, o pessoal lá de baixo, vinham cá acima e diziam “vamos lá cima à da galega”, portanto, lá está: ficou a rua galega porque vinham cá comer os lanchezinhos. É isto aquilo que eu sei da D. Joaquina (Dona Ruaquina), a Galega, também começava a intimidar-se, a beber uns copos e a contar umas histórias. Ela era viúva e veio da Galiza, daí o nome Rua da Galega. Esses canteiros estavam lá todos a reedificar o Castelo. Essa senhora também bebia uns copitos e namorava um velho, também de idade viúvo e então tínhamos tipo um namoro. Ele bebia os seus copos e era analfabeto, mas gostava de ser poeta e fazer umas poesias como esta com rima “os teus olhos têm alcarô (álcool) e também tem resmativle

A Travessa da Rita¹⁵¹ é também um topónimo indicador de uma senhora moradora da respetiva travessa¹⁵².

A Travessa da Miguela, segundo a entrevista feita à D. Alice Crachat, refere-se a uma moradora daquela rua cuja avó possuía uma loja. Contou a D. Alice Crachat, na sua entrevista, que a «Ti Miguela, avó da Miguela, durante a Segunda Guerra Mundial, conseguia arranjar azeite na candonga».

Para os topónimos da Travessa João Pires, Travessa João Valentim, Rua do Gaivoto, Beco do Ricardo, Travessa do Inglês e Travessa José da Ângela são topónimos indicadores de moradores das respetivas vias.

Outra designação encontrada refere-se à subcategoria das figuras religiosas e eclesiásticas é a Calçada de S. Pedro que evoca o Santo padroeiro da vila.

Durante o período de 1911 a 1926, correspondente à Primeira República, o número de topónimos de ruas novas e renomeações, tanto da categoria dos *nomes comuns* como dos *nomes próprios*, foi bastante significativa. São nomeadas, sobretudo, beneméritos e figuras populares, figuras ligadas a acontecimentos, símbolos e valores e elementos da natureza. Nas renomeações verifica-se a preferência, por parte das entidades camarárias, de personalidades importantes, naturais da vila das quais se destacam a família dos Crespos e a família dos Carvalhos.

2.4 Durante a Ditadura Militar e Estado Novo

Em 1926, o golpe militar desencadeado pelas forças armadas instaurou, em Portugal, uma ditadura militar.

(reumatismo), quando olho para ti, oh Jequina inda agora, agora, inté parece impossible. Isto para rimar com reumatismo. Isto contava-me o amigo António. Isto é o que eu sei da Rua Galega, que hoje é a Rua D. Fuas Roupinho».

¹⁵¹ Acerca da origem deste topónimo a dona Maria Alice Marques Crachat de 92 anos, no dia 21 de maio de 2014, em entrevista referiu «A Travessa da Rita, ah, é ali por trás onde mora a mãe do Amado. A mãe do Adelino dos Reis chamava-se Rita que já falecera. Ele era um engenheiro, não sei se é aquela travessa. A Rita era o nome daquela senhora que lá viveu. Há uma história muito grande sobre ela. Os sogros eram muito ricos...o Adelino, a mãe dele era do norte, o pai dele era o Zé da Costa, ela veio aqui parar, teve aquele filho e não a queriam receber. Era muito má, morava ali no Rio Alcaide, aquilo era dos tios dela... Rita era muito má».

¹⁵² PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 13 de abril de 1923.

A instabilidade política e os graves problemas económicos agudizaram o défice do orçamento assim como a dívida externa de Portugal. Óscar Carmona foi uma figura relevante no golpe militar de 1926, que pôs fim à Primeira República. Foi Presidente da República em 1926, e “eleito” Presidente da República em 1928¹⁵³.

Foi neste contexto que o presidente Carmona convidou António de Oliveira Salazar para superintender a pasta das finanças, conseguindo reduzir as despesas públicas, conquistou, assim, o prestígio que se consolidou na criação de um Estado forte através da sua ação no reforço do poder executivo, tornando-se Chefe de Governo. Acabou com o pluralismo partidário e preconizou a existência de um partido único do Estado, abolindo também os sindicatos.

Por esta altura, os responsáveis políticos da vila de Porto de Mós já manifestavam preocupação com a modernização e reestruturação de todas as infraestruturas, nomeadamente com o arranjo das ruas e o restauro do Castelo¹⁵⁴. Porto de Mós, em 1936, começou a delinear o seu plano urbanístico¹⁵⁵.

Um dos aspetos significativos ocorridos em 1936 foi o projeto de alteração da bandeira e selo da vila, denotando uma preocupação na atribuição da simbologia que a identifica¹⁵⁶. No ano seguinte, foram reparadas as ruas D. Fuas Roupinho e do Castelo¹⁵⁷. Também, no mesmo ano, iniciaram-se as obras de restauro do Castelo que se encontrava em ruínas¹⁵⁸.

Em 1937, o Rossio que se situa a - 39° 35' 58'', N e -8° 49' 11''W, sofreu grandes remodelações pela mão do Capitão José de Sousa Júnior¹⁵⁹, incumbido pelo Presidente da Câmara de então, Dr. Afonso Carvalho Baptista. Planeou o ajardinamento, modernizando-o, e realizou obras de melhoramentos dos arruamentos dentro da vila. Era uma zona

¹⁵³ Presidentes da República. [Em linha]. [Consult. em 13 de janeiro de 2016]. Disponível em http://www.museu.presidencia.pt/presidentes_rep.php?id=102

¹⁵⁴ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. Ata de sessão de Câmara de 3 de setembro 1936.

¹⁵⁵ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. Ata de sessão de Câmara de 10 de setembro de 1936.

¹⁵⁶ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 12 de março de 1936.

¹⁵⁷ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 24 de setembro de 1936.

¹⁵⁸ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 3 de setembro de 1936.

¹⁵⁹ FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, [1999]. Vol. II, p.285

descampada, de solo de terra batida, sem jardins nem calçada, onde perto dele corria o Rio Lena.

As obras de melhoramento do Rossio foram entregues ao senhor António Eleutério da Silva, homem muito conhecido na vila, pois acumulava funções de «ferrador e veterinário autodidata».¹⁶⁰

Em 1939, a Câmara de Porto de Mós, no âmbito da *Exposição do Mundo Português*, manda fazer uma bandeira nova em pelica de lã e preocupa-se em mandar iluminar as vias públicas, construindo ramais domiciliários para o abastecimento de água à vila.

A 17 de julho de 1940, as entidades competentes da Câmara de Porto de Mós procederam à alteração da toponímia da vila¹⁶¹. Nesta altura presidia à Câmara de Porto de Mós, Afonso de Carvalho Baptista que, de acordo com as diretrizes do Estado Novo, procedeu às renomeações das ruas da vila. Durante este período, não se verificou a existência de ruas novas. As renomeações encontradas estão registadas no quadro 2.3., de acordo com as categorias de *nomes comuns* e *nomes próprios* inseridos nas respetivas subcategorias.

¹⁶⁰ FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: Monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal de Porto de Mós, 2003. Vol. III, p.284

¹⁶¹ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 17 de julho de 1940.

Quadro 2.3: Toponímia da vila em 1940.

	Subcategorias	Topónimos
Nomes Comuns	Elementos da natureza	- Escorial (Travessa de trás de S. João do) -Escorial (Azinhaga do), (anterior Travessa de Campolide) - Rio Seco (Caminho do) -Lena (Beco do)
	Edifícios e construções	- Castelo (Calçada do), (anterior Calçada do Quebra- Costas) - Matadouro (Azinhaga do), (anterior Travessa do Inglês)
	Acontecimentos históricos, símbolos e valores	- Benemerência (Rua da), (anterior Travessa do Quebra-Costas) - Saudade (Rua da)
	Nomes Próprios	- Cid (Rua do), (anterior Travessa da Miguela) -Barão de Porto de Mós (Rua), (anterior Rua do Barreiro) -Capitão Cláudio (Rua), (anterior Rua Larga de Campolide) -Combatentes da Grande Guerra (Avenida dos), (anterior Avenida Cândido dos Reis) -Conde de Ourém (Largo), (anterior Largo das Tílias) -D. Afonso Henriques (Alameda), (anterior Parque e Avenida do Rossio) -D. Dinis (Rua), (anterior Rua do Amado) -D. Fuas Roupinho (Rua), (anterior Rua Galega) -D. Fuas Roupinho (Travessa), (anterior Travessa da Rua Galega) -Dr. Oliveira Salazar (Avenida), (anterior Rua da Carreira) -Mestre de Avis (Rua), (anterior Rua da Batalha) -Presidente Carmona (Praça), (anterior Largo do Rossio) -Manuel dos Santos (Travessa), (anterior Travessa do Hospital)
	Figuras da cultura	-Luís de Camões (Rua), (anterior Rua da Jacinta)

	Beneméritos e figuras populares	-Conceição Abreu (Rua), (anterior Rua do Hospital) -José da Ângela (Travessa), (anterior Calçada da Cadeia)
	Figuras religiosas e eclesiásticas	- D. António Pinheiro (Rua), (anterior Rua dos Craveiros) - S. João (Beco de), (anterior Travessa João Pires) -Padre Joaquim Ferreira (Travessa), (anterior Travessa da Rita) -Padre Manuel do Espírito Santo (Rua), (anterior Rua da Madeira) -S. Pedro (Rua de), (anterior Beco do Ricardo) -S. Pedro (Travessa de), (anterior Travessa João Valentim)

Fonte: PORTO DE MÓS: Câmara Municipal-ata de Sessão de Câmara de 17 de Julho de 1940

Na categoria dos *nomes comuns*, na subcategoria elementos da natureza, regista-se a Azinhaga do Escorial¹⁶², designação de renomeação da Travessa de Campolide; o Beco do Lena que parece estar associado ao Rio Lena¹⁶³ que se situa junto ao Rossio da vila. Este Beco é uma passagem, com placa toponímica, que liga o Rossio ao Rio Lena. O caminho do Rio Seco situa-se nas proximidades do Castelo.

Na subcategoria dos edifícios e construções encontram-se os topónimos: Calçada do Castelo, renomeação da antiga Calçada do Quebra-Costas é um caminho empedrado e íngreme que dá acesso ao Castelo da vila. Quanto à Azinhaga do Matadouro, desconhece-se a origem da designação. No entanto, pensa-se estar ligada a um matadouro de animais que existiu na zona. Esta designação veio substituir a antiga Travessa do Inglês.

Na subcategoria dos acontecimentos históricos, símbolos e valores destacam-se a Rua da Saudade, a Rua da Benemerência, antiga Travessa do Quebra-Costas. Segundo o nosso entrevistado, Almirante Vítor Crespo, a Rua da Benemerência relembra e perpetua a memória de uma senhora benfeitora, D. Josefina Crespo, moradora na rua¹⁶⁴.

Na tipologia dos *nomes próprios*, dentro da subcategoria das figuras políticas nacionais e locais encontram-se a Alameda D. Afonso Henriques mais conhecida popularmente por Avenida dos Plátanos. A Alameda D. Afonso Henriques homenageia o primeiro rei de Portugal que conquistou a vila de Porto de Mós aos mouros. A Rua e Travessa D. Fuas Roupinho, renomeações das antigas Ruas e Travessa da Galega, homenageiam o alcaide e primeiro almirante-mor da frota portuguesa no século XII. Foi companheiro de

¹⁶² Denominação de trilha ou acesso estreito e campestre que fica situado entre muros, paredes, valas ou vedações. (Etm. do árabe: az-zinaiqâ) [Em linha]. [Consult. em 27/6/2015]. Disponível em <http://www.lexico.pt/azinhaga/>

¹⁶³ O rio Lena um rio português que nasce no Distrito de Leiria, no concelho de Porto de Mós, concretamente a cerca de três quilómetros a Sul desta localidade, em pleno Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros. [em linha]. Consultado em 26/6/2015]. Disponível em <https://www.google.pt/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Rio+Lena>.

¹⁶⁴ «[...] da Beneficência, era da Benemerência foi numa altura que andaram aí a mudar os nomes das Ruas e que alguém mudou para Beneficência, mas chamava-se rua da Benemerência e eu suponho que tem a ver também com um familiar meu, que era a minha tia-avó. Portanto dos três irmãos: Augusto, António e Josefina. A Josefina Crespo morava numa casinha que é aqui na rua da Benemerência, que é uma rua que tem uma escada com um alpendrezinho de entrada. Essa era a casa dela e porque talvez tenham posto esse nome à rua, porque ela era uma senhora muito dedicada ao bem-fazer, e uma das atividades que tinha era ser catequista em Porto de Mós e eu aprendi a catequese com ela, tínhamos umas aulas especiais lá em casa, mostrava no fim as gravuras de Loret, uma bíblia muito bonita que tinha, e foi uma pessoa muito querida aqui em Porto de Mós e uma figura também aqui com alguma fama de santidade, diziam que uma criada dali tinha umas rendas que tinha deixado o marido que era médico da marinha e que se chamava Ordaz. Portanto, eu suponho que o nome dessa tal rua que era razão dessa minha tia-avó. Esta mudança de Rua do Quebra-Costas, que passa a ser Rua da Benemerência, pode ter sido influência do meu pai ou do meu tio». Entrevista ao Almirante Vítor Crespo, realizada no dia 22/7/2014.

armas de Afonso Henriques tendo-lhe sido entregue a praça de Porto de Mós. Também, a Rua D. Dinis, substituiu a designada rua do Amado, em homenagem ao *rei lavrador*, cujos feitos estão ligados ao Pinhal de Leiria. A Rua do Cid, antiga Travessa da Miguela, homenageia El Cid, Rodrigo ou Rui Diáz de Bivar, o *Campeador*, que viveu no século XI. Foi um cavaleiro célebre, um nobre guerreiro castelhano da reconquista Hispânica e homem de Estado, que combateu os sarracenos. Ficou famoso pelas guerras que travou contra os mouros, tendo como base a cidade de Valência.¹⁶⁵

Também a Rua Capitão Cláudio substituiu a Rua Larga de Campolide. Sabe-se que homenageia a figura de um homem de grande fortuna e com importância em Porto de Mós. Acerca do antropónimo do homenageado Capitão Cláudio desconhece-se a sua origem. Apurou-se que era casado com uma senhora abastada, de nome Mónica, natural de Alvados, freguesia do concelho de Porto de Mós¹⁶⁶.

O Largo Conde de Ourém, antigo Largo das Tílias, evoca a figura de D. Afonso, filho de Afonso, Conde de Barcelos, 4.º Conde de Ourém e descendente de D. Nuno Álvares Pereira. Foi uma das figuras principais na vila, uma vez que esta esteve ligada ao senhorio de Ourém.

Quanto ao homenageado Barão de Porto de Mós, trata-se de Venâncio Pinto do Rêgo Ceia Trigueiros, natural da vila de Porto de Mós, 1.º Barão de Porto de Mós, morgado da Canoeira e da Ribeira da Azóia. Foi uma personalidade de nível nacional a partir de 1840 até à sua trágica morte¹⁶⁷. Destacou-se, em Porto de Mós, em 1825, como juiz e vereador da vila. Na vida pública Nacional desempenhou diversas funções, nomeadamente como fundador do Tribunal de Contas em Portugal¹⁶⁸.

¹⁶⁵ GRANDE DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO, vol. IV, Clube Internacional do Livro, p.1474.

¹⁶⁶ FRAZÃO, Serra, *Porto de Mós- Breve monografia*, Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, p.191.

¹⁶⁷ CUNHA, Borges da - *O Barão de Porto de Mós - Documentos biográficos*, ed. Câmara Municipal de Porto de Mós, 2000, p.7

¹⁶⁸ «A Rua do Barão de Porto de Mós era em homenagem ao barão, que era uma pessoa muito culta e rica, daqui de Porto de Mós. Eu estou ligado ao barão, mas pelo lado da minha mãe. Ele chamava-se Trigueiros, Honorato de Trigueiros. O avô da minha mãe era irmão do Barão. O Barão não tinha filhos. E foi assassinado ali num pinhal para os lados de Leiria e portanto, depois a ligação do Barão a Porto de Mós desfez-se. Aliás, o Barão era uma pessoa muito rica e importante. Ele era rico porque casou com a senhora mais rica do país e já mais velha do que ele. O nome, Barão da Cortiça, vinha-lhe porque ele tinha uma quinta no local da Cortiça. Ele foi particularmente importante porque foi o fundador do Tribunal de Contas, até aí em Portugal não havia Tribunal de Contas e ele fundou o tribunal para análise das contas do Estado. Tem também um parecer muito importante sobre outras atuações, foi numa altura em que houve uma série de desastre grandes na Foz do Douro. Ele pertencia à Comissão de Análise desse desastre, na qualidade de - não sei se na altura era apenas Deputado ou se era Conselheiro. Não sei se pertencia à Câmara Baixa ou à Câmara Alta do Parlamento. Ele foi nomeado para elemento de uma comissão e então propuseram a concessão do Porto do Douro para o Porto de Leixões,

O título de Barão fora-lhe concedido pela Rainha D. Maria «[...] atendendo aos seus serviços, merecimentos e qualidades (...) e querendo conferir-lhe um testemunho público (...) Hei por bem fazer-lhe Mercê do Título de Barão de Porto de Mós, em sua vida [...]».¹⁶⁹ O Barão de Porto de Mós foi também conhecido pelo Barão da Quinta da Cortiça, por ter sido proprietário de uma quinta, próxima de Leiria, a Quinta da Cortiça.

A Avenida dos Combatentes da Grande Guerra homenageia os antigos combatentes portugueses do concelho de Porto de Mós que participaram na Primeira Guerra Mundial. Uma das figuras do concelho que se destacou foi Afonso Vieira Dionísio, comandante do navio *Machico*, que transportou reforços de tropas, material de guerra e mantimentos¹⁷⁰.

A figura de Dr. Oliveira Salazar, personalidade enaltecida pela entidade camarária durante o Estado Novo, numa avenida da vila. Por sua vez, a Rua Mestre de Avis homenageia a figura heroica de D. João I, reconhecendo a importância na vitória da Batalha de Aljubarrota, que afirmou a Independência de Portugal. Esta batalha foi travada na localidade de S. Jorge, território do concelho de Porto de Mós.

Sabe-se, ainda, que os órgãos camarários nomearam a Travessa e Rua Manuel dos Santos em homenagem à figura que se destacou essencialmente na área do ensino e da carreira militar. Tomou parte do governo de Sidónio Pais como um nacionalista¹⁷¹.

No âmbito das subcategorias das figuras da cultura é homenageada a personalidade de Luís de Camões, na antiga Rua da Jacinta, designação de Rua Luís de Camões, em 1940. O poeta épico ficou eternizado e homenageado também na vila de Porto de Mós.

Quanto às personalidades beneméritas e figuras populares são homenageadas José da Ângela, numa Travessa e Conceição Abreu, numa Rua.

A toponímia ligada ao mundo religioso, dentro do espírito da época, foi contemplada com as designações das Ruas Padre Manuel do Espírito Santo, a Travessa Padre Joaquim Ferreira e a Rua D. António Pinheiro.

para maior segurança para um Porto, na região Norte, que não estivesse sujeito às vicissitudes da barra do Douro, como tinha havido um conjunto grandes de acidentes». Entrevista realizada ao Almirante Vitor Crespo, em 22 de julho de 2014.

¹⁶⁹ CUNHA, Borges da - *O Barão de Porto de Mós - Documentos biográficos*, ed. Câmara Municipal de Porto de Mós, 2000, p.102

¹⁷⁰ Porto de Mós- Primeira Guerra Mundial [em linha]. [consultado em 20 de janeiro de 2016] Disponível em lqueidao.com/2014/03/22/primeira-guerra-mundial/

¹⁷¹ FRAZÃO, Serra. *Porto de Mós- Breve monografia*, Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, p.197.

A Rua Padre Manuel do Espírito Santo substituiu a Rua da Madeira, perpetuando a memória do sacerdote, Prior e, mais tarde, Vigário e Arcipreste¹⁷² de Porto de Mós até 1908.

As entidades camarárias homenageiam, ainda, a rainha Santa Isabel, atribuindo o seu nome a uma calçada. A vila de Porto de Mós foi doada por D. Dinis a D. Isabel, em Abril de 1281, como prenda de casamento, assim como Sintra, Óbidos e Abrantes.¹⁷³

A Rua D. António Pinheiro, antiga Rua dos Craveiros, relembra o Bispo de Leiria, natural de Porto de Mós, que fundou o Colégio dos Jesuítas em Bragança. Foi pregador e acompanhou o rei D. Sebastião na sua expedição a África, no ano de 1574¹⁷⁴. Serra Frazão, na monografia de Porto de Mós, faz referência aos restos mortais de D. António Pinheiro, que, provavelmente, se encontram nas bases do edifício do Tribunal de Porto de Mós.

O Beco de S. João, em homenagem ao Santo padroeiro da freguesia de S. João Baptista, veio substituir a Travessa João Pires. Tal como já ficou referido, a rua de S. Pedro homenageia o padroeiro da vila, substituindo o antigo Beco do Ricardo.

Em síntese, na vila de Porto de Mós, a alteração toponímica ocorrida durante o período do Estado Novo, teve o seu auge, no ano de 1940, com as renomeações das ruas. (Quadro 2.4). O Estado Novo demonstrou uma grande preocupação com o passado histórico, que leva à valorização de figuras históricas consideradas emblemáticas, para a memória da nação como por exemplo, D. Afonso Henriques, o fundador da pátria e, Salazar o salvador da Pátria.

Após a alteração toponímica ocorrida em 1940, não temos notícias de haver alterações toponímicas até à revolução de 25 de Abril de 1974.

¹⁷² Título dos vigários de certas igrejas, que lhes confere preeminência sobre os outros vigários.

¹⁷³ FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: Monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal de Porto de Mós, 1999. Vol. I, p.213.

¹⁷⁴ FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: Monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal de Porto de Mós, 2003. Vol. III, p.200-201.

2.5. No regime democrático após 25 de Abril de 1974

No dia 25 de Abril de 1974, as forças militares derrubaram o governo de Marcelo Caetano. O MFA (Movimento das Forças Armadas) preparou um golpe de Estado com o objetivo de estabelecer um regime democrático e pôr fim à guerra colonial. O Almirante Vitor Crespo, um dos entrevistados e uma das figuras mais ilustres de Porto de Mós, integrou o grupo dos capitães que preparou o golpe militar de Abril de 1974.

A *revolução dos cravos* pôs fim à Guerra Colonial, iniciando-se o processo da independência das colónias portuguesas. Através da descolonização feita tardiamente e em circunstâncias muito difíceis. Meio milhão de portugueses tiveram de abandonar as colónias portuguesas. Os seus destinos foram principalmente o Brasil, África do Sul e Portugal. O distrito de Leiria recebeu cerca de 17.723 habitantes¹⁷⁵ e o concelho de Porto de Mós foi também um dos locais onde foram alojados os *retornados*.

Após a Revolução de Abril de 1974, Porto de Mós começa a dar mostras de um pequeno crescimento urbanístico. Assim, em 1975, inicia-se a construção da sede dos Bombeiros Voluntários de Porto de Mós¹⁷⁶. No mesmo ano, a Câmara Municipal lançou uma proposta de construção de uma nova avenida, perpendicular à Avenida da Liberdade¹⁷⁷, no entanto, não vem registado em ata o nome da referida avenida.

A Câmara de Porto de Mós, em 1976, inicia a urbanização de terrenos para a criação de um novo bairro situado na Encosta de S. Miguel¹⁷⁸ e adquire «nove placas com as novas denominações de algumas ruas de Porto de Mós»¹⁷⁹.

No ano seguinte, em 1977, a Câmara Municipal deliberou a «construção da rua da escola em Porto de Mós»¹⁸⁰. Também deliberou a construção do Palácio da Justiça e propôs que fosse colocada uma lápide no cemitério da vila para homenagear as mortes ocorridas no acidente do dia 8 de dezembro de 1936¹⁸¹.

¹⁷⁵ A integração dos “retornados” no interior de Portugal: o caso do distrito da Guarda [em linha]. [Consult. em 11 de novembro de 2015] Disponível na Internet em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/150.pdf>

¹⁷⁶ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 4 de março de 1975.

¹⁷⁷ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 5 de agosto de 1975.

¹⁷⁸ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 29 de abril de 1976.

¹⁷⁹ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de Sessão de Câmara* de 4 de maio de 1976.

¹⁸⁰ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 12 de abril de 1977.

¹⁸¹ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 29 de novembro de 1979.

A construção do Lar da Terceira Idade em Porto de Mós, da Santa Casa da Misericórdia¹⁸², obra muito desejada pelo povo, foi iniciada em 1980.

Na zona junto ao Rossio, mais precisamente ao lado da Igreja de S. Pedro, em 1985, foi aberta uma nova avenida com ligação à Batalha. Na sua sequência, em 1989, foi demolida uma chaminé natural de origem vulcânica «[...] constituída por rochas, tufos, argilas ferruginosas, gesso virgem e sedimentos vários [...] por causa das ingressões e regressões ocorridas nos vales Lis e Lena»¹⁸³, «[...] para dar lugar à abertura da nova Avenida de S. Pedro»¹⁸⁴. Esta ligação de Porto de Mós à Batalha exigiu uma obra de grande investimento feita durante o governo do Dr. Cavaco Silva, que se deslocou a Porto de Mós, em 1991.

Findas as obras desta avenida, já em exercício o novo Presidente da Câmara, Dr. José M. de Oliveira Ferreira, tornou-se necessário disciplinar a circulação automóvel, na vila¹⁸⁵. Para solucionar o problema do tráfego e facilitar a circulação, foi necessário construir uma rotunda localizada no Rossio, tendo sido colocado aí um monumento representando as mós dos moinhos, símbolo de identificação da vila.

O Projeto de construção do Novo Mercado de Porto de Mós foi feito em 1981, envolvendo algumas obras em ruas e a venda de terrenos. No mesmo ano, é feita a «ampliação de uma planta topográfica na zona baixa de Porto de Mós».¹⁸⁶

Em 2003 foi criado o primeiro regulamento toponímico de Porto de Mós, pois até essa data, a nomeação das vias públicas era uma prerrogativa da Câmara Municipal.

No entanto, entre 2003 e 2010 não se encontrou registos de nomeações toponímicas nas atas on-line, relativas à vila.

Quanto ao conhecimento das designações toponímicas atribuídas entre os anos 2003 e 2010, foi feito *in loco*, através da visualização e identificação das placas toponímicas, por parte dos responsáveis dos SIG, da Câmara de Porto de Mós. Segundo informações

¹⁸²PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 9 de dezembro de 1980.

¹⁸³ FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: Monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal de Porto de Mós, [1999].Vol. III, p.280.

¹⁸⁴ FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: Monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal de Porto de Mós, 1999.Vol. III, p.280.

¹⁸⁵ FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: Monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal de Porto de Mós, 1999.Vol. III, p.288.

¹⁸⁶ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 16 de março de 1981.

emanadas pelos responsáveis dos SIG aquando do loteamento das novas urbanizações, estas já continham o nome das novas vias, daí não constarem em atas de sessão de câmara.

Em 2011, foi deliberada a atribuição da Rua Praceta de S. Pedro¹⁸⁷ ao arruamento perpendicular que faz ligação entre a Avenida da Igreja e a Praceta de S. Pedro.¹⁸⁸

Em 2014, a Câmara atribuiu o nome de Largo D. Nuno Álvares Pereira ao largo junto à Rua Cruz do Sabugueiro e Rua Mestre de Avis.¹⁸⁹

Para melhor compreensão do crescimento urbanístico da vila, elaborou-se o quadro 2.4 que se apresenta e o mapa E.5. que se encontra em anexo com a toponímia atualizada até 2015.

Quadro 2.4: Toponímia da vila de 1975-2015.

	Subcategorias	Topónimos
Nomes Comuns	Elementos da natureza	-Penedo Fagundo (Rua) -Cruz do Sabugueiro (Rua da) -Fonte do Castelo (Rua da) -Rio Alcaide (Rua do) -Rio Seco (Travessa do) -Escorial (Rua do) -Boavista (Rua da)
	Edifícios e construções	-Liceu (Rua do), (20/8/1979) Passou a designa-se Rua Adelino Reis dos Santos -Igreja (Avenida da), (Avenida de São Pedro) -Forca (Rua da) -Castelo (Rua do)

¹⁸⁷ Esta designação de Rua e Praceta de S. Pedro ainda se mantém para evitar a oneração de encargos e despesas para os moradores, por exemplo: tinham que alterar a morada em vários documentos como o Cartão de Cidadão entre outros.

¹⁸⁸ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 27 de dezembro de 2011.

¹⁸⁹ PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 29 de fevereiro de 2014.

	Acontecimentos históricos, símbolos, ideologias e valores	-Liberdade (Avenida da) -5/8/1975 (antiga Avenida Dr. Oliveira Salazar) -Vila Forte (Avenida) -Cruzeiro (Rua do)
	Profissões e atividades socioeconómicas	-Bombeiros (Rua dos)
	Locais geográficos e localizações	- 1º de Maio(Largo)/Rossio (Largo do) -22/7/1977 -Eira (Encosta da) -Costa (Rua da)
Nomes Próprios	Figuras políticas nacionais e locais	-Dr. Francisco de Sá Carneiro (Avenida) (8/6/1981) -Engenheiro Adelino Amaro da Costa (Rua) (8/6/1981) -Conde Barão (Travessa do), (antiga Azinhaga do Matadouro) -Dr. Licínio Moreira da Silva (Avenida) - Almirante Vitor Trigueiros Crespo (Parque) Também conhecido por Parque Verde
	Figuras da cultura e do desporto	-Francisco Serra Frazão (Rua) -Arménio Marques (Praceta) -João Matias (Praça) -João Matias (Rua), (antiga calçada de S. Pedro)
	Beneméritos e figuras populares	-Capitão José de Sousa (Largo) -Fernando Brito Sousa Pinção (Rua) -Engenheiro Adelino Reis dos Santos (Rua), (Conhecida por Rua do Liceu) -João Filipe Guerra (Largo), (antiga Travessa de S. Pedro)

	Figuras históricas	- D. Nuno Álvares Pereira (Largo) -Luís de Camões (Avenida) - Vasco da Gama (Rua)
	Figuras religiosas e eclesiásticas	-Santo António (Avenida de) (16/3/1981) -Santo António (Beco de) -S. António (Escadas) -S. Pedro (Rua da Praceta de) -S. Pedro (Avenida de), Conhecida por Avenida da Igreja -Bairro S. Miguel (Escadas do) - S. Miguel (Travessa de) - S. João (Rua de) -S. Miguel (Rua de)

Fonte: PORTO DE MÓS: Câmara Municipal- atas de sessão da Câmara

Seguindo a mesma metodologia adotada para as épocas anteriores, também aqui, agruparam-se as vias em categorias de *nomes comuns* e *nomes próprios*.

Na categoria dos *nomes comuns*, encontram-se, na subcategoria dos elementos da natureza as seguintes vias: a Rua Penedo Fagundo, designação que parece estar relacionada com a localidade onde passa a rua; a Rua Cruz do Sabugueiro, parte da zona oeste da vila e liga à Rua Conde Barão; a Rua Fonte do Castelo designa o local de uma fonte situada por trás do Castelo; a Rua do rio Alcaide também designada de N243, parte do Largo do Rossio e percorre toda a zona do Rio Alcaide; a Travessa do Rio Seco liga a Rua da Fonte do Castelo à Rua do Escorial; a Rua da Boavista tem início na Rua de S. Pedro e termina numa zona, fora da vila designada de Ribeira de Cima.

Dentro da subcategoria dos edifícios e construções, existem na nova toponímia, a Rua do Liceu¹⁹⁰, que corresponde à Rua da Escola. Esta Rua, atualmente tem placa toponímica com a designação de Rua Engenheiro Adelino Reis. No entanto, continua a ser

¹⁹⁰PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de Sessão de Câmara* de 20 de setembro de 1979.

conhecida por Rua do Liceu. A Avenida da Igreja corresponde à Avenida de S. Pedro que, por sua vez, parte do Largo do Rossio e termina na Rua Mestre de Avis (antiga Rua da Batalha); a Rua da Forca, designação atribuída por se situar nas proximidades das ruínas da Forca da vila. Por fim, encontra-se a Rua do Castelo que se trata de uma passagem para o Castelo e não tem placa toponímica.

Ainda, na categoria dos *nomes comuns*, inserindo-se na subcategoria dos acontecimentos históricos, símbolos, ideologias e valores verificam-se duas alterações toponímicas. A Avenida Dr. Oliveira Salazar recebeu o nome de Avenida da Liberdade. A Avenida Vila Forte é uma avenida nova que liga o Largo do Rossio à IC2. Esta designação relembra o epíteto atribuído por Camões, em «Os Lusíadas», à vila de Porto de Mós. A Rua do Cruzeiro tem início na Rua Adriano de Carvalho e termina na Avenida Luís de Camões.

Relativamente às profissões existe a Rua dos Bombeiros, que tem início na Avenida da Liberdade e fim na Travessa Padre Joaquim Ferreira, foi outra construção assim designada, por permitir o acesso ao Quartel dos Bombeiros Voluntários de Porto de Mós.

Na subcategoria dos locais geográficos e localizações encontra-se o Largo do Rossio, que teve a designação temporária de Largo Primeiro de Maio, até 1977, quando a Junta de Freguesia renomeou o mesmo largo com a designação de Largo do Rossio, recuperando a designação que vinha desde os finais da Monarquia¹⁹¹.

A Encosta da Eira e a Rua da Costa são designações que se desconhece a razão destas atribuições. No entanto, pensa-se estarem relacionadas com a localização geográfica das mesmas.

Na categoria dos *nomes próprios*, relativamente às figuras políticas nacionais e locais destaca-se a Avenida Dr. Francisco de Sá Carneiro, renomeada em 1981. Quanto à Avenida Calouste Gulbenkian, «a câmara deliberou sugerir à Assembleia Municipal que a avenida em frente ao Mercado venha a designar-se Avenida Calouste Gulbenkian»¹⁹². A deliberação camarária não teve sequência, o que existe é a Avenida Dr. Sá Carneiro, uma rua nova em frente ao mercado municipal, à Praceta Arménio Marques e ao Cine teatro da Vila. Francisco de Sá Carneiro foi um político português, líder do Partido Popular Democrático/Partido Social Democrata e ministro durante onze meses. A Rua Adelino Amaro da Costa recorda o

¹⁹¹PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão de Câmara* de 22 de julho de 1977.

¹⁹²PORTO DE MÓS, Câmara Municipal. *Ata de sessão ordinária* de 8 de junho de 1981.

Engenheiro Civil e político, fundador do Centro Democrático Social (CDS), vítima do desastre de um avião em Camarate, na noite do dia 4 de Dezembro de 1980 com o Primeiro-Ministro Francisco Sá Carneiro e outros acompanhantes.

A Travessa do Conde Barão surge em substituição do topónimo Azinhaga do Matadouro, designação toponímica alterada em 1940.

A Avenida Dr. Licínio Moreira da Silva é uma nova avenida que homenageia uma figura local, que se destacou como Presidente da Câmara de Porto de Mós até 1974. Esta personalidade não foi esquecida pelos seus portomosenses que o homenagearam com o nome de uma Avenida. Ainda, a personalidade do Almirante Vítor Crespo foi homenageada dando ao Parque da vila, o seu nome.

No que concerne às figuras da cultura e do desporto registam-se a Rua Francisco Serra Frazão, designação escolhida pelos órgãos camarários para homenagear um professor primário, natural da Serra de Santo António, que se destacou no jornalismo e escreveu uma monografia sobre Porto de Mós; a Praceta João Matias relembra também um jornalista da terra, fundador do jornal *O Portomosense*. João António Matias nasceu em 1913 na localidade de Pragosa, Porto de Mós, e desenvolveu diversas atividades no município como funcionário público. Foi membro da Junta Nacional do Vinho, primeiro em Porto de Mós, depois no Cadaval. Em Ourém foi chefe de secretaria, depois partiu para o Algarve, exercendo funções na Câmara de Portimão. Mais tarde foi para Lisboa trabalhar no 4.º bairro administrativo. Ainda fez parte da Assembleia Distrital de Lisboa e colaborou na redação do jornal *O século*. Quando regressou a Porto de Mós, fundou o seu próprio jornal, no qual trabalhava afincadamente.

Em 1989, ofereceu o seu jornal à CINCUP (Cooperativa de Informação e Cultura de Porto de Mós), escrevendo diversos artigos. Faleceu no dia 24 de abril de 1999 e Porto de Mós recorda a sua figura no Largo e Praceta, pela dedicação à cultura, ao jornalismo e o amor à própria vila.

A Praceta Arménio Marques evoca um Portomosense autodidata que se destacou na dinamização do teatro, desporto, música e folclore. Foi erguida uma estátua com o busto do

homenageado e colocada em frente ao cineteatro de Porto de Mós. É a única estátua comemorativa que se conhece na vila¹⁹³.

Na subcategoria dos beneméritos e figuras populares destacam-se a Rua Engenheiro Adelino Reis dos Santos é um arruamento que passa próximo da sede da atual *Cooperativa Luso Fruta* e em frente à Escola Secundária da vila de Porto de Mós Adelino Reis dos Santos era natural da Pena, Lisboa, filho de Manuel dos Santos, homenageado com a Travessa Manuel dos Santos, referido na toponímia de 1940. Exerceu cargos de direção na Cooperativa Agrícola de Porto de Mós e na Caixa Agrícola de Porto de Mós. Dos beneméritos e figuras populares, são destacados o Capitão José de Sousa, homenageado num Largo em 1981. Este Largo, por sua vez passa a rua. O Capitão José de Sousa, homenageado no largo, trata-se de uma figura de Porto de Mós que enveredou pela carreira militar. Fez comissões no Ultramar, nomeadamente em Angola, tendo sido condecorado pelas suas vitórias. De regresso a Porto de Mós, a sua terra natal, ocupou o cargo de vice-presidente da Câmara Municipal da Vila. Como cidadão respeitado por todos, o seu nome foi lembrado num Largo da vila¹⁹⁴.

A Rua Fernando Brito de Sousa Pinção relembra e presta homenagem ao cidadão que se destacou pela ação cívica e cultural que desempenhou na vila, como funcionário da Câmara Municipal de Porto de Mós. Fernando Brito Sousa Pinção, personalidade alegre e amável, nutria o gosto pelo estudo e conhecimento da mineralogia e geologia. Foi considerado um dos pioneiros na exploração do calcário e dos mármore das serras Vale Verde, Alvados, Alcaria e Pragosa¹⁹⁵. Em Porto de Mós, além de continuar com a exploração de minérios, monta uma empresa de sabão¹⁹⁶. Fernando Brito Pinção é familiar do senhor Carlos Pinção, nosso entrevistado no dia 4 de Junho de 2014.

O Largo João Filipe Guerra foi a denominação atribuída à antiga Travessa de S. Pedro. João Filipe Guerra foi um homem de origem humilde, conhecido por João Marceneiro, que

¹⁹³ CINCUP- Cooperativa de Informação e Cultura de Porto de Mós CRL -*Memórias do meu jornal*. Compilação de textos de autoria de João António Matias, no jornal *o Portomosense*. Batalha: Gráfica da Batalha, 2005.p.181 -185.

¹⁹⁴ CINCUP- Cooperativa de Informação e Cultura de Porto de MósCRL -*Memórias do meu jornal*. Compilação de textos de autoria de João António Matias, no jornal *o Portomosense*. Batalha:Gráfica da Batalha, 2005.p.124-129.

¹⁹⁵ CINCUP- Cooperativa de Informação e Cultura de Porto de MósCRL -*Memórias do meu jornal*. Compilação de textos de autoria de João António Matias, no jornal *o Portomosense*. Batalha:Gráfica da Batalha, 2005.p.229-230.

¹⁹⁶ FRAZÃO, Serra, *Porto de Mós- Breve monografia*, Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, p.228 – 235.

trabalhou em móveis, na vila. Foi amante do cinema e deu o seu contributo na projeção dos primeiros filmes, na vila de Porto de Mós ¹⁹⁷.

Nas figuras heroicas destacam-se D. Nuno Álvares Pereira cuja designação foi atribuída a um Largo que se situa na Avenida Mestre de Avis, a Avenida Luís de Camões e a Rua Vasco da Gama.

Finalmente, na subcategoria das figuras religiosas destacam-se as vias: Avenida de Santo António, nomeada em março de 1881; o Beco de Santo António; as Escadas de S. António; a Rua da Praceta de S. Pedro; A Avenida de S. Pedro, conhecida por Avenida da Igreja por passar ao lado ad Igreja de S. Pedro; as Escadas do Bairro de S. Miguel; a Travessa de S. Miguel; a Rua de S. Miguel e a Rua de S. João.

Como se pode constatar, o número de topónimos referentes à categoria dos *nomes próprios* é equivalente à categoria dos *nomes comuns*. Na categoria dos *nomes próprios*, predominam as nomeações referentes às figuras nacionais e locais. As figuras da cultura e do desporto assim como os beneméritos e figuras populares são também contempladas na nova toponímia. Os três santos populares são lembrados na toponímia da vila de Porto de Mós.

As entidades camarárias também têm resgatado do esquecimento os nomes das personalidades da terra, propondo atribuições de topónimos, como forma de os lembrar, tornar presentes e perpetuá-los nas placas toponímicas da vila. As pessoas escolhidas pela Câmara foram o Capitão José de Sousa, Fernando de Sousa Brito Pinção, Francisco Serra Frazão, João Matias, Engenheiro Adelino Reis dos Santos e Arménio Marques.

Entre 1974 e 1977 a Câmara de Porto de Mós era dirigida por uma Comissão Administrativa. A partir de 1977 até 2005 teve como presidentes personalidades ligadas ao Partido Social Democrata. De 2005 até 2015 a Câmara tem como presidente o Engenheiro João Salgueiro do Partido Socialista, atual presidente da Câmara.

A toponímia é um elemento ao qual os regimes políticos normalmente recorrem para passarem a sua mensagem. Assim, no regime democrático encontram-se figuras ligadas ao regime e outras datas simbólicas do mesmo como o 25 de Abril, o 1º de Maio e a Avenida

¹⁹⁷ CINCUP- Cooperativa de Informação e Cultura de Porto de Mós CRL -*Memórias do meu jornal*. Compilação de textos de autoria de João António Matias, no jornal *o Portomosense*. Batalha: Gráfica da Batalha, 2005.p.202 -206.

da Liberdade. Contudo, as atas não referem o motivo da escolha dos homenageados na toponímia da vila.

Os motivos que se apresentaram acerca da escolha das personalidades homenageadas prendem-se com a importância e contribuição que deram à vila e ao concelho. Outras enaltecem e relembram figuras do poder político que desempenharam serviços e que se enquadraram ou identificaram com o regime em vigor.

2.6.O uso quotidiano da toponímia

A toponímica dá informações importantes sobre uma região, a sua história, os seus heróis e personalidades, mas, muitas vezes, é esquecida, ou mesmo ignorada pela população. Foi neste âmbito que se sondou a população Portomosense sobre o conhecimento dos seus topónimos.

Assim, verificou-se que designações toponímicas oficiais feitas pelas entidades competentes constando dos registos são, por vezes, ignoradas pelo povo Portomosense, que, espontaneamente, atribui outras designações, por vezes, já existentes, aparecendo como toponímia paralela à oficial. É o caso da Avenida D. Afonso Henriques que é mais conhecida, pela população local, como Avenida dos Plátanos, aludindo às árvores frondosas, centenárias, que ladeiam a avenida e a Rua Adelino Reis dos Santos mais conhecida por Rua do Liceu. Também, a Rua do Cemitério, designação encontrada nos finais da Monarquia, que se perdeu no tempo, não tem placa toponímica nem nomeação de Rua do Cemitério (antigo). A referida rua situa-se numa subida para o Castelo e continua a ser conhecida pelo povo por Rua do Cemitério. Por fim, a Avenida de S. Pedro é conhecida pelo povo Portomosense com a designação de Avenida da Igreja, na qual já consta da toponímia oficial.

2.6.1 Caracterização da amostra

Um dos instrumentos utilizados junto da população Portomosense foi a técnica do questionário. Esta constituiu uma ferramenta útil e indispensável na obtenção de dados que se consideraram importantes no processo de pesquisa. O questionário foi aplicado entre meados do mês de agosto e início do mês de setembro de 2014 e responderam 55 pessoas, naturais da vila e do concelho.

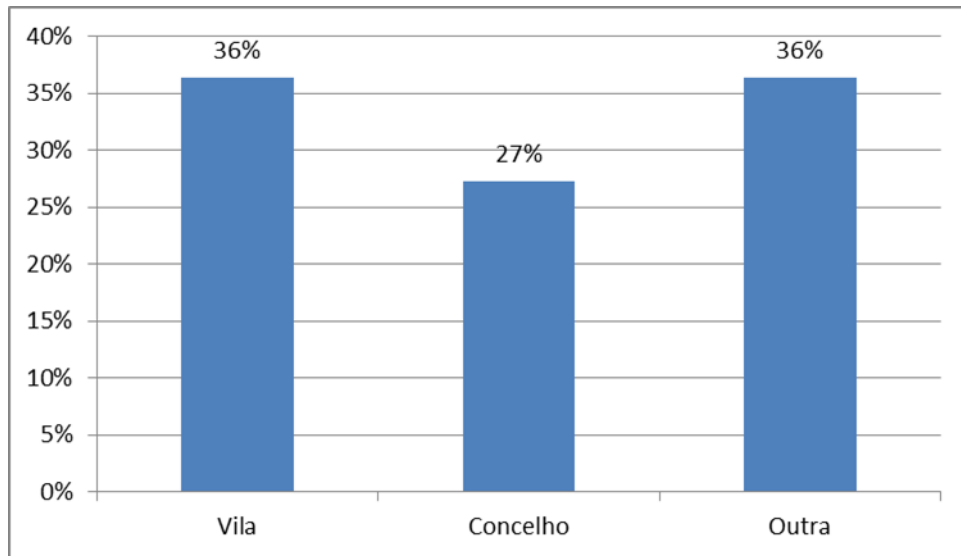
O referido questionário está estruturado da seguinte forma: o grupo I versa o objetivo da caracterização da amostra, considerando as variáveis idade, género, nível de escolaridade, naturalidade, número de anos de residência na vila e no concelho de Porto de Mós.

O grupo II contém seis questões com as quais se pretendeu apurar, entre outros aspetos, o seguinte: o conhecimento que o público possui acerca das designações toponímicas atuais e das nomeações posteriores a 1940; as figuras locais homenageadas; as escolhas de nomes que correspondem a figuras ligadas à história nacional; os topónimos que homenageiam figuras antigas ou atuais, e o símbolo de identificação da vila.

Por sua vez, o grupo III contém quatro questões relacionadas com placas toponímicas e a escolha das personalidades que devem ser homenageadas posteriormente.

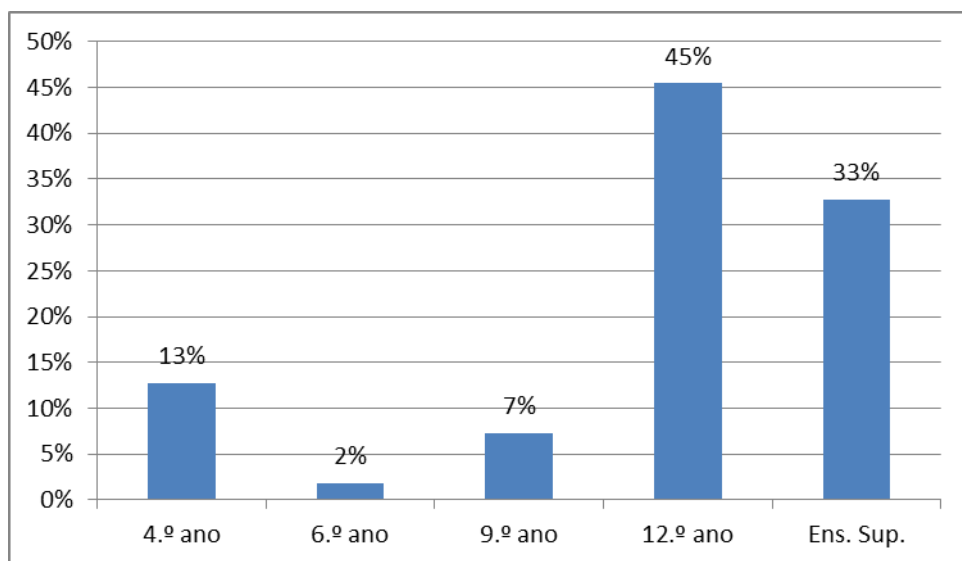
Quanto ao género dos inquiridos, a maior percentagem pertence ao género feminino. As idades variam entre menores de 21 anos e os 79 anos. A escolaridade varia entre o 4.º ano e o ensino superior, mas com maior incidência no 12.º ano e ensino superior. Para uma melhor leitura e compreensão dos gráficos foram consideradas as variáveis: naturalidade, escolaridade, género e idade.

Gráfico 2.1: Naturalidade.



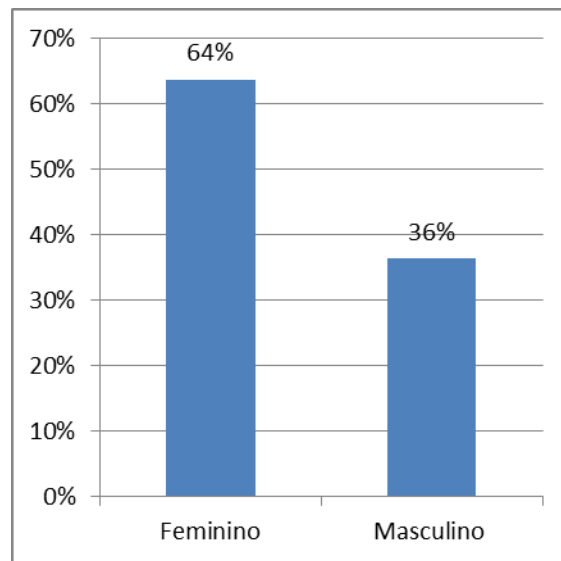
No gráfico 2.1, verificou-se que a maior percentagem dos inquiridos são naturais da vila e de fora do concelho, respetivamente 36%.

Gráfico 2.2: Escolaridade.



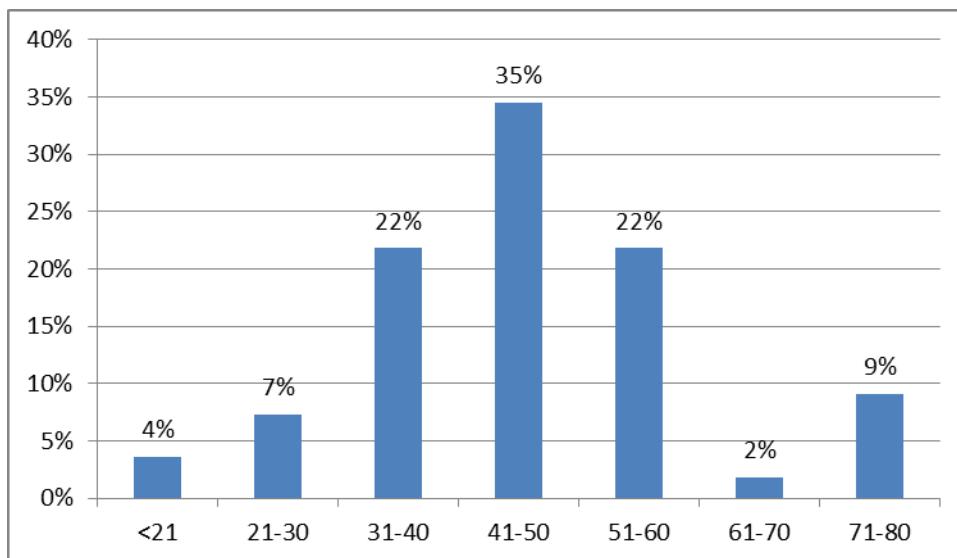
Quanto à variável escolaridade, gráfico 2.2, dos inquiridos, 45% possui o 12.º ano e 33%, o ensino superior.

Gráfico 2.3: Género.



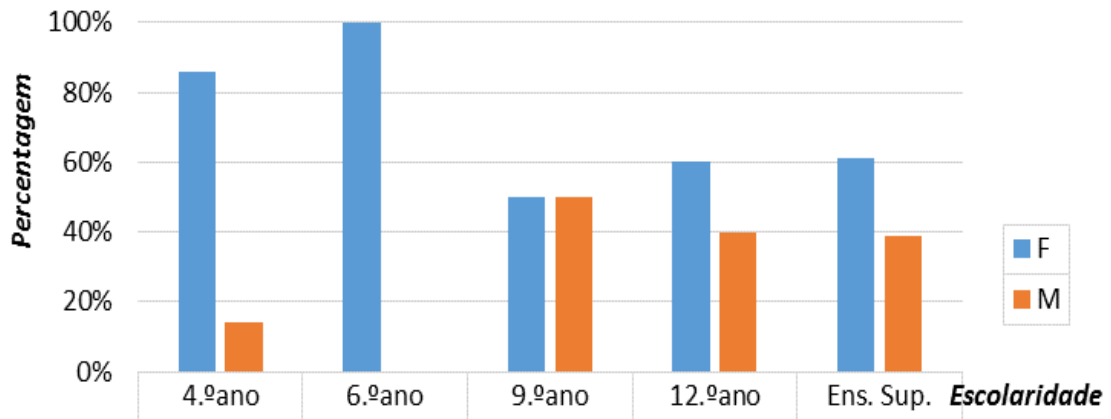
Na variável género, gráfico 2.3, a maior parte do público inquirido pertence ao género feminino, 64%.

Gráfico 2.4: Idade.



Finalmente, quanto à idade, gráfico 2.4, observa-se que 35% dos inquiridos situam-se entre os 41 e os 50 anos de idade. Seguem-se 22% que correspondem às idades compreendidas entre os 21 e os 30 anos de idade e 22%, também, nos inquiridos cuja idade oscila entre os 51 e os 60 anos de idade.

Gráfico 2. 5: Relação entre Escolaridade e Género.

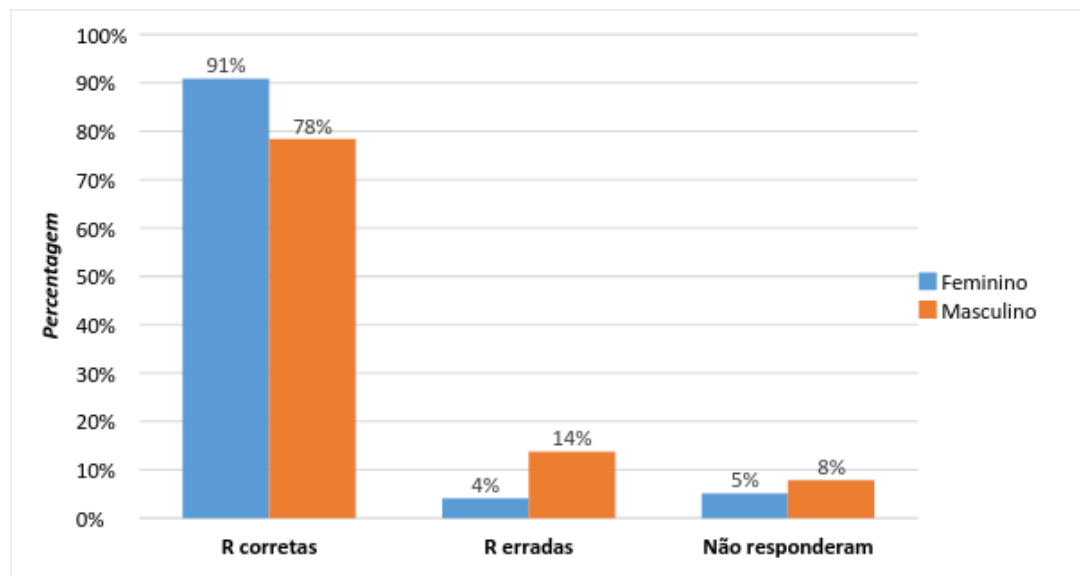


Nos gráficos, 2.5. e 2.6, verifica-se que, tendo em conta as variáveis escolaridade/género, as respostas certas foram dadas em maior número, por indivíduos do género feminino em todos os ciclos do ensino básico, secundário e ensino superior, à exceção do 9.º ano.

Aqui, as respostas certas estão equiparadas com uma média de 50%. Já no 4.º ano o sexo feminino atinge 86% de respostas certas, no 6.ºano 100%, no 12.º ano 60%, e no ensino superior registam-se 61% de respostas certas.

Confirma-se que os inquiridos do género feminino responderam acertadamente a mais questões do inquérito, por terem mais formação.

Gráfico 2.6: Respostas corretas/erradas por género



2.6.2 Análise das respostas ao questionário

Para uma melhor visualização optou-se por apresentar as questões com a respetiva chave, em tabela, contextualizando-as.

Questão nº1

Esta questão foi feita em primeiro lugar, dada a grande importância que este Largo ou Praça teve e que continua a ter. É a praça que, ao longo dos tempos, mais renomeações teve, desde os finais da Monarquia até à atualidade. Constitui um espaço pedonal, central e emblemático da vila que, pela sua localização central, se torna um ponto de passagem entre vários espaços, nomeadamente para o Castelo, o tribunal, o largo de S. João e outros. É nesta Praça onde se situa a Câmara Municipal, a residência apalaçada do Almirante Vítor Crespo e, ao centro, um monumento simbolizando as mós dos moinhos. Foi neste local onde se deram os acontecimentos mais importantes ao longo da história da vila, relatados em jornais. Também é o ponto de encontro de todas as atividades de relevo, de âmbito municipal como, por exemplo, é nesta praça onde se reúnem todos os anos os grupos participantes nas Marchas Populares de S. Pedro, que vão desfilar pela atual Avenida da Liberdade e dançar na Avenida de Santo António.

Quadro 2.5: Designação atual do Largo onde se situa a Câmara Municipal.

1. Qual a designação atual do Largo onde se situa a Câmara Municipal?	N.º respostas	%
1. Praça de S. Pedro	1	2%
2. Praça José Emídio Navarro	0	0%
3. Praça do Rossio	1	2%
4. Praça da República	51	93%
5. Outro:	0	0%
Não responderam	2	4%
Total	55	100%

Nesta questão, como se pode observar, 93% dos inquiridos responderam corretamente donde se conclui que o nome da Praça da República já é do domínio comum. Apenas 2% não responderam e 1% respondeu erradamente.

Questão n°2

O Largo do Rossio foi desde tempos mais recuados um local de reunião da população para discutir assuntos de natureza política, social e económica. Este Largo foi alvo de remodelações e passou a designar-se, em 1940, de Praça Presidente Carmona em homenagem a António Óscar de Fragoso Carmona, que foi militar, ministro da guerra, em 1826, e Presidente da República. Foi, ainda, defensor da ditadura militar de Salazar e reeleito presidência da República, em 1935, 1942 e 1949. Manteve-se no cargo até final da vida.

Quadro 2.6: Designação do Largo do Rossio.

2. Qual a designação dada ao Largo do Rossio posteriormente a 1940?	N.º respostas	%
1.Largo de Camões	9	16%
2.Largo Machado dos Santos	1	2%
3.Praça Presidente Carmona	29	53%
4.Praça do Peixe	1	2%
5.Praça Velha	0	0%
Não responderam	15	27%
Total	55	100%

Relativamente a esta questão, respondeu corretamente 53% da população inquirida. Mas 27% da população não respondeu, o que significa que estes desconhecem esta renomeação. O elevado número de respostas corretas a esta questão pensa-se estar relacionado com a sua localização, outrora local de feiras, mercados, reuniões e festas populares, marcando, assim, de forma indelével a memória coletiva daquela população que se transmitiu de pais para filhos.

Questão n° 3.

A Praceta Arménio Marques está localizada em frente ao cineteatro da vila, tratando-se da primeira e única figura, até ao momento, homenageada com uma Praceta em Porto de Mós, onde se pode visualizar o busto de Arménio Marques, figura carismática, que contribuiu para o desenvolvimento cultural e recreativo da vila.

Quadro 2.7: Figura histórica homenageada na Praceta, em frente ao cineteatro de Porto de Mós.

3.Qual a figura histórica homenageada na Praceta, em frente ao cineteatro de Porto de Mós?	N.º respostas	%
1. Arménio Marques	36	65%
2. Adriano Carvalho	0	0%
3. Dr. Oliveira Salazar	0	0%
4. António Borges	15	27%
5. Nenhuma	0	0%
Não responderam	4	7%
Total	55	100%

Nesta questão 65% da amostra inquirida, respondeu corretamente. O grau de escolaridade elevado de grande parte dos inquiridos reflete conhecimentos pela maioria da população. No entanto, ainda 27% da população respondeu erradamente, atribuindo a designação a António Borges, embora muita gente conheça quem foi e o contributo que Arménio Marques deu à vila. O busto de Arménio Marques, de pequena dimensão, encontra-se numa pequena praceta confrontando com o mercado municipal e o cineteatro, passando muitas vezes despercebido.

Questão nº 4.

As mós estão ligadas à atividade de moagem dos cereais. Na serra de Porto de Mós proliferavam moinhos de vento e azenhas que, no Rio Lena, moíam o grão dos cereais.

Ainda hoje, estão disseminados moinhos, ou o que resta deles, pela Serra dos Candeeiros.

Quadro 2.8: Símbolo que identifica a vila de Porto de Mós.

4. Que símbolo identifica a vila de Porto de Mós?	N.º respostas	%
1.A espada de D. Fuas Roupinho	0	0%
2.As mós dos moinhos	53	96%
3.A gralha (ave da região)	0	0%
4.O castelo	0	0%
5. Outro	0	0%
Não responderam	2	4%
Total	55	100%

Esta questão foi respondida de forma correta por 96% da população. A questão é óbvia, atendendo ao próprio nome da vila.

Questão nº 5.

D. Afonso Henriques, embora tenha sido o fundador da nacionalidade, estando ligado à vila com a sua conquista, todavia, a população associa, muitas vezes, a história da vila à figura de D. Fuas Roupinho, estando presente e viva em todos os moradores a Lenda da Nossa Senhora da Nazaré que o Alcaide de Porto de Mós imortalizou.

Já D. Dinis é uma figura mais conhecida estando associado ao Pinhal de Leiria e consequentemente à proteção das terras de Porto de Mós. Também não nos podemos esquecer da importância da sua esposa, a rainha D. Isabel, figura querida e acarinhada, recordada por muitos desde os bancos da escola primária, às lareiras dos avós através da lenda do *Milagre das Rosas*. É ainda certo que D. Dinis e a rainha visitaram frequentemente Leiria e a sua região, como, por exemplo, Pataias, cujo topónimo é explicado pela visita da rainha. Conta-se que, tendo a carruagem em que ela viajava partido uma roda, a rainha foi “à pata com as suas aias”, dando origem ao nome Pataias.

Quadro 2.9: Nomes das ruas que correspondem a figuras ligadas à História.

5. Quais os nomes das ruas que correspondem a figuras ligadas à História Nacional?	N.º respostas	%
1. Alameda D. Afonso Henriques	34	62%
2. Rua Luís de Camões	36	65%
3. Rua D. Dinis	53	96%
4. Rua da Jacinta	3	5%
5. Rua Conceição Abreu	3	5%
Não responderam	2	4%

As respostas corretas são as 3 primeiras: Alameda de D. Afonso Henriques, Rua Luís de Camões e Rua D. Dinis. A questão número 3 foi respondida por 96% da população; 65% respondeu corretamente à resposta número 2 e 62% respondeu à questão número 1.

Quadro 2.10: Topónimos que recordam figuras da História Local.

6. Quais os topónimos seguintes que recordam figuras da História Local?	N.º respostas	%
1. Rua Dr. António Crespo	46	84%
2. Rua Conde de Ourém	31	56%
3. Dr. Joaquim de Carvalho	41	75%
4. Rua F. Brito S. Pinção	26	47%
5. Travessa José da Ângela	8	15%
6. Largo João Matias	7	13%
7. Rua D. Fuas Roupinho	29	53%
8. Rua Mestre de Avis	12	22%
9. Travessa Manuel dos Santos	32	58%
10. Rua Serra Frazão	27	49%
Não responderam	2	4%

Na questão nº 6 são corretas as respostas 1,2,3,4,7,9 e 10.

Responderam certo à questão 1, 84% da população. Trata-se, como foi referido, de uma pessoa ilustre que desenvolveu cargos políticos de âmbito regional e nacional. Nas questões 2 e 3, referem-se personalidades que tiveram relevo preponderante tanto a nível nacional como local. Relativamente ao Dr. Joaquim de Carvalho, destacou-se aquando da

implantação da República, assumindo-se como líder dos conservadores da região, segundo dados da entrevista realizada ao Almirante Vítor Crespo. Às restantes questões 4, 7, 9, e 10, o grande número de respostas corretas deve-se a um bom conhecimento das famílias importantes da vila.

7. Qual foi a denominação anterior à atualmente em vigor?

Quadro 2.11: Percentagem das respostas - Associação correta.

Associação correta				% Respostas certas	% Respostas erradas	Não responderam
1	Rua do Quebra-Costas	3	Rua da Benemerência	13%	24%	64%
2	Rua do Hospital	5	Rua Conceição Abreu	24%	13%	64%
3	Rua do Amado	6	Rua D. Dinis	7%	35%	58%
4	Travessa da Rita	7	Travessa Padre Joaquim Ferreira	20%	16%	64%
5	Rua dos Craveiros	1	Rua Dr. António Pinheiro	20%	22%	58%
6	Rua Larga de Campolide	8	Rua Capitão Cláudio/ Rua da Saudade	27%	18%	55%
7	Rua da Madeira	9	Rua Padre Manuel do Espírito santo	25%	20%	55%
8	Rua do Gaivoto	10	Calçada Santa Isabel	15%	20%	65%
9	Largo das Tílias	2	Largo Conde de Ourém	36%	13%	51%
10	Rua Galega	4	Rua D. Fuas Roupinho	29%	16%	55%

Esta questão, de associação, tem como objetivo verificar se o público inquirido tem conhecimento das mudanças ocorridas na toponímia da vila. Podemos constatar, no quadro

acima, que a percentagem mais elevada das respostas corretas é de 36% na questão número 9. As questões números 2, 4, 5, 6, 7 e 10 situam-se no patamar entre os 20 e 29%. As questões com menor número de respostas corretas foram os números 1 e 8 que se situam entre os 13 e 15%. Finalmente, verificamos que à questão número 6, a percentagem de respostas certas cai para 7%, o que evidencia um desconhecimento da alteração toponímica da referida rua.

Quadro 2.12: Percentagem de respostas corretas por faixa etária da questão 7.

Associação correta				<20	21-30	31-40	41-50	51-60	61-70	>70
1	Rua do Quebra-Costas	3	Rua da Benemerência	0%	0%	1%	9%	3%	0%	0%
2	Rua do Hospital	5	Rua Conceição Abreu	2%	2%	5%	10%	5%	0%	0%
3	Rua do Amado	6	Rua D. Dinis	0%	1%	0%	4%	2%	0%	0%
4	Travessa da Rita	7	Travessa Padre Joaquim Ferreira	2%	3%	5%	10%	0%	0%	0%
5	Rua dos Craveiros	1	Rua Dr. António Pinheiro	0%	0%	3%	6%	7%	0%	4%
6	Rua Larga de Campolide	8	Rua Capitão Cláudio/Rua da Saudade	1%	2%	0%	15%	2%	0%	4%
7	Rua da Madeira	9	Rua Padre Manuel do Espírito santo	2%	0%	5%	10%	6%	0%	2%
8	Rua do Gaivotto	10	Calçada Santa Isabel	0%	0%	5%	5%	5%	0%	0%
9	Largo das Tílias	2	Largo Conde de Ourém	2%	2%	7%	18%	7%	0%	0%
10	Rua Galega	4	Rua D. Fuas Roupinho	0%	2%	2%	11%	9%	0%	5%

Podemos, ainda, verificar, e confrontando com a percentagem de respostas corretas por faixa etária, que os inquiridos entre os 41 e 50 anos de idade (quadro2.12) são aqueles que respondem mais corretamente às questões e que maioritariamente possuem formação académica superior (quadro2.13).

Quadro 2.13: Percentagem de respostas corretas por escolaridade.

Associação correta				4ºano	6ºano	9ºano	12º ano	Ens. Sup.
1	Rua do Quebra-Costas	3	Rua da Benemerência	0%	0%	0%	4%	9%
2	Rua do Hospital	5	Rua Conceição Abreu	0%	0%	3%	6%	15%
3	Rua do Amado	6	Rua D. Dinis	0%	0%	0%	2%	5%
4	Travessa da Rita	7	Travessa Padre Joaquim Ferreira	0%	0%	2%	3%	15%
5	Rua dos Craveiros	1	Rua Dr. António Pinheiro	0%	2%	3%	6%	7%
6	Rua Larga de Campolide	8	Rua Capitão Cláudio/ Rua da Saudade	4%	2%	5%	4%	12%
7	Rua da Madeira	9	Rua Padre Manuel do Espírito santo	2%	0%	2%	5%	16%
8	Rua do Gaivoto	10	Calçada Santa Isabel	2%	2%	0%	5%	6%
9	Largo das Tílias	2	Largo Conde de Ourém	1%	0%	2%	9%	24%
10	Rua Galega	4	Rua D. Fuas Roupinho	1%	2%	2%	9%	15%

No Grupo III do inquérito, onde se pede que sugiram nomes de personalidades da comunidade local que deveriam ser homenageadas futuramente, são apresentadas as seguintes propostas:

Capitão José de Sousa, a quem se atribui a obra do primeiro jardim de Porto de Mós e a rede de água domiciliária.

Quanto a esta figura, a pessoa inquirida revela desconhecer que existe um largo, na vila, com a designação de Largo Capitão José de Sousa.

Francisco Vieira (O Chiquinho) que foi futebolista, primeiro guarda-redes da seleção nacional, treinador e árbitro de jovens em Porto de Mós.

Aníbal Abreu, que foi carteiro, músico e ensaiador de teatro, uma pessoa muito culta e dinâmica, no final do século XX.

CONCLUSÃO

No estudo da toponímia da vila de Porto de Mós, entre os anos de 1880 a 2015, procurou-se conhecer a transformação e evolução da vila, nos vários regimes políticos vigentes, tendo como ponto de partida fontes escritas como atas camarárias, imprensa, bibliografias, fontes orais, inquéritos e entrevistas.

Consultou-se a documentação mais antiga no Arquivo da Casa de Bragança, no Arquivo da Câmara Municipal de Porto de Mós, no Arquivo Distrital de Leiria e nas Bibliotecas da Zona. Realizaram-se entrevistas, um inquérito sobre a toponímia da vila a 55 indivíduos e visitas de campo, reconhecendo o seu espaço geográfico, do qual se fotografaram pontos de maior interesse, nomeadamente as placas toponímicas que dão nome a ruas, becos, travessas, avenidas e calçadas.

Para melhor compreensão das transformações ocorridas na toponímia da vila, desde a Monarquia aos nossos dias, cruzou-se a informação recolhida. Constatou-se que existiam, na vila, topónimos que foram sendo substituídos pelas diversas renomeações de acordo com os princípios ideológicos do regime de cada época histórica.

Identificou-se a toponímia espontânea e mais antiga da vila, lembrada sobretudo pela população mais idosa, bem como a restante toponímia oficial.

Agruparam-se os topónimos em *nomes comuns* e *nomes próprios* elaborando quadros, que se apresentam de acordo com o período histórico em estudo separando em subcategorias toponímicas. Desta forma, no período referente aos topónimos dos finais da monarquia (1880/1910), quadro 2.1, na categoria dos *nomes comuns*, evidencia-se com um número ligeiramente superior relativamente à categoria dos *nomes próprios*. Nos topónimos introduzidos entre o período de 1911 e 1926, quadro 2.2, referente à I República as subcategorias inseridas nos *nomes comuns* e *nomes próprios* é sensivelmente o mesmo. No quadro 2.3, da toponímia da vila em 1940, os órgãos camarários do regime do Estado Novo, valorizaram na toponímia da vila as personalidades ligadas às figuras políticas nacionais e locais e, ainda, as figuras religiosas e eclesiásticas. Por fim, no quadro 2.4, referente à Toponímia da vila de 1975 a 2015, são valorizados os *nomes próprios*, na subcategoria das figuras políticas nacionais e locais e nas figuras do mundo religioso.

Através do estudo da toponímia procurou-se compreender a razão da atribuição e as motivações que levaram a atribuir estes nomes pelas elites locais. As nomeações toponímicas constituem um «incontornável, insidioso e expressivo local de memória passada e presente da comunidade»¹⁹⁸.

A toponímia é a expressão do que se considera importante recordar, sobretudo figuras e acontecimentos de âmbito local ou nacional presente nas placas das ruas, becos, calçadas e travessas da vila, reconstituída pela população, sobretudo a mais idosa, que ainda relembra episódios vividos por moradores de algumas ruas cujos nomes se encontram associados às mesmas. Desta forma, entende-se que,

«As memórias coletivas, em contrapartida, estão ao serviço de interesses sociais: o interesse das famílias, nos registos das linhagens e das sagas familiares; os interesses das etnias e das nações, nos relatos míticos e heroicos das suas origens e da sua história, ou o interesse de quaisquer grupos sociais e poderes instituídos que as mantêm vivas e as atualizam de acordo com a necessidade de preservação e de afirmação da identidade».¹⁹⁹

A maioria das designações de toponímia espontânea é reveladora da existência de edifícios antigos da vila como o Castelo, o Cemitério, a Cadeia, a Botica, a Praça do Peixe, os Paços do Concelho e o Hospital. Da toponímia referente à Monarquia preservou-se a memória de vários edifícios que já se encontram desaparecidos como a Rua da Cadeia e a Rua do Hospital. Existem, ainda, denominações que indicam pontos de referência dentro da vila como a Rua do Quebra-Costas, muito íngreme, e de piso escorregadio levando a frequentes quedas. Outras são indicadoras de moradores como: a Rua Galega, a Travessa da Jacinta, a Travessa João Valentim, a Rua do Inglês, o Beco do Ricardo, a Travessa da Miguela, a Rua do Gaivoto e a Rua do Amado.

Após a implantação da República, entre 1911 e 1926, os valores republicanos ligados a acontecimentos e figuras públicas deste período ficaram perpetuados nas placas toponímicas da vila. Assim, no que diz respeito aos *nomes comuns* foram renomeadas a

¹⁹⁸ JOÃO MEDINA - «A toponímia – local de memória» in Álvaro Matos; Raul Rasga (coord.) - Primeiras jornadas de história local e regional (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). 2ª Edição. Lisboa: Edições Colibri, 2004, p.43.

¹⁹⁹ JOÃO, Maria Isabel - *Memória, história e educação*. Braga: Núcleo de Estudos Históricos da Universidade do Minho, 2005, p.89.

Praça Dr. Augusto Crespo que passou a designar-se Praça da República; o Largo da Botica que deu lugar ao Largo 31 de Janeiro, e a Rua Direita que passou a designar-se Rua 5 de Outubro. Relativamente às novas ruas, que surgiram neste período, não parecem estar relacionadas com o novo regime, apresentando, na sua maioria, nomes relacionados com edifícios (Rua do Hospital, Travessa do Hospital) e elementos da natureza (Rua dos Craveiros, Travessa do Vale Florido e Largo das Tílias).

Quanto aos *nomes próprios*, as renomeações efetuadas exaltam, maioritariamente, figuras políticas nacionais e locais, Adriano de Carvalho; Cândido dos Reis; Dr. António Crespo e Machado dos Santos.

Já no que concerne a personalidades beneméritas e figuras populares, este período privilegia muitas personagens moradoras na vila: Amado; Galega (D Joaquina); Jacinta; José da Ângela; Gaivoto; Inglês, João Pires, João Valentim; Miguela, Ricardo e a Rita.

A grande alteração da toponímia da vila, registada em ata, foi a alteração de 1940, (quadro 2.3).

No Estado Novo, o papel da Mulher não assumiu um destaque significativo. Era a dona de casa, esposa e mãe. Este facto foi notório nas renomeações de 1940 tendo sido a mulher, apenas lembrada na Rua Conceição Abreu, designação de moradora da rua, e na Calçada de Santa Isabel em homenagem à rainha.

Em 1940, o Estado Novo vai recordar factos e figuras históricas de grande valor nacional na *Exposição do Mundo Português*. É, também, nesta época que se verifica uma alteração profunda na toponímia da Vila, que vai ao encontro da ideologia em vigor exaltando as figuras históricas, míticas e salvadoras da Pátria, nas quais Salazar se englobava.

Após o 25 de Abril de 1974 até à atualidade, as alterações toponímicas tanto na categoria de *nomes comuns* como *nomes próprios* referem-se ao regime democrático no que diz respeito às ruas novas. Nas renomeações destacam-se, dos nomes próprios, apenas duas figuras políticas de âmbito nacional, Dr. Francisco Sá Carneiro e Engenheiro Adelino Amaro da Costa. Nas restantes ruas novas e renomeações, foram destacadas personalidades locais.

Para uma visão mais abrangente e evolutiva da toponímia da vila desde 1880 e 2015, elaborou-se um quadro (anexo A), com uma listagem onde constam as primeiras nomeações e renomeações da vila de Porto de Mós.

O questionário realizado, na fase inicial do estudo, dirigido a uma amostra da população, possibilitou esclarecer até que ponto a população tem conhecimento dos topónimos atuais e dos topónimos mais antigos, bem como de que modo a população se apropria desses topónimos e os usa.

Os resultados obtidos no questionário não podem ser generalizados, uma vez que o universo dos inquiridos possui maioritariamente um grau académico de nível superior. Desta forma, pode afirmar-se que a população inquirida, de um modo geral, conhece a toponímia oficial atual, embora, em alguns casos, se coloquem algumas ressalvas acerca do conhecimento do significado histórico de algumas designações toponímicas, tanto locais como nacionais. Relativamente à toponímia mais antiga, o público-alvo que conseguiu identificar alguns topónimos foi a população mais idosa, por possuir conhecimento da toponímia espontânea mais antiga, bem como a origem e significado da mesma.

Destaca-se, ainda, que o público-alvo inquirido manifestou o desejo de ver lembradas em placas toponímicas algumas personalidades da comunidade local como o Capitão José de Sousa, Francisco Vieira (O Chiquinho) e Aníbal Abreu, cuja ação foi descrita no inquérito realizado.

Em síntese, ao longo da dissertação, estudou-se, no primeiro capítulo, a vila de Porto de Mós: o espaço e a história, recordando os momentos históricos nacionais e locais mais significativos da vila.

No segundo capítulo, a vila de Porto de Mós e a evolução da toponímia, concluiu-se que a população da vila mantém uma toponímia espontânea paralela à oficial em ruas e travessas, preservando a memória coletiva.

Ao longo das pesquisas constatou-se que, na vila, as placas toponímicas apresentam-se em materiais e formatos diferentes, sem um critério definido. Considera-se importante haver uma uniformização da apresentação das placas toponímicas com os nomes antigos e os nomes atuais à semelhança de outras localidades do país.

Sugere-se que a Câmara Municipal de Porto de Mós, através do Serviço de Informação Geográfica (SIG) inclua, no Regulamento Toponímico, uma cláusula que contemple a uniformização das placas toponímicas.

Considera-se que o presente estudo contribuiu para a atualização da base de dados da toponímia do Sistema de Informação Geográfica Municipal, constituindo-se como um elemento de trabalho que poderá melhorar a gestão urbanística e ajudar na implementação de políticas de Ordenamento do Território.

Como nota final, o estudo desenvolvido no âmbito do Mestrado em Estudos do Património contribui para o conhecimento da história local, preservação e divulgação do património, perpetuando a memória e os valores de uma comunidade historicamente rica e empreendedora.

BIBLIOGRAFIA

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES MANUSCRITAS

Arquivo da Câmara Municipal de Porto de Mós

PORTO DE MÓS: Câmara Municipal de Porto de Mós – Arquivo. Atas. 1853 a 2014.

Arquivo Histórico da Casa de Bragança – Paço Ducal de Vila Viçosa

Livro de aforamentos – AF839 Ourém, Proc.º. V, fs 80 e 229

FONTES IMPRESSAS

Fundo documental da Biblioteca Municipal de Porto de Mós

A Voz do Domingo. Leiria: Ano 36, Nº 1856 (27-10-1968)

Correio de Porto de Moz . Ano 1, nº 49 (13/11/1910); Idem. Ano 1, nº 59 (20-11-1910);
Idem. Ano 2, nº 53 (18-12-1910).

O Lena. Porto de Mós Ano 1, nº 8 (24-07-1902).

O Portomozense. Porto de Mós, ano 1, nº 1 (12-01-1899); Idem, ano 5, nº 205 (14-02-1903);
Idem, ano 5. nº 206 (16-05-1903).

O Povo de Porto de Mós- de 1911 a 1915.

Arquivo Distrital de Leiria

Jornal *A Voz do Domingo* – Leiria: *A Voz de Domingo*, n.º1854 (1968).

CARTOGRAFIA

Serviço de Informação Geográfica da Câmara Municipal de Porto de Mós, S.I.G.:

Cadastro geométrico rústico Mapa de 1960

Anteplano urbe 1 - Planta de trabalho 1/2.000.000 (1940).
Cartografia a 10.000 (2007).
Concelho de Porto de Mós-enquadramento
Mapa a 10.000 (20-08-2004)
Planta aero fotogramétrica Mapa Este- Oeste 1/ 1.000 (1940).
Planta do edificado de (2005-2006)
Planta do não edificado (2007-2008)
Planta dos usos do solo e volumetria (2009-2010)
Planta de qualificação arquitetónica e conservação do edificado (22-11-1005)
Planta de situação existente e cromática (22-11-1005)
Planta arqueológica (22-11-2005)
Planta da evolução da morfologia urbana (23-11-2005)
Roteiro de Porto de Mós (01-06-1009)

METODOLOGIA

AZEVEDO, Carlos A. Moreira; AZEVEDO, Ana Gonçalves de – *Metodologia científica. Contributos práticos para a elaboração de trabalhos académicos*. 2.^a ed. Porto: C. Azevedo, 1994.

BENTO, António Maria Veloso – *As etapas do processo de investigação: do título às referências bibliográficas*. 1.^a ed. Funchal: Porto, Figueirinhas, 2011.

CEIA, Carlos – *Normas para apresentação de trabalhos científicos*. 4.^a ed. Lisboa: Presença, 2003.

ECHEVERRÍA, Javier – *Introdução à metodologia da ciência: A Filosofia da Ciência no séc XX*. Coimbra, Almedina, 2003.

ECO, Umberto – *Como se faz uma tese em Ciências humanas*. 16.^a ed. Lisboa: Presença, 2010.

ESTRELA, Edite; SOARES, Maria Almira; LEITÃO, Maria José - *Saber escrever uma tese e outros textos*. 4.^a ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2006.

GONÇALVES, Carla Alexandra – *Metodologia do Trabalho Científico*. Lisboa: Universidade Aberta, 2012. Sebenta eletrónica.

LIMA, Jorge Ávila de; PACHECO, José Augusto – *Fazer investigação. Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. PORTO: Porto Editora, 2006.

MIRANDA, José A. Bragança de - *Teoria da Cultura*. Lisboa: Edições Século XXI, Lda., 2002.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van – *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 4.^a ed. Lisboa: Gradiva, 2005.

SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira – *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

DICIONÁRIOS e ENCICLOPÉDIAS

ALMEIDA, Álvaro Duarte de ; BELO, Duarte; MATTOSO, José; PEREIRA, Paulo (coord.). *Portugal património: guia-inventário*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

ATLAS DE PORTUGAL. *Pinhal do centro. Maciços calcários da Estremadura. Estremadura Oeste. População e Urbanismo*. Matosinhos: QuidNovi-Edição e Conteúdos, S.A., 2008. Vol. 8, p. 12.

CAMPOS, Eduardo; SILVA, Joaquim Candeias - *Dicionário toponímico e etimológico do concelho de Abrantes*. Abrantes: Câmara Municipal, 1987.

COSTA, Américo- *Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular*. Porto: Livraria Civilização, 1947.

DICIONÁRIO DE BIOGRAFIAS. Porto: Porto Editora, [s. d.]. Vol. 24.

ENCICLOPÉDIA VERBO LUSA BRASILEIRA DE CULTURA. Ed Século XXI. Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo, 1998. Vol. VI.

ESTRELA, Edite; SOARES, Maria Almira; LEITÃO, Maria José – *Dicionário de dúvidas, dificuldades e subtilezas da língua portuguesa*. Lisboa: D. Quixote, 2010.

GRANDE ENCICLOPEDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada. S/d. Vol. XXII, 33 volumes.

MACHADO, José Pedro - *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003. 5 Volumes.

MACHADO, José Pedro - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993. Vol. III.

SILVA, Isabel (coord.) *Dicionário enciclopédica das freguesias*. 2^a ed. Freixieiro: Matosinhos: Minha Terra, 1997. p. 384.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

ANDRADE, Amélia Aguiar – “Um percurso através da paisagem urbana medieval”. *Povos e Culturas*, nº 2. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 1987, pp. 57-77.

BARRADAS, Alexandra Alves - *Ourém e Porto de Mós: A obra mecenática de D. Afonso 4º conde de Ourém*. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

BOGA, Mendes (Padre).- *D. Fuas Roupinho e o Santuário da Nazaré*. Porto: Tipografia do Carvalhido, 1976.

BRANDÃO, José M. - "Caminho de Ferro Mineiro do Lena: desígnio de progresso industrial e social". Atas do Simpósio Ibero-americano. *Património geológico, arqueológico e mineiro em regiões cársicas*. Batalha: Sociedad Española para la Defensa del Patrimonio Geológico y Minero, SEDPGYM, 2007, pp: 193-203.

BRITES, Maria José; ALMEIDA; Paula Cardoso; RESENDE, Sónia - *Pinhal do centro. Maciços calcários da Estremadura. Estremadura Oeste. População e Urbanismo..*

Matosinhos: QuidNovi-Edição e Conteúdos, SA, 2008. Vol. 8, Coleção Atlas de Portugal.

CABRAL, Filomena Manuela Martins Pereira – *O jornal "O Povo de Porto de Mós" e as grandes Questões da República de 1911 a 1926*. Atas Seminário Pedagógico. Coimbra: Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Junho 2007.

CACELA, António Martins - *Porto de Mós e seu termo*. [S.l.: s.n.], 1977. Torres Novas: Gráfica Almondina.

CÂMARA, Teresa Maria Vieira dos Santos Pereira Bettencourt da – *Óbidos: arquitectura e urbanismo (séculos XVI e XVII)*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1990.

CARTA EDUCATIVA. Porto de Mós: Câmara Municipal de Porto de Mós, 2007.

CAMÕES, Luís Vaz de - *Os Lusíadas*. Canto VIII, estrofes 16 e 17. Porto: Porto Editora, 1975, p. 269.

CARREIRA, José - *O Clero da diocese de Leiria e o seu passado*. [S.l. : s.n.], 1984. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

CARVALHO, Francisco de Assis - "A Memória toponímica da Estrada Real e os escritos dos viajantes naturalistas dos séculos XVIII e XIX." *Passado presente nos velhos mapas: conhecimento e poder*. Anais do 1º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica. Brasil, Parati: 10 a 13 maio 2011, pp. 1-17.

CINCUP- Cooperativa de Informação e Cultura de Porto de Mós CRL -*Memórias do meu jornal*. Compilação de textos de autoria de João António Matias, no jornal *o Portomosense*. Batalha: Gráfica da Batalha, 2005.

CHAVES, Luís - *Estudos de toponímia portuguesa: influências militares na formação de topónimos*. Guimarães: [s.n.], 1952. Barcelos, Oficinas Gráficas da Companhia Editora do Minho.

CHAVES, Luís - "Influências religiosas na formação da antroponímia e da toponímia em Portugal". In *XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Lisboa,

23 a 29 de Outubro de 1950. Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências APPC. Tomo VIII, 7ª Secção. Lisboa: 1950, pp. 177-209.

CHAVES, Luís - *Estudos de toponímia portuguesa: a toponímia das águas*. Guimarães: [s.n.], 1956.

CHARTES D'AZEVEDO, Ricardo, et al. - *Vila-Portela, a família Charters d'Azevedo em Leiria e as suas relações familiares (Séc. XIX)*. Lisboa: Gradiva, 2007.

CHARTES D'AZEVEDO, Ricardo- *A morte do Barão de Porto de Mós. Porto de Mós: CEPAE- Centro do Património da Estremadura*, 2010.

COSTA, António Carvalho da (Padre) - *Corografia Portuguesa*. vol. III. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1712.

CUNHA, Borges da - *O Barão de Porto de Mós. Documentos biográficos*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 2004.

ELYSEU, José das Neves Gomes - *Esboço histórico do concelho de villa de Ourém*. Lisboa: Lizboa, Typhografia Universal, 1868, p.74.

ESTRELA, Jorge - *Leiria no tempo das invasões francesas*. Lisboa: Gradiva Publicações Editores, 2009.

FIGUEIRA, Henrique; ENCARNAÇÃO, Vítor; BENTO, Válder - *Os Nomes das ruas. Toponímia da Freguesia de Ourique*. Ourique: ORIK-Associação de Defesa do Património de Ourique, 2014.

FIGUEIREDO, António Jorge Ferreira - "Livro Estremadura Arqueológica". *I Jornadas de Património e Arqueologia do Litoral Centro*. Porto de Mós: Porto de Mós e OIKOS - Associação de Defesa do Ambiente e Património da Região de Leiria, 2001.

FONSECA, Jorge - *Toponímia e urbanismo de Montemor-o-Novo, séculos XV-XIX*. Montemor-o-Novo: [s.n.], 2000.

FRAZÃO, Serra - *Porto de Mós: Breve monografia*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 1982.

- FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, [1999].Vol.I.
- FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, [1999].Vol.II.
- FURRIEL, Francisco Jorge - *Da pré-história à actualidade: breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, [2003].Vol.III.
- GIL, Júlio - *Os Mais belos Castelos e Fortalezas de Portugal*. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo, 3ª edição. 1992, pp 132-135. Prefaciado por Joaquim Veríssimo Serrão.
- GIL, Júlio - *Os mais belos castelos de Portugal*. Lisboa: Editorial Verbo, 2002.
- GOMES, Saúl António - *Porto de Mós medieval. Breves subsídios documentais para o seu conhecimento*. Porto de Mos: Câmara Municipal, 1985.
- GOMES, Saúl António - *Porto de Mós. Coletânea histórica e documental dos séculos XII a XIX*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 2005. Edição comemorativa dos 700 anos da Comissão do Foral de 1305.
- GONÇALVES, Iria - *O Património do Mosteiro de Alcobaça nos séculos XIV e XV*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, 1998.
- GRANADA, João António Godinho - *Nazareth. Pederneira. Sítio. Praia. Para a história da terra e da gente*. [S.l. : s.n.], 1996.
- JOÃO, Maria Isabel - *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- JORNADAS LUSO-ESPANHOLAS DE ESTUDOS MEDIEVAIS VI* (6 a 8 nov. 2008).- "A Guerra e a sociedade na Idade Média. S. Jorge: Campo Militar de S. Jorge". Porto de Mós; Alcobaça; Batalha: Fundação Batalha de Aljubarrota. Centro de Interpretação Batalha e Aljubarrota (CIBA); 2009.

- LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa Pinho - *Porto de Mós Extrato de Portugal Antigo e Moderno*. Nazaré: Edições do Centro de Estudos Nazarenos, nº14 (2005).
- MACHADO, José Pedro - *Ensaio sobre a toponímia do concelho de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal, 1980.
- MALAFAIA, E. B. de Ataíde - *Pelourinhos Portugueses. Tentâmen de Inventário Geral*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997. Prefaciado por Joaquim Veríssimo Serrão. p. 541.
- MARTINS, João Madeira - *Manoel Escudeiro de Minde. Termo de Porto de Mós, familiar do santo ofício, carta de 15 de maio de 1702, séculos xvii e xviii*. [S.l.: s.n.], [1982].
- MARTINS, João Madeira - *Um Crime em Porto de Mós 1826 : Minde termo de Porto de Moz*. [S.l. : s.n.], [1984].
- MATIAS, João António *Memórias do meu Jornal*. Porto de Mós: CINCUP - Cooperativa de Informação e Cultura de Porto de Mós. [S.l. : s.n.], 2005. Execução Gráfica e impressão Gráfica da Batalha.
- MATOS, Alfredo - *A Comarca de Porto de Mós*. Lisboa: “ *Estremadura*” *Boletim de Junta de Província*, 1956. Separata.
- MEDEIROS, Carlos Alberto (Dir.). *O Ambiente Físico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005. Vol. 1
- MEDEIROS, Carlos Alberto (Dir.). *Geografia de Portugal. Sociedade, paisagens e cidades*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005. pp 205; 208; 231; 320.
- MEDEIROS, Carlos Alberto (Dir.). *Geografia de Portugal. Planeamento e Ordenamento do território*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005. pp. 23; 236; 274.
- MEDEIROS, Carlos Alberto (Dir.). *Geografia de Portugal. Atividades económicas e espaço geográfico*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005. pp: 213; 220.

- MEDINA, João – "A toponímia – local de memória". In MATOS, Álvaro; RASGA, Raul (coord.) - *Primeiras jornadas de história local e regional*. 2ª ed. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Edições Colibri, 2004.
- MONTEIRO, João Gouveia - *Aljubarrota 1385 - A Batalha Real*. Lisboa: Tribuna da História, 2007.
- MOREIRA, José Beleza - *Monumento funerário romano de Ribeira de Cima*. [S.l.: s.n] 1986.
- O COUSEIRO ou memórias do bispado de Leiria*, p. 238
- PORTO DE MÓS. *Agenda Cultural, Comércio, Indústria e Turismo*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 1966. (junho 1995/maio 1996).
- PORTO DE MÓS. Câmara Municipal de Porto de Mós - *Quarenta anos de actividade municipal a bem do concelho de porto de mós, 1926-1966*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 1966.
- PORTO DE MÓS. *Agenda Cultural, Comércio, Indústria e Turismo*. (junho 1995/maio 1996). Porto de Mós: Câmara Municipal de Porto de Mós, 1996.
- PORTO DE MÓS. - *Requalificação da frente ribeirinha do Rio Lena - Recuperação de Estruturas Ecológicas*. Plano de Segurança e saúde. Porto de Mós: Câmara Municipal de Porto de Mós, 2003.
- RAMOS, Luciano Justo - *Castelo de Porto de Mós, estudo Histórico*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 1971.
- RAMOS, Luciano Justo - *Castelo de Porto de Mós: estudo histórico*. Porto de Mós: Câmara Municipal Leiria/Comissão Regional de Turismo, 1984.
- RIBEIRO, Orlando - *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, Lda., 1993.

- ROSSA, Walter; TRINDADE, Luísa – “Questões e antecedentes cidade portuguesa: o conhecimento sobre o urbanismo medieval e a sua expressão morfológica”. *Murphy: Revista de História e Teoria da Arquitectura e do Urbanismo*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Março de 2006.
- SANTOS, José Travaços. *Apontamentos para a História da Batalha*. Batalha: Câmara Municipal de Batalha, 2006.
- SERRA, Pedro Cunha - "Alguns aspectos da toponímia lamecense". Lisboa: *Anais da Academia Portuguesa da História*, 2ª série, nº 31 (1986). Separata.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo (texto e notas); GUEDES, Patricia; GUEDES, Rui (Prod.) - *Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 2003.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *Um passeio pela História de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 2003.
- SILVA, Herlander Eleutério da- *O Couto Mineiro do Lena - Histórias e Memórias*. Porto de Mós: CEPAE - Centro do Património da Estremadura, 2007.
- SILVEIRA, Joaquim da - *Índice geral dos artigos de toponímia portuguesa*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1959.
- SOBRAL, José Manuel - "O Oral,o escrito e a memória dos sem história". In MONTEIRO, Bruno; DOMINGOS, Nuno (Org.)- *Este País não existe*. Porto: Deriva Editores, 2015, pp. 40-48.
- SOUSA, R. H. Pereira de - *Ensaio sobre a toponímia das grutas naturais portuguesas*. Coimbra: [s.n.], 1957.
- VENTOS DA MEMÓRIA. *S. João e S. Pedro* - Porto de Mós: Junta de Freguesia de S. João e de S. Pedro, [S. d.].
- VIEIRA, Armindo - *Pequena Monografia das Pedreiras - Contributos para uma história*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 2007.

VOZ ÀS MEMÓRIAS - *Desastre da Escola Primária de Porto de Mós, 8 de dezembro de 1936*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 2012.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ALMEIDA, Álvaro Duarte de; BELO, Duarte; MATTOSO, José; PEREIRA, Paulo (coord.) *Portugal património: guia-inventário*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2007-2008. Vol. IV.

ANDRADE, Amélia Aguiar - *Horizontes urbanos medievais*. Lisboa: Livros Horizonte, 2003.

BLOCH, Marc – *Introdução à História*. 5.^a ed. Lisboa: Publicações Europa América, [1987].

BLOCH, Marc – *Introdução à História*. Prefácio de Jacques Le Goff. 2.^a ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2010.

BRAUDEL, Fernand – *O Mediterrâneo. O Espaço e a História*. Lisboa: Editorial Teorema, 1987.

BRAUDEL, Fernand – *Escritos sobre a História*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

BRITO, Raquel Soeiro de - Portugal Continental. A ocupação humana. In MATTOSO, José (Dir.) *História de Portugal. Antes de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2013, pp. 48-55.

CALADO, Luís Ferreira; LEITE, Joaquim Passos; PEREIRA, Paulo – «Património integrado ou a alma dos monumentos». *Estudos Património*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico. N.º 4 (2003), p. 5-15.

CANDAU, Joël – *Anthropologie de la mémoire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

- CATROGA, Fernando - *Memória, história e historiografia*. Coimbra: Quarteto Editora, 2001.
- CHOAY, Françoise – *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- CHOAY, Françoise – *As questões do Património. Antologia para um combate*. Lisboa: Edições 70, 2011.
- CLÉMENT, Michel - "Archéologie de la barbarie: Oradour-sur-Glane". In *Le regard de l'histoire. L'émergence et l'évolution de la notion de patrimoine au cours du XXe siècle en France, sous la présidence de Henry Rousso*. Actes des entretiens du patrimoine. Paris: Fayard, 2003, pp. 111-118.
- DAVIES, Penelope J. E.; DENNY, Walter B.; HOFRICHTER, Frima Fox et al – *A Nova História da Arte de Janson – A tradição Ocidental*. 9.^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.
- ESPÍRITO SANTO, Moisés - *Cinco mil anos de Cultura a Oeste- Etno- História da Religião Popular numa Região da Estremadura*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2004
- FERRO, Marc – *Os Tabus da História*. Lisboa: Editorial Teorema, 2006.
- JOÃO, Maria Isabel – "Memória e construção de mitos: reflexão em torno dos heróis". In *Discursos*. Lisboa: Universidade Aberta. III Série (Junho 2001), p. 211-224.
- JOÃO, Maria Isabel – *Memória e império: comemorações em Portugal (1880-1960)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- JOÃO, Maria Isabel – *Memória, história e educação*. Braga: Núcleo de Estudos Históricos da Universidade do Minho, 2005.
- LE GOFF, Jacques – *História*. Lisboa: Edições 70, 2000. Vol. I.
- LE GOFF, Jacques – *Memória*. Lisboa: Edições 70, 2000. Vol. II.

- MARQUES, A. H. de Oliveira – *História de Portugal. Das Origens ao Renascimento*. 14ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2010. Vol. I.
- MARQUES, A. H. de Oliveira – *História de Portugal. Do Renascimento às Revoluções Liberais*. 13ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1998. Vol. II.
- MARQUES, A. H. de Oliveira – *História de Portugal. Das Revoluções Liberais aos nossos dias*. 13ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1998. Vol. III.
- MATOS, Alfredo - "A Comarca de Porto de Mós". Lisboa: *Estremadura*. Boletim de Junta de Província, 1956. Separata.
- MATTOSO, José – *A Escrita da História*. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.
- MATTOSO, José (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. 8 vols.
- MATTOSO, José; DAVEAU, Suzanne; BELO, Duarte - *Portugal ao sabor da Terra. Um retrato histórico e geográfico por regiões*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2010, p. 475.
- MOREIRA, José Beza - *Monumento funerário romano de Ribeira de Cima*. [S.l.: s.n] 1986.
- NETO, Maria João - "Restaurar os monumentos da Nação entre 1932 e 1964". In CUSTÓDIO, Jorge (coord.) – *100 Anos de património. Memória e identidade*. 2.ª ed. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico, 2011, pp. 157-166.
- PEREIRA, Paulo – *História da Arte portuguesa*. Volume I. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.
- ROSAS, Fernando – "O Estado Novo". In José Mattoso (dir.) – *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. Volume 7.
- SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal-Dicionário de personalidades*, vol. XV, Edições e Conteúdos Quidnovi, 2004.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *História de Portugal*. 2ª ed. ver. Lisboa: Verbo,1978. Vol. VII.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo - *Um passeio pela História de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, 2003.

SERRÃO, Joel-*Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas,1990,6 Vols.

SILVA, Herlander Eleutério da- O Couto Mineiro do Lena - *Histórias e Memórias*. Porto de Mós: CEPAE - Centro do Património da Estremadura, 2007.

SILVEIRA, Joaquim da - *Índice geral dos artigos de toponímia portuguesa*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1959.

SOBRAL, José Manuel – "Memória e identidades sociais: dados de um estudo de caso num espaço rural". *Análise Social*. Lisboa. Vol. XXX, 131-132 (2.º e 3.º 1995), p. 289-313.

SOUSA, R. H. Pereira de - *Ensaio sobre a toponímia das grutas naturais portuguesas*. Coimbra: [s.n.], 1957.

TRABALHOS ACADÉMICOS

AFONSO, Daniel Borges Braz - *A rua na construção da forma urbana medieval: Porto, 1386-1521*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto, 2012. Dissertação de Mestrado.

AFONSO, Hugo João Jesus - *Letreiros toponímicos do centro histórico eborense: a tipografia como objecto formal de composição visual*. Escola de Artes. Departamento de Artes Visuais e Design. Universidade de Évora, 2014. Dissertação de Mestrado.

JACOB, Berta Maria Oliveira - *A toponímia de Luanda : das memórias coloniais às pós-coloniais*. Lisboa: Universidade Aberta, 2011. Dissertação de Mestrado.

- LEITÃO, Ana Cristina Encarnação Santos - *Arez da Idade Média à Idade Moderna: um estudo monográfico*. Lisboa: Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa, 2008. Dissertação de Mestrado.
- NETO, Maria José Santos - *A toponímia da cidade da Guarda e a construção da memória pública no século XX*. Lisboa: Universidade Aberta, 2011. Dissertação de Mestrado.
- RIBEIRO, Pedro Querido Figueiredo Bragança - *Lugares de habitar entre a terra e o mar. Apontamentos sobre temas do território - no Entre Douro e Minho*. Porto: Faculdade de Arquitectura. Universidade do Porto, 2014. Dissertação de Mestrado
- ROCHA, Idorindo Vasconcelos da - *O carvão numa economia nacional*. Porto: Faculdade de Letras. Universidade do Porto, 1997. Dissertação de Mestrado.
- ROMBA, Sandra Isabel Costa - *Evolução urbana de Olhão*. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade do Algarve, 2008. Dissertação de Mestrado.
- TRINDADE, Luísa - *Urbanismo na composição de Portugal*. Coimbra Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra, 2009. Tese de Doutoramento.

WEBGRAFIA

- 2^{as} JORNADAS DE TOPONÍMIA DO SUL. Albufeira: Auditório Municipal de Albufeira, 28 fevereiro 2008. Atas. [Em linha]. [Consultado 15-08-2015]. Disponível em WWW:<http://toponimia.cmalbufeira.pt/documentos/actas_2as_jornadas_toponimia_sul.pdf>.
- ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO. *Memórias paroquiais.- São Pedro, Porto de Mós, Ourém*. 1758, vol. 30, nº 232b, p. 1783 a 1792. [Em linha]. [Consultado. 25 Abril 2015]. Disponível em WWW:<<http://digitalq.arquivos.pt/details?id=4241291>>.
- BRANDÃO, José M. - "Caminho de Ferro Mineiro do Lena": desígnio de progresso industrial e social. *Património geológico, arqueológico e mineiro em regiões*

cársicas. Atas do Simpósio Ibero-americano. Batalha, 2007, pp. 193-203. [Em linha]. [Consultado em 03-10-2015]. Disponível em WWW:<<http://repositorio.ineg.pt/bitstream/10400.9/847/1/32216p193.pdf>>.

COMEMORAÇÃO DOS 500 ANOS DE FORAL MANUELINO. (18 de Fevereiro de 1515). [Em linha]. [Consultado. 24-10-2015]. Disponível em WWW: <<http://www.municipio-portodemos.pt/Page.aspx?id=590>>.

CRESPO, Vítor Manuel Trigueiros. [Em linha]. [Consult. em 10/6/2016]. Disponível em WWW: < <http://portomosenses.blogs.sapo.pt/904.html>

HARRISON, William Henry - *The tourist in Portugal*, London: Robert Jennings: printed by Maurice, Clark, and Co., 1839. [Em linha]. [Consultado 25 Abril 2015]. Disponível na Internet WWW: <<http://purl.pt/17100>>.

IGLESIAS SALDAÑA, Margarita - "Trauma Social e Memoria Colectiva". In *Historia Actual Online, Invierno - Debate Historiográfico*, nº 6, (2005). [Em linha]. [Consultado 25 Abril 2015]. Disponível na Internet WWW: <http://www.hapress.com/haol.php?a=n06a07>>.

JACOB, Berta Maria Oliveira - *A toponímia de Luanda: das memórias coloniais às pós-coloniais*. Lisboa: Universidade Aberta, 2011. Dissertação de Mestrado. [Em linha]. [Consultado 15-08-2015]. Disponível em WWW: < <http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1866>>.

JOÃO, Maria Isabel - "História regional e local", in *Dicionário de Historiadores Portugueses - Da Real Academia das Ciências ao Estado Novo*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal. [Em linha]. [Consultado 15-01-2016]. Disponível em WWW: <http://dichp.bnportugal.pt/tematicas/tematicas_hist_reg_local.htm>.

JOÃO, Maria Isabel - Percursos da Memória: centenários portugueses no século XIX Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960). In Instituto Camões. *Revista de Letras e culturas Lusófonas*. N.º 8 (jan./março 2000). [Em linha].

[Consultado 29-12-2014]. Disponível em WWW: <<http://www.instituto-camoes.pt/revista/percursmemo.htm>>.

JOÃO, Maria Isabel - *Nação, Identidade e memória: notas para um debate*. Lisboa: Universidade Aberta, 1999. [Em linha]. [Consultado 29-12-2014]. Disponível em WWW: <<http://hdl.handle.net/10400.2/4275>>.

LIMA, Adriana Tavares - *De Bracara Augusta a Braga: análise toponímica de um concelho português*. Brasil. São Paulo. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de pós-graduação em Filologia e Língua portuguesa, 2012. [Em linha]. [Consultado 29-12-2015]. Disponível em WWW: <<http://pt.scribd.com/doc/126792671/Dissertacao-Adriana-Tavares-Lima-Versao-corrigida#scribd>>.

LEIRIA. Arquivo Distrital de Leiria. *Paróquia de S. João Batista - Concelho de Porto de Mós*. [Em linha] [Consultado 25-01-2016] Disponível em WWW: <<http://digitalq.adlra.dgarq.gov.pt/details?id=1032543>>.

MACHADO, Bruno - *Os filhos dos "retornados": a experiência africana e a criação de memórias, pós-memórias e representações na pós-colonialidade*. Lisboa: Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Universidade de Lisboa. 2011. [Em linha]. [Consultado 29-12-2015]. Disponível em WWW: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6868/1/igotul001402_tm.pdf>.

MUSEU DA PRESIDÊNCIA- Presidentes da República. [Em linha]. [Consult. em 13 de janeiro de 2016]. Disponível em http://www.museu.presidencia.pt/presidentes_rep.php?id=102

NAZARÉ. Câmara Municipal da Nazaré. *A Lenda da Nossa Senhora da Nazaré*. [Em linha]. [Consultado 17-08-2015]. Disponível em WWW: <<http://www.cm-nazare.pt/pt/lenda-da-nossa-senhora-da-nazare>>.

NETO, Maria José Santos - *A Toponímia da cidade da Guarda e a Construção da memória pública no século XX*. Lisboa: Universidade Aberta, 2011. Dissertação de Mestrado.

[Em linha]. [Consultado 17-08-2015]. Disponível em WWW:<<http://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2085>>.

PEREIRA, Nuno Álvares [Em linha]. [Consult. em 3 de novembro de 2015]. Disponível em <<http://www.historiadeportugal.info/nuno-alvares-pereira/>>

PEREIRA, Nuno Álvares [Em linha]. [Consult. em 3 de dezembro de 2015]. Disponível em <<https://plataformacidadaniamonarquica.wordpress.com/2013/05/14/biografia-de-s-nuno-de-santa-maria/>>

PIMENTA, José Ramiro Queirós - "Toponímia e significação geográfica". In *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, I série, vol XIX (2003) pp. 279-281 [Em linha]. [Consultado 17-08-2015]. Disponível em WWW:< <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/341.pdf>> .

PORDATA, Base de Dados de Portugal Contemporâneo. Fundação Francisco Manuel dos Santos, [Em linha]. [Consultado 2015-03-27]. Disponível em WWW:<<http://www.pordata.pt/O+que+sao+NUTS>>.

PORTO DE MÓS. Câmara Municipal de Porto de Mós. [Em linha]. [Consultado 2015-01-01]. Disponível em WWW: <<http://www.municipio-portodemos.pt/>>.

PORTO DE MÓS. CÂMARA MUNICIPAL - *Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiro*. s/d. [Em linha]. [Consultado 2015-08-15]. Disponível em WWW: <http://www.municipio-portodemos.pt/Page.aspx?id=183>>.

PORTO DE MÓS. Câmara Municipal de Porto de Mós. *História* [Em linha]. [Consultado 2015-01-01]. Disponível em WWW: < <http://www.municipio-portodemos.pt/page.aspx?id=102>>.

PORTO DE MÓS. Câmara Municipal de Porto de Mós. - *Comemoração dos 500 anos de Foral Manuelino*. (18 de Fevereiro de 1515). [Em linha]. [Consultado. 24-10-2015]. Disponível em WWW: <<http://www.municipio-portodemos.pt/Page.aspx?id=590>>.

PORTO DE MÓS- Primeira Guerra Mundial [Em linha]. [consultado em 20 de janeiro de 2016]. Disponível em <http://www.alqueidao.com/2014/03/22/primeira-guerra-mundial/>.

PORTUGAL - Instituto Nacional de Estatística. Informação estatística. Publicações. População. Censos. [Em linha]. [Consult. em 2015-05-05]. Disponível em https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

RETORNADOS -A integração dos “retornados” no interior de Portugal: o caso do distrito da Guarda [em linha]. [Consult. em 11 de novembro de 2015] Disponível em <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/150.pdf>.

RUA DIREITA - [em linha]. [consult. em 7 de junho de 2015]. Disponível em http://de_apesar_da_oculta%C3%A7%C3%A3o_da_sua_designa%C3%A7%C3%A3o.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE PORTO DE MÓS - [em linha]. [Consult. em 23 de outubro de 2015]. Disponível em http://www.santacasa-portodemos.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=40&Itemid=59

SILVA, Licínio Moreira da Silva. [Em linha]. [Consult. em 23/6/2016]. Disponível em <http://portomosenses.blogs.sapo.pt/1516.html>.

TODOROV, Tezvetan. "Memoria Del mal, tentación Del bien – Indagación sobre El siglo XX". Barcelona: Ediciones Península, 2002. In, *Em Tempo de Histórias* Publicação do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, N°. 21, (Ago-Dez 2012). [Em linha] [Consultado 29-5-2015] Disponível em WWW: <http://pt.scribd.com/doc/414202/Todorov-Tzvetan-Memoria-del-mal-tentacion-del-bien#scribd>.

LEGISLAÇÃO

Decreto n.º 118/1979. *Diário da República. I Série* - N.º 102 (04-05-1979) pp. 828-830. Cria o Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros

AVISO n.º 8894/2015. *Diário da República. II Série*. N.º 156 (12-08-2015) pp. 22777-22801.

1.ª Revisão do Plano Diretor Municipal de Porto de Mós.

Anexos

Anexo A

Lista dos topónimos com as primeiras nomeações e as renomeações da vila de

Porto de Mós de 1880 a 2015

	1880-1910 (Finais da Monarquia)	De 5 de Outubro de 1911 a 1926 (Primeira República)	1927-1974 (Ditadura Militar e Estado Novo)	1975-2015 (Regime Democrático)
1	Barão de Viamonte (Avenida do)	❖	❖	❖
2	Botica (Largo da)	31 de Janeiro(Largo)	❖	❖
3	Cadeia (Calçada da)	José da Ângela (Travessa)	Id.	Id.
4	Cadeia (Rua da)	Madeira (Rua da)	Padre Manuel do Espírito Santo (Rua)	Id.
5	Calçada das Lamas (Estrada da)	Adriano Carvalho (Rua)	Id.	Id.
6	Carreira (Rua da)	Id.	Dr. Oliveira Salazar (Avenida)	Liberdade (Avenida da)
7	Castelo (Rua do)	Galega (Rua)	D. Fuas Roupinho (Rua)	Id.
8	Cruz do Sabugueiro (Praça)	❖	❖	❖
9	Direita (Rua)	5de Outubro (Rua)	Id.	Id.
10	Dr. Augusto Crespo (Praça)	República (Praça da)	Id.	Id.
11	Eduardo José Coelho (Avenida de)	❖	❖	❖
12	Emídio Navarro (Praça)	República (Praça da)	❖	❖
13	Larga de Campolide (Rua)	Id.	Capitão Cláudio (Rua)	Id.
14	♣	Loureiro (Rua do)	Dr. Joaquim de Carvalho (Rua)	Id.
15	Peixe (Praça do)	Machado dos Santos (Largo)	Id.	Id.
16	Portal das Várzeas (Travessa do)	❖	❖	❖
17	Quebra – Costas (Calçada do)	Id.	Castelo (Calçada do)	Id.
18	Quebra- Costas (Travessa do)	Id.	Benemerência (Rua da)	Beneficência (Rua da)
19	Rossio	Rossio (Parque e Avenida do)	Presidente Carmona (Praça)	Lg 1º Maio/Rossio (Largo do)
20	S. João (Largo de)	Id.	Id.	Id.
21	S. João (Travessa de)	Id.	Id.	Id.
22	S. Pedro (Praça de)	República (Praça da)	Id.	Id.
23	♣	S. João do Escorial (Travessa de Trás de)	Escorial (Travessa do)	Id.
24	♣	Campolide (Travessa de)	Escorial (Azinhaga do)	Id.
25	♣	Galega (Travessa da Rua)	D. Fuas Roupinho (Travessa)	Id.
26	♣	Amado (Rua do)	D. Dinis (Rua)	Id.
27	♣	Miguela (Travessa da)	Cid (Rua do)	Id.
28	♣	João Pires (Travessa)	S. João (Beco de)	Id.
29	♣	Hospital (Travessa do)	Manuel dos Santos (Travessa)	Id.
30	♣	Hospital (Rua do)	Conceição Abreu (Rua)	Id.

31		♣ Batalha (Rua da)	Mestre de Avis (Rua)	Id.
32		♣ Ricardo (Beco do)	S. Pedro (Rua de)	Id.
33		♣ João Valentim (Travessa)	S. Pedro (Travessa de)	João Filipe Guerra (Largo)
34		♣ Rita (Travessa da)	Padre Joaquim Ferreira (Travessa)	Id.
35		♣ Gaivoto (Rua do)	Santa Isabel (Calçada de)	Id.
36		♣ Dr. António Crespo (Rua)	Id.	Id.
37		♣ Tílias (Largo das)	Conde de Ourém (Largo)	Id.
38		♣ Craveiros (Rua dos)	D. António Pinheiro (Rua)	Id.
39		♣ Avenida Cândido dos Reis	Combatentes da Grande Guerra (Avenida dos)	Id.
40		♣ Vale Florido (Travessa do)	Id.	Id.
41		♣ Inglês (Travessa do)	Matadouro (Azinhaga do)	Conde Barão (Travessa do)
42	Jacinta (Travessa)	Jacinta (Rua da)	Luís de Camões (Rua)	Luís de Camões (Avenida)
43		♣ ♣	Lena (Beco do)	Lena (Beco do)
44		♣ Barreiro (Rua do)	Barão de Porto de Mós (Rua)	Conde Barão (Rua)
45		♣ S. Pedro (Calçada de)	Id.	João Matias (Rua)
46		♣		S. Pedro (Avenida de)
47		♣ Plátanos (Avenida) dos	D. Afonso Henriques (Alameda)	Id.
48				Dr. Sá Carneiro Rua (Avenida)
49				Santo António (Avenida)
50				Capitão José de Sousa (Largo)
51				Engenheiro Adelino Reis dos Santos (Rua) mais conhecida por Rua do Liceu
52				Descobrimentos (Rua dos)
53				Engenheiro Adelino Amaro da Costa (Rua)
54				Fernando Brito Sousa Pinção (Rua)
55				Francisco Serra Frazão (Rua)
56				Bombeiros (Rua dos)
57				Outeiro Atrás do Castelo (Rua)
58				Arménio Marques (Praceta)
59				João Matias (Praça)
60				Penedo Fagundo (Rua)
61				Igreja (Avenida da)
62				Vila Forte (Avenida)
63				Dr. Licínio Moreira da Silva (Avenida)
64				Santo António (Beco de)
65				S. Miguel (Beco)
66				Eira (Encosta da)

67				Santo António Escadas de)
68				Bairro de S. Miguel (Escadas do)
69				Rio Seco (Travessa)
70				D. Nuno Alvares Pereira (Largo)
71				Almirante Vitor Trigueiros Crespo (Parque) conhecido também por Parque Verde
72				S. Pedro (Praceta de)
73				Cruz do Sabugueiro (Rua da)
74				Boavista (Rua da)
75				Costa (Rua da)
76				Fonte do Castelo (Rua da)
77				Forca (Rua da)
78				S. Pedro (Rua da Praceta)
79			Saudade (Rua da)	Id.
80				Rio Alcaide (Rua de)
81				S. João (Rua de)
82				S. Miguel (Rua)
83				Castelo (Rua)
84				Cruzeiro (Rua do)
85	♣		♣ Caminho do Rio Seco	Escorial (Rua do)
86				Vasco da Gama (Rua)
87				S. Miguel (Travessa)

Fonte: Câmara Municipal - Atas de Sessão de Câmara de 1880-2015

Legenda:

❖ -Via sem continuidade

♣-Designação desconhecida

Id. - Permanência da mesma designação toponímica

Nota: A numeração das vias desta tabela não é a mesma que se encontra nos mapas em anexo.

Anexo B

Entrevista 1

Dia 21 /5/2014

Local: Câmara Municipal de Porto de Mós- sala do Arquivo

Nome: Maria Alice Marques Crachat

Idade: 92 anos

Profissão: professora do 1º ciclo- reformada e frequentadora da Universidade Sénior em Porto de Mós

Escolaridade: Bacharelato no Magistério Primário

Residência: Moradora em Porto de Mós



«Nasci em Porto de Mós, no lugar onde agora é o Pisão, não sei se conhecesse, um lugar assim com muitas casas, fica para lá da ponte, quando se vai para a Ribeira mas depois vim morar para a vila e vim para a Rua Galega (na altura chamava-se assim) que agora é D. Fuas Roupinho.

Penso que se chamava Rua Galega porque devia ser do princípio da monarquia quando o castelo, não é quando foi conquistado por D. Afonso Henriques, o alcaide do castelo era D. Fuas Roupinho. Hoje é rua D. Fuas Roupinho está lá a casa que dizem ser a de D. Fuas Roupinho, onde agora é a Junta de Freguesia. Dizem que essa casa era onde vivia D. Fuas Roupinho eu lembro-me que era toda em pedra.

Depois vim morar para a Rua da Saudade na antiga Rua de Campolide, onde a minha filha comprou casa e vivo ali no 2º andar.

Não sei porque é que se chamava Rua da Saudade, mas sei que desde a casa das Costas, sei que havia ali um recanto que lhe chamavam canto da saudade era para ali onde havia a casa do Adelino Marques e esse recanto ali recordo-me que chamavam canto da saudade mas, depois, quando arranjaram esse bocado puseram o nome de Rua da Saudade. Lembro-me quando era garota, ia para a época de praia na Nazaré juntávamo-nos para fazer jogos e depois as garotas perguntavam-me de onde eramos e quando eu ia para falar diziam: tu não és de cá, és de Lisboa. A mim diziam: tu não precisas de dizer de onde és, vê-se que és de Lisboa, porque diziam que a nossa fala aqui de Porto de Mós era muito parecida com a de Lisboa, pois não tínhamos sotaque, na maneira de falar.

Como era Porto de Mós, na minha infância:

Porto de Mós havia uma nora em direção à escola primária, onde agora estão os bombeiros. A nora era uma coisa assim grande, onde nós, as garotas íamos para lá fazer ginástica.

Quando eu era pequenina lembro-me da inauguração da eletricidade cá. Antes era a luz dos candeeiros. Não havia água. Havia uma fonte no castelo que ainda lá existe era água muito boa. Até do Alqueidão iam lá buscar água para beber e para tudo, iam nos burros. O depósito era limpinho e a água era fresquinha; havia uma escadaria a descer para ir buscar água. Eu era garota devia ter os meus 10 anos. Recordo-me de uma pessoa que a dormir foi à fonte do castelo buscar água com um cântaro, mas quando chegou à porta devia de se baixar um bocadinho. Não baixou e é claro, o cântaro caiu ao chão e partiu-se. Recordo-me de contarem isso, eu era pequena e eu achava muita piada a isso. A água era muito fresquinha. Era uma “enchente” de gente que ia lá buscar água. E arranjavam lá namoricos.

De ruas, naquela altura, umas nem tinham nome não é como agora que tudo tem nome.

Havia o Rossio, era de outra maneira, não havia ruas, não havia aquela avenida, era fechado. Depois as casas que lá estavam foram tiradas para construírem a Rua da Igreja. Desapareceram casas para fazer lá a rua da Igreja. Havia lá o Cruzeiro, o Coreto da música que não haviam de o ter tirado de lá. O Coreto estava no largo do jardim. Está lá aquele café. A música ao domingo tocava no Coreto e o pessoal dançava. Recordo-me bem. Tive muita pena quando tiraram de lá o Coreto. Porque é que não deixaram ficar lá o coreto, que dava graça, agora quando é a festa de S. Pedro, o Coreto fazia tanta falta lá. Não deviam tê-lo tirado, deixavam-no estar e quem era o Presidente da Câmara na altura já não me lembro. Sei que o tiraram quando arranjaram o jardim. Ajardinaram tudo.

No Rossio era a feira do gado e da fruta, havia árvores, não é como agora, era uma entrada muito linda, as árvores tapavam a estrada toda. Foi uma pena o que ali fizeram, havia ali a casa das Maraus. Lembro-me que no Rossio, quando tinha táxis, e muito bem quando era a feira do gado, vendiam também lá fruta. As árvores faziam uma copa e agora tiraram uma parte delas, vendiam lá fruta. Era muito bonita a entrada. Tiraram de lá aquilo para estarem agora aqueles monos.

Nessa altura era tudo o que havia para lá das várzeas, de várias culturas.

Outras ruas de que me lembro: por exemplo, a Travessa da Miguela depois passou a ser a Rua do Cid que vai direito à do Rio Seco e, mais à frente, depois puseram o nome de

Travessa D. Fuas Roupinho. A Travessa chamava-se da Miguela, pois ela vivia lá, a avó da Miguela era a avó da Fininha. Ela tinha uma loja era a loja da ti Miguela. Ela vendia de tudo porque elas enriqueceram tudo.

Porque quando houve a outra crise, a da II Guerra, em 1945, ela tinha lá azeite, e como não havia azeite, só na candonga.

A travessa João Pires não me lembra e não sei bem onde é, será a travessa que passa por a igreja? Essa não sei porque é que se chama assim. Será que é a travessa que vai ter a S. João? Não sei.

O Beco do Ricardo, eu conhecia essa família, Ricardos, essa rua vai, deve ser, aquela que vai, deve ser coitados aquele café que é ali, esses ricardos moravam aí mas eu conheço essa família. A ruazinha onde está o café ali por trás porque os Ricardos moravam lá.

A Rua da Madeira, essa fica onde? Esse nome não me recorda.

A Travessa João Valentim... lembro-me era dessa pessoa. Não sei, por que é que puseram esse nome.

A Travessa da Rita, ah, é ali por trás onde mora a mãe do Amado. A mãe do Adelino dos Reis chamava-se Rita que já falecera, era um engenheiro, não sei se é aquela travessa. A Rita era o nome daquela senhora que lá viveu. Há uma história muito grande dela sobre ela. Os sogros eram muito ricos....o Adelino, a mãe dele era do norte, o pai dele o Zé da Costa. Ela veio aqui parar, teve aquele filho e não a queriam receber. Era muito má morava ali no Rio Alcaide, aquilo era dos tios dela. Essa Ema casou e a Rita era a sogra e era muito má.

As ruas tinham o nome das pessoas que lá viviam.

A Rua do Cid, por exemplo, nós dizíamos a Rua do ti Zé da Ana.

A Rua do Gaivoto era a do Nico, o Gaivoto era dos casais Martanos, ao pé da Renova, veio para cá e casou com uma senhora de uma certa idade ele arranjou uma filha à criada, ele era o gaivoto

A Rua a seguir é a do meu primo Arménio que é a Calçada do Castelo essa é que e o Quebra-Costas.

Largo das Tílias havia aí muitas tílias e ainda as há aí cheiram tão bem.

A Rua dos Craveiros era assim chamada porque havia lá muitos cravos nas janelas.

A Travessa do Vale Florido é aquela travessa à porta do João Zabumba.

A Rua da Carreira era a Avenida era a carreira porque de lá chegava-se mais rápido.

A Travessa do Inglês passou a chamar-se Azinhaga do Matadouro, ai morou um Inglês muito tempo. Tinha uma filha que andava na escola. E toda calcetada e para subir ainda custa um bocadinho».

Entrevista 2

Dia 04/06/2014

Local: Praça da República, Porto de Mós

Nome: Carlos Pinção

Idade: 85 anos

Profissão: reformado

Escolaridade: 5º ano antigo da Escola Comercial

Residência: Morador em Porto de Mós



«Como era a vila no meu tempo, havia a Rua de D. Fuas Roupinho, onde nasci. Um vizinho que lá morou durante muitos anos contava-me uma história que o meu pai também contou, isto em 1800 e tal.

Depois do terramoto de 1755, o castelo foi demolido e o epicentro foi em Benavente, há uma linha sísmica. Vinham da Galiza canteiros para reconstituir o castelo. Dessa gente toda havia uma senhora, D. Joaquina, (Dona Ruaquina em espanhol) que ficou aí viúva e como tinha um dedo especial para fazer uns pitéus bons e servia também vinho muito bom, o pessoal lá de baixo, vinham cá acima e diziam “vamos lá cima a da galega”, portanto lá está ficou a rua galega porque vinham cá comer os lanchezinhos. É isto aquilo que eu sei da D. Joaquina (Dona Ruaquina), a Galega, também começava a intimidar-se e a beber uns copos e a contar umas histórias. Ela era viúva e veio da Galiza daí o nome Rua da Galega. Esses canteiros estavam lá todos a reedificar o castelo. Essa senhora também bebia uns copitos e namorava um velho, também de idade, viúvo, e então tínhamos tipo um namoro. Ele bebia os seus copos e era analfabeto, mas gostava de ser poeta e fazer umas poesias como esta com rima “os teus olhos têm alcarô (álcool) e também tem resmativle (reumatismo), quando olho para ti, oh Jequina inda agora, agora, inté parece impossible.” Isto para rimar com reumatismo. Isto contava-me o amigo António. Isto é o que eu sei da Rua Galega, que hoje é a Rua D. Fuas Roupinho.

Em 1940, quando mudou a rua para D. Fuas Roupinho, o castelo também começou a ser reconstruído. Eu era um rapazinho novo, tinha os meus 12 anos. Quem estava à frente das obras do castelo era um homem muto forte, chamávamos-lhe *O castelão*. Atualmente continua a chamar-se D. Fuas Roupinho, não mudou nada.

A Travessa do Escorial ainda existe, mas sobre ela não sei história nenhuma. A do Cid também foi sempre a do Cid, manteve sempre esse nome, também é uma travessa lá da rua, também não sei porquê. Mas, até tem piada porque veio aí um dia um homem, um Cid de Lisboa, veio ao castelo e ficou todo contente por ter o nome dele aí numa travessa “ Aí isto aqui tem o meu nome”, mas não sabemos nada.

A Rua 5 de Outubro antigamente chamava-se Rua Direita e é a rua mais torta, mas era aquela que ia direita às igrejas. O Hospital antigo era aí, lá está, hoje um Centro de Fisioterapia. Esse hospital já foi uma série de coisas: foi Igreja, foi teatro, foi armazém, foi quartel de Bombeiros e ultimamente foi também casa mortuária e Centro de Saúde. Quando se fez a nova casa mortuária, passou a ser Centro de Fisioterapia.

A Rua do Amado que passou a ser a Rua D. Dinis essa não estou a ver qual é mas, há aqui no bairro de S. Miguel com nomes iguais, outra Rua como por exemplo a de Luís de Camões, também há lá em cima, lá para cima há nomes iguais que deram não sei porquê, modernamente.

A atual Praça da República, era tudo igual, eu lembro-me de isto ser assim, esta praça, ficava já aqui a Câmara, tornou isto maior, havia aqui uma Rua por aqui acima onde os carros passavam, agora já não passam por aqui os carros, as pessoas andam aqui a pé. Ultimamente plantaram aí essa enfiada de pedras que eles chamam de mós, mas isso é mais moderno. Havia aí ao centro da praça um candeeiro muito bonito que também desapareceu. Há fotografias aí que a senhora pode ver. Aqui, na praça da República havia ali naquele canto a loja nova que foi transformada em escritórios. Isto aqui, não cresceu nada e porquê, o que cresceu foi tudo lá para baixo. Isto aqui está tudo igual, foram arranjando aqui e ali fizeram uma calçada nova, tirando ali a Praça do Peixe que hoje é o Tribunal. A praça do peixe foi demolida e fizeram o Tribunal, mas antes foi cine teatro e nós até chamávamos a *escama azul* porquê, fazíamos ali os espetáculos, porque não tínhamos sala de espetáculos, à 6ª feira começávamos a limpar e ficavam ali as escamas.

A Rua Salazar chamava-se dantes a da Carreira e depois no auge da União Nacional, chamava-se Salazar, veio o 25 de Abril, puseram-lhe o nome de Avenida da Liberdade. Essa levou essas modificações todas.

A Rua João Valentim havia um homem que aí morava e que se chamava Valentim. Essa é hoje a que está aqui por detrás da Câmara onde está o estacionamento de automóveis.

A do Gaivoto é a Travessa ao pé da Igreja de S. João contínua tudo igual depois passou a chamar-se a de Santa Isabel.

A do Quebra- Costas, as pessoas com aquelas botas, ali naquela rua muito ingreme escorregavam e quebravam as costas daí o nome de Quebra- Costas, essa lembro-me muito bem.

A dos Craveiros era a D. António Pinheiro. Era dos Craveiros porque havia ali muitos craveiros. Tiraram o Dom a António Pinheiro porque disse ao Rei D. Sebastião, Oh rei vais-te meter numa aventura, ali no Martim Moniz e o rei insultou o homem em público e tirou o Dom. Foi um homem que chamou a atenção ao rei que era um garoto. Atualmente é a Rua António Pinheiro.

A Travessa da Saudade não sei porque é que se chama assim...

A Travessa do Inglês lembro-me da filha do Inglês que era uma rapariga muito bonita.

A Maria Jacinta é a Luís de Camões. Era Maria Jacinta porque ela morava lá.

Naquela altura punham o nome das ruas pelas pessoas que aí moravam e às vezes eram pessoas nada de especial.

A do Escorial é a do Rio Seco, não sei porque é que puseram esse nome.

A Rua do Capitão esse homem foi um portomosense, capitão da marinha, foi vice-presidente da Câmara, fez a canalização da água, fez obras aqui na altura».

Entrevista 3

Entrevista - Dia 22 /7/2014

Local da Entrevista: na sua residência em Porto de Mós

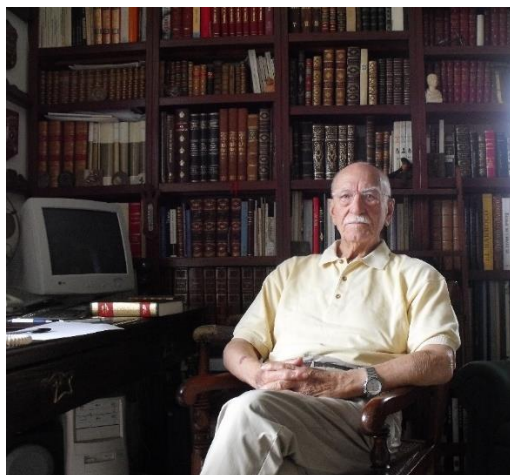
Nome: Victor Manuel Trigueiros Crespo

Idade: 82 anos

Profissão: Almirante- reformado

Escolaridade: Licenciatura

Residência: Lisboa



«Residente e morador: em Lisboa, mas estive sempre aqui com os meus pais e a família em geral vinha cá todas as férias e depois herdei esta casa do meu tio e depois passei a vir para cá praticamente nas férias e como tenho propriedades agrícolas aqui, também vinha tratar da agricultura, mas passei muitos anos fora de Portugal, em África, Índia, Inglaterra, Alemanha. Estudei em Leiria e depois fui para Coimbra.

Estudei em Leiria, depois fui de Leiria para Coimbra.

Esta Rua, ao lado da nossa casa é a rua Dr. António Crespo, foi meu avô do lado paterno. Ele estudou em Coimbra a partir de alguma idade, porque julgo que já não era jovem, resolveu estudar já com alguma idade. Licenciou-se em Direito e veio advogar aqui para Porto de Mós e fez aqui toda a sua carreira, era conservador e advogado e portanto, fez toda a sua carreira profissional aqui e parte da carreira política, porque ele foi do partido progressista e foi deputado vários anos, e esta é parte da biografia dele.

Os jornais de 1839 falam de Augusto Crespo. Eram dois irmãos: um, Augusto Crespo, médico e vivia em Lisboa. O outro António Crespo, o meu avô, que era conservador, e advogado e vivia em Porto de Mós foi Presidente da Câmara, foi governador do Distrito e vários anos membro da Câmara, várias legislaturas, do partido progressista, mais ou menos entre 1880/ 90, final da monarquia até à República porque ele depois desinteressa-se da política na República não porque que a República o incomodasse porque ele não era daqueles monárquicos convictos. Era uma pessoa com ideologia política autónoma do Regime.

Enquanto político interessou-se por trazer a comarca aqui para Porto de Mós. Eu suponho que não era propriamente comarca. Era ainda do tempo dos delegados reais mas houve aqui na vila representante real para a justiça, mas comarca propriamente julgo que era a primeira vez, nessa época, portanto, deve ser de 1880. Ficou a advogar aqui, em Ourém e em Leiria. Tinha uma advocacia bastante ativa e produtiva ao que se vê porque comprou bastantes propriedades e enfim, teve muitos filhos também e todos estudaram mas só houve um que se formou, que se chamou também Augusto que era um tio meu, portanto irmão do meu pai. Os outros não se formaram, eram funcionários públicos, faziam o liceu e acabavam funcionários públicos. Foi o caso do meu pai que era aqui secretário da câmara e portanto era pessoa de grande influência no distrito e mesmo a nível nacional. Eu só soube isto recentemente. Enquanto foi Governador Civil na altura julgo que se chamava administrador do distrito, não estou bem certo, podiam nomear para o seu lugar, no parlamento outra pessoa e ele nomeou o irmão, Augusto Crespo que era médico em Lisboa, no período em que ele foi aqui governador do distrito, ele foi membro do Parlamento, foi uma investigação recente que fizeram que alguém me disse me falou num Deputado Augusto Crespo, no tempo da monarquia e eu disse, não, não, Augusto Crespo foi também deputado de duas legislaturas no tempo do anterior regime. Ora deixe-me dizer-lhe a origem da família: o meu bisavô era daqui de Porto de Mós chamava-se António Crespo, estudou em Coimbra, era liberal, portanto participou no 1 de Maio, no cerco do Porto. Eu sei esta referência familiar e quando acabou o curso na altura a Magistratura começavam por advogado e depois eram juizes, mas ele foi concedido ser juiz em África e portanto fez a carreira da magistratura toda em África. Começou por Juiz, julgo em Cabo Verde, depois esteve em Luanda, isto está nas atas do Parlamento, porque teve uma grande confusão, uma grande disputa, enquanto juiz em Luanda, com o governador-geral porque tinha sido feita uma doação não sei porque país a S. Tomé e Príncipe e o governador de S. Tomé não teria administrado de forma correta. Quer dizer teria havido talvez não sei que palavra usar mas formas irregulares e ilegais na distribuição e nos propósitos daquela oferta e ficaram com coisas pessoais e esse meu avô pôs um processo a essa situação no tribunal de Luanda e o governador-geral expulsou-o e ele esteve cá em Portugal, o meu bisavô, António. Depois com outro governador foi outra vez para Luanda fez a sua carreira que terminou na Índia, na Relação da Índia, porque a relação de todo o sistema judicial colonial era na Índia. Ele depois passou para a relação da Índia e foi aí que terminou a carreira. Portanto aí por 1880, deve ter terminado a carreira e

veio para Portugal, viveu em Lisboa, mas suponho que é ele que faz arranjos nesta casa (moradia do entrevistado e local da entrevista). Esta casa é muito antiga, de 1870/80, como existe agora. Anteriormente havia uma casa da família, que seria uma casa mais modesta, mas aqui situada nesta, provavelmente não existem fotografias dessa casa que eu estou a falar. As fotografias mais antigas, que tenho desta casa, são do aspeto que lhe repus através duma que tenho exatamente como ela era.

O meu bisavô, António Crespo, fundador da família teve dois filhos: António e Augusto, sendo o Augusto, médico e vivendo em Lisboa praticamente todo o tempo. Essa referência que faz aí no jornal de Porto de Mós, o meu avô tinha muita influência no Portemosense também, e é natural que fizessem aí uma biografia, do irmão que era de Porto de Mós também.

Mas o nome da Rua é do meu avô, António Crespo que era advogado e conservador, político importante aqui no distrito de Leiria, durante toda a vida e portanto a nível nacional, foi pessoa que trouxe a comarca para Porto de Mós e foi pessoa muito importante aqui em Porto de Mós, era um grande proprietário agrícola também e ainda hoje tenho propriedades que eram dele.

Ele foi homenageado com esta Rua e com esta casa e não só com a casa, com uma zona porque eu julgo, eu não estou completamente seguro disto mas já ouvi falar disto. Não havia acesso direto daqui para o castelo e esta zona toda aqui, para baixo do cemitério, para baixo do castelo, até aqui à Praça da República, mais ou menos, era dele. Os terrenos eram dele. E julgo que foi ele que cedeu este acesso direto ao castelo, portanto numa rua direta, ficou com casas do lado de lá, dos filhos, que era a casa do meu pai, a casa do lado de lá da rua era a casa do meu pai, que já vendi e era esta onde vivo que era casa dele e era ali no Largo de Ourém havia uma casa também, que era também dele e ofereceu ao filho mais velho e ainda lá está essa casa. Eu não o conheci sequer. Isto são histórias ouvidas na família porque eu não o conheci, sequer. Ele faleceu antes de eu nascer porque morreu de um ataque cardíaco no teatro em Lisboa, com 69 anos.

Falar de Porto de Mós, dessa época no final da monarquia, é essencial falar do António Crespo e do Carvalho, do Joaquim de Carvalho que era a pessoa do outro partido. Sei algumas coisas dele das condenas políticas que chegaram a ter. Ele tinha uma casa bastante bonita, que para mim, é das casas mais bonitas de Porto de Mós, que é aquela casa ali sobre

a Igreja de S. João (apontando para o local). Não é a casa onde está a funcionar a parte da cultura da câmara, essa é da família Gorjão.

A casa do Gorjão tem a ver com a família da minha mãe, que é Trigueiros. A minha mãe era Trigueiros, da outra família importante, daqui de Porto de Mós, famílias com relevo financeiro. Havia aqui os Carvalhos, que não pertenciam nada à família. O Dr. Joaquim de Carvalho era do outro partido, equivalente ao novo partido conservador. Não sei muito mais sobre ele. Sei que tinha duas filhas que depois casaram com pessoas com poucos estudos, um deles, eu recordo-me muito bem, que era o Valada porque era muito amigo do meu pai, eu era muito jovem que eu visitava lá na Santa Casa, e um outro, que era Gaivoto, que vivia aqui nesta casa porque as duas senhoras morreram antes dos maridos e este Gaivoto tinha uma filha que depois herdou esta casa aqui. Hoje deve ser dos filhos, mas devem chamar-se Gaivotos. A Rua do Gaivoto penso que tem a ver com ele. Uma das casas de que estou a falar tinha alguma dimensão e era bonita e era a última casa da vila, do lado esquerdo, quando se vai daqui para as Eiras da Lagoa é uma casa grande, com umas salas boas, ia lá bastante quando era miúdo, brincar. Era uma casa solar, que fica por cima das Eiras de S. João. Julgo que o Gaivoto era a pessoa que casou com uma das filhas do Adriano de Carvalho, que morava nessa casa. A família conservou a casa com um espaço enorme e com um grande espaço de jardim, que vai desde a Igreja até à rua de cima. A Rua Adriano de Carvalho é esta aqui que era por baixo da minha antiga casa, que era aqui em frente (apontando para o local). E esta começa aqui na Praça da República e sobe e vai ao termo da casa dele, do Adriano Carvalho. Era um nome de certa maneira, digamos ofensivo tirar o nome da rua de uma pessoa que foi tão importante em Porto de Mós, era como tirar o nome aqui da rua António Crespo, meu avô.

Há outra Rua que agora se chama da Beneficência, era da Benemerência foi numa altura que andaram aí a mudar os nomes das Ruas e que alguém mudou para Beneficência mas chamava-se rua da Benemerência e eu suponho que tem a ver também com um familiar meu, que era a minha tia-avó. Portanto dos três irmãos: Augusto, António e Josefina. A Josefina Crespo morava numa casinha que é aqui na rua da Benemerência, que é uma rua que tem uma escada com um alpendrezinho de entrada essa era a casa dela e porque talvez tenham posto esse nome à rua, porque ela era uma senhora muito dedicada ao bem-fazer, e uma das atividades que tinha era ser catequista em Porto de Mós e eu aprendi a catequese com ela, tínhamos umas aulas especiais lá em casa, mostrava no fim as gravuras de Loret, uma bíblia

muito bonita que tinha, e foi uma pessoa muito querida aqui em Porto de Mós e uma figura também aqui com alguma fama de santidade, diziam que uma criada dali, tinha umas rendas que tinha deixado o marido que era médico da marinha e que se chamava Ordaz portanto, eu suponho que o nome dessa tal rua que era razão dessa minha tia-avó. Esta mudança de Rua do Quebra- Costas que passa a ser Rua da Benemerência, pode ter sido influência do meu pai ou do meu tio.

A Rua do Barão de Porto de Mós era em homenagem ao Barão, que era uma pessoa muito culta e rica, daqui de Porto de Mós. Eu estou ligado ao barão, mas pelo lado da minha mãe. Ele chamava-se Trigueiros, Honorato de Trigueiros. O avô da minha mãe era irmão do Barão. O Barão não tinha filhos. E foi assassinado ali num pinhal para os lados de Leiria e portanto, depois a ligação do Barão a Porto de Mós desfez-se. Aliás, o Barão era uma pessoa muito rica e importante. Ele era rico porque casou com a senhora mais rica do país e já mais velha do que ele. O nome, Barão da Cortiça, vinha-lhe porque ele tinha uma quinta no local da Cortiça. Ele foi particularmente importante porque foi o fundador do Tribunal de Contas, até aí em Portugal não havia Tribunal de Contas e ele fundou o tribunal para análise das contas do Estado. Tem também um parecer muito importante sobre outras atuações, foi numa altura em que houve uma série de desastre grandes na Foz do Douro. Ele pertencia à Comissão de Análise desse desastre, na qualidade de - não sei se na altura era apenas Deputado ou se era Conselheiro. Não sei se pertencia à Câmara Baixa ou à Câmara Alta do Parlamento. Ele foi nomeado para elemento de uma comissão e então propuseram a concessão do Porto do Douro para o Porto de Leixões, para maior segurança para um Porto, na região Norte, que não estivesse sujeito às vicissitudes da barra do Douro, como tinha havido um conjunto de grandes acidentes.

Lembro-me muito bem do crescimento da vila, a partir do núcleo inicial. A vila era limitada por aquele jardim do Rossio. Mas esse jardim já tinha sido mandado compor aí para os anos 40, especialmente por um capitão que esteve aqui - o capitão José de Sousa, que foi um senhor que se dedicou muito às obras aqui da câmara, dava-se muitíssimo bem com o meu pai. Eu recordo-me ainda vagamente de um senhor jovem, nessa altura, recordo-me perfeitamente das obras lá de baixo, e portanto aquela avenida que saía- a Av. dos Plátanos- que dava para o jardim. Era uma avenida saída da vila de Porto de Mós. Dos lados eram terrenos agrícolas, chamava-se rua dos Plátanos, porque havia e ainda há plátanos ao longo da via. Mas, a parte de cima, a partir daqui da Capela de Santo António não havia construção

e as casas terminavam aqui no fundo desta Avenida da Liberdade (agora), onde está a Biblioteca que era a antiga Casa dos Juizes, a Panificadora e acabava ali. Do outro lado havia a casa do médico, do Dr. Carreira e depois, havia umas casas que circundavam o jardim, com o café da Dona Alice que era enfermeira-parteira. O marido tinha esse café. Aquela Avenida que segue até à Escola Secundária - nada disso havia. Bem, aqui deste lado havia as casas da rua Galega, que era no termo da vila e depois havia umas casas pequenas nas Eiras da Lagoa, que já era uma povoação fora da vila, mas nada daquelas casas onde era ali o Bairro de S. Miguel, nada disso existia, nem aquela zona ali à volta de Igreja de S. João. Havia duas freguesias: a de S. João e a de S. Pedro. Agora fundiram-se. Na altura tinha dois padres. Aqui, a Praça da República, eu recordo-me dela ter sempre este nome. Na Praça da República havia uma torre muito antiga que tinha sido de uma igreja, que já não existia, não sei qual é porque havia até umas fotografias ou desenhos, não sei, onde se via a torre e a casa. Eu suponho que o meu primo tem imagens. No corredor da casa dele há lá umas imagens de Porto de Mós que devem ter isso. O meu pai falava-me muito disso. A Câmara é mais ou menos do tempo desta casa. O arquiteto que esteve a trabalhar nesta casa também esteve a trabalhar no edifício dos Paços do Concelho.

No Rio Alcaide havia umas casas de uma família famosa - os Amados. A Rua do Amado deve ter a ver com isso, porque havia uma família que veio do Canadá, quando eu era jovem que julgo que se chamava Amado, que tinha uma padaria aqui no Rio Alcaide e eu tive um colega da escola primária, chamávamos-lhe *O Político*, que é pai deste que foi ministro, Amado. A rua Conceição Abreu- havia aqui uma família Abreu, em Porto de Mós que deu esse nome à Rua, que era por trás do Hospital. Era uma família bastante conhecida aqui em Porto de Mós que tem a ver com aquelas famílias tradicionais mas que não sei mais nada. Eu diria que não era daquelas famílias importantes. Na altura em que eu era miúdo havia dois médicos que vieram para cá: alguns deixaram aqui descendentes, eram os Roques».

Anexo C

Questionário à população

Questionário

Sou aluna da Universidade Aberta, do Curso de Mestrado em Estudos do Património. No âmbito deste mestrado, encontro-me a investigar a Toponímia de Porto de Mós. A obtenção de informação acerca do conhecimento que a população possuiu da Toponímia, da Vila de Porto de Mós, (os nomes atribuídos às ruas, largos, travessas, etc.), constitui um dado importante na elaboração da minha pesquisa.

A sua colaboração na resposta a este questionário é muito importante assim, agradeço-lhe que responda com sinceridade a todas as questões.

Nota: este inquérito é anónimo.

I

1. Idade: _____ anos

2. Sexo:

a) Masculino b) Feminino

3. Nível de Escolaridade:

1. 4ª Classe (1º ciclo) 2. 6º Ano (2º ciclo) 3. 9º Ano (3º ciclo) 4. 12º

Ano/Secundário

5. Ensino superior 6. Outra: _____

4. Naturalidade:

1. Porto de Mós 2. Concelho de Porto de Mós 3. Outra

5. Número de anos de residência na vila de Porto de Mós: _____ anos

6. Número de anos de residência no Concelho de Porto de Mós: _____ anos

II

Assinale com x a quadrícula que corresponde, à resposta correta:

1. Qual a designação atual do Largo onde se situa a Câmara Municipal?	
1. Praça de S. Pedro	<input type="checkbox"/>
2. Praça José Emídio Navarro	<input type="checkbox"/>

3. Praça do Rossio	
4. Praça da República	
5. Outro:	

2. Qual a designação dada ao Largo do Rossio, posteriormente a 1940?	
1.Largo de Camões	
2.Largo Machado dos Santos	
3.Praça Presidente Carmona	
4.Praça do Peixe	
5.Praça Velha	

3.Qual a figura histórica homenageada na Praceta, em frente ao cineteatro de Porto de Mós?	
1. Arménio Marques	
2. Adriano Carvalho	
3. Dr. Oliveira Salazar	
4. António Borges	
5. Nenhuma	
4. Que símbolo identifica a Vila de Porto de Mós?	
1.A espada de D. Fuas Roupinho	
2.As mós dos moinhos	
3.A gralha (ave da região)	
4.O castelo	
5. Outro	
5. Quais os nomes das ruas que correspondem a figuras ligadas à História Nacional?	
1. Alameda D. Afonso Henriques	
2. Rua Luís de Camões	
3. Rua D. Dinis	
4. Rua da Jacinta	

5. Rua Conceição Abreu	
------------------------	--

6. Quais os topónimos seguintes que recordam figuras da História Local?	
1. Rua Dr. António Crespo	
2. Rua Conde de Ourém	
3. Dr. Joaquim de Carvalho	
4. Rua F. Brito S. Pinção	
5. Travessa José da Ângela	
6. Largo João Matias	
7. Rua D. Fuas Roupinho	
8. Rua Mestre de Avis	
9. Travessa Manuel dos Santos	
10. Rua Serra Frazão	

Assinale na coluna B o número correspondente:

7. Qual foi a denominação toponímica anterior à atualmente em vigor?			
Coluna A (antes)		Coluna B (depois)	
1	Rua do Quebra-Costas	1	Rua da Benemerência
2	Rua do Hospital	2	Rua Conceição Abreu
3	Rua do Amado	3	Rua D. Dinis
4	Travessa da Rita	4	Rua Padre Manuel do Espírito Santo
5	Rua dos Craveiros	5	Rua Dr. António Pinheiro

6	Rua Larga de Campolide	6	Rua Capitão Cláudio/ Rua da Saudade
7	Rua da Madeira	7	Rua Padre Manuel do Espírito Santo
8	Rua do Gaivoto	8	Calçada Santa Isabel
9	Largo das Tílias	9	Largo Conde de Ourém
10	Rua Galega	10	Rua D. Fuas Roupinho

III

Se pudesse efetuar sugestões à Câmara Municipal de Porto de Mós, selecione as que apresentaria assinalando com x a quadrícula correspondente:

1. As placas com os nomes de ruas, praças, largos, calçadas:	
1. Também devem indicar as denominações anteriores	
2. Devem indicar apenas a denominação atual	
2. As personalidades homenageadas em Porto de Mós pela toponímia devem pertencer prioritariamente... [escolha uma opção]:	
1. À comunidade local	
2. Ao âmbito nacional	
3. As personalidades homenageadas, de âmbito local ou nacional, devem pertencer a qual categoria?	
1. Pessoas pertencentes à história Nacional	
2. Pessoas pertencentes ao mundo político	
3. Pessoas pertencentes ao mundo das artes	
4. Pessoas pertencentes ao mundo das letras	

5. Pessoas pertencentes ao mundo das ciências	
6. Pessoas pertencentes ao mundo das técnicas	
7. Nomes que indicam locais geográficos	
8. Figuras pertencentes ao mundo religioso	
9. Figuras populares	
10. Nomes com datas de acontecimentos importantes	
4. Indique nomes de personalidades que deviam ser homenageadas futuramente:	
1. _____	
2. _____	
3. _____	
4. _____	
5. _____	

Questionário e respetivas respostas.

Questionário

Sou aluna da Universidade Aberta, do Curso de Mestrado em Estudos do Património. No âmbito deste mestrado, encontro-me a investigar a Toponímia de Porto de Mós. A obtenção de informação acerca do conhecimento que a população possuiu da Toponímia, da Vila de Porto de Mós, (os nomes atribuídos às ruas, largos, travessas, etc.), constitui um dado importante na elaboração da minha pesquisa.

A sua colaboração na resposta a este questionário é muito importante assim, agradeço-lhe que responda com sinceridade a todas as questões.

Nota: este inquérito é anónimo.

I

1. Idade: _____ anos

2. Sexo:

a) Masculino b) Feminino

3. Nível de Escolaridade:

1. 4ª Classe (1º ciclo) 2. 6º Ano (2º ciclo) 3. 9º Ano (3º ciclo) 4. 12º

Ano/Secundário

5. Ensino superior 6. Outra: _____

4. Naturalidade:

1. Porto de Mós 2. Concelho de Porto de Mós 3. Outra

5. Número de anos de residência na vila de Porto de Mós: _____ anos

6. Número de anos de residência no Concelho de Porto de Mós: _____ anos

II

Assinale com x a quadrícula que corresponde, à resposta correta:

2. Qual a designação atual do Largo onde se situa a Câmara Municipal?	
1. Praça de S. Pedro	
2. Praça José Emídio Navarro	

3. Praça do Rossio	
4. Praça da República	X
5. Outro:	

2. Qual a designação dada ao Largo do Rossio, posteriormente a 1940?	
1.Largo de Camões	
2.Largo Machado dos Santos	
3.Praça Presidente Carmona	X
4.Praça do Peixe	
5.Praça Velha	

3.Qual a figura histórica homenageada na Praceta, em frente ao cineteatro de Porto de Mós?	
1. Arménio Marques	X
2. Adriano Carvalho	
3. Dr. Oliveira Salazar	
4. António Borges	
5. Nenhuma	
4. Que símbolo identifica a Vila de Porto de Mós?	
1.A espada de D. Fuas Roupinho	
2.As mós dos moinhos	X
3.A gralha (ave da região)	
4.O castelo	
5. Outro	
5. Quais os nomes das ruas que correspondem a figuras ligadas à História Nacional?	
1. Alameda D. Afonso Henriques	X
2. Rua Luís de Camões	X
3. Rua D. Dinis	X
4. Rua da Jacinta	

5. Rua Conceição Abreu	
------------------------	--

6. Quais os topónimos seguintes que recordam figuras da História Local?	
1. Rua Dr. António Crespo	X
2. Rua Conde de Ourém	X
3. Dr. Joaquim de Carvalho	X
4. Rua F. Brito S. Pinção	X
5. Travessa José da Ângela	
6. Largo João Matias	
7. Rua D. Fuas Roupinho	X
8. Rua Mestre de Avis	
9. Travessa Manuel dos Santos	X
10. Rua Serra Frazão	X

Assinale na coluna B o número correspondente:

7. Qual foi a denominação toponímica anterior à atualmente em vigor?			
Coluna A (antes)		Coluna B (depois)	
1	Rua do Quebra-Costas	3	Rua da Benemerência
2	Rua do Hospital	5	Rua Conceição Abreu
3	Rua do Amado	6	Rua D. Dinis
4	Travessa da Rita	7	Rua Padre Manuel do Espírito Santo
5	Rua dos Craveiros	1	Rua Dr. António Pinheiro

6	Rua Larga de Campolide	8	Rua Capitão Cláudio/ Rua da Saudade
7	Rua da Madeira	9	Rua Padre Manuel do Espírito Santo
8	Rua do Gaivoto	10	Calçada Santa Isabel
9	Largo das Tílias	2	Largo Conde de Ourém
10	Rua Galega	4	Rua D. Fuas Roupinho

III

Se pudesse efetuar sugestões à Câmara Municipal de Porto de Mós, selecione as que apresentaria assinalando com x a quadrícula correspondente:

1. As placas com os nomes de ruas, praças, largos, calçadas:	
1. Também devem indicar as denominações anteriores	<input type="checkbox"/>
2. Devem indicar apenas a denominação atual	<input type="checkbox"/>
2. As personalidades homenageadas em Porto de Mós pela toponímia devem pertencer prioritariamente... [escolha uma opção]:	
1. À comunidade local	<input type="checkbox"/>
2. Ao âmbito nacional	<input type="checkbox"/>
3. As personalidades homenageadas, de âmbito local ou nacional, devem pertencer a qual categoria?	
1. Pessoas pertencentes à história Nacional	<input type="checkbox"/>
2. Pessoas pertencentes ao mundo político	<input type="checkbox"/>
3. Pessoas pertencentes ao mundo das artes	<input type="checkbox"/>
4. Pessoas pertencentes ao mundo das letras	<input type="checkbox"/>

5. Pessoas pertencentes ao mundo das ciências	
6. Pessoas pertencentes ao mundo das técnicas	
7. Nomes que indicam locais geográficos	
8. Figuras pertencentes ao mundo religioso	
9. Figuras populares	
10. Nomes com datas de acontecimentos importantes	
4. Indique nomes de personalidades que deviam ser homenageadas futuramente:	
6. _____	
7. _____	
8. _____	
9. _____	
10. _____	

Obrigada pela sua colaboração,

Maria Adozinda da Luz Fonseca Cruz Carvalho

Anexo D

Biografias de figuras homenageadas na vila de Porto de Mós

CAMÕES, Luís Vaz

Luís Vaz de Camões, (1524?-80). Foi um poeta épico e lírico. Da sua vida pouco se sabe, porque os elementos confirmados são poucos. Pertenceu à aristocracia e fez os seus estudos em Coimbra. Em Ceuta, perdeu um dos olhos. Em Lisboa leva uma vida boémia, envolve-se em desacatos e é preso. Depois de abandonar o cárcere vai para a Índia. Em 1553, terá participado numa expedição ao Malabar. Depois vai para Macau. Aventureiro, no largo do Camboja tem um naufrágio, conseguindo salvar os manuscritos de *Os Lusíadas*. Acabou por viver na miséria em Moçambique. Foram os seus amigos que lhe pagaram a viagem de regresso a Lisboa. Em 1570, Camões obtém o alvará para a publicação de *Os Lusíadas*. Em 1572 sai a primeira edição. O rei D. Sebastião atribui ao poeta uma tença anual de 15.000 réis, que comparativamente com outras é um valor baixo. A 10 de junho de 1580 Camões viria a morrer na pobreza.

Estudou em Coimbra e, devido à sua grande cultura e talento, frequentou a corte de D. João III. Esteve como militar em Ceuta, na Índia, em Macau e em Moçambique.

O século XIX eternizou-o como grande lírico e homenageou-o edificando estátuas e monumentos. O tricentenário da morte, em 1880, foi comemorado com festejos que tiveram projeção nacional e, pelo impacto social e político que ocasionou, tem sido visto como a génese, ou começo, de uma nova fase na história do Partido Republicano. A nível nacional, a toponímia urbana glorificou-o nos espaços públicos, tal como aconteceu na cidade da Guarda, que lhe atribuiu o largo principal, enobrecido pela Sé Catedral²⁰⁰.

CÂNDIDO DOS REIS, Carlos

Carlos Cândido dos Reis, conhecido como Almirante Reis nasceu em Lisboa, no ano de 1852 e morreu em 1910. Como militar atingiu a patente de vice-almirante. Foi conspirador e pertenceu à carbonária. Embora tenha tido o grau de oficial da Ordem de Avis e a de Cavaleiro da Torre e Espada, pelos seus feitos na marinha, filiou-se no Partido Republicano e iniciou a sua atividade política tornando-se conspirador e líder republicano. Fez

²⁰⁰ SERRÃO, Joel-*Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas, 1990. Vol.I,p.451 e 452.

propaganda contra a Monarquia e abusos do clero. A 28 de Janeiro de 1908 houve uma tentativa falhada de derrube da monarquia que, devia começar com a prisão de João Franco, então chefe do governo e levar o rei D. Carlos a abdicar. Após um pequeno período de desânimo, pela tentativa falhada, Cândido dos Reis tornou-se uma personagem perturbadora nas Forças Armadas, facto que levou o governo a aconselhá-lo a reformar-se em 1909. Voltando à luta, rapidamente se transformou no organizador militar da revolta. A 28 de Agosto de 1910, as eleições dão vitória ao Partido Republicano, com o apoio da Maçonaria.

Dr. Miguel Bombarda, um dos chefes civis do golpe e senhor de muitos dos seus segredos, nos primeiros momentos da revolta de 5 de Outubro de 1910 foi assassinado. As unidades militares empenhadas no movimento não chegaram a revoltar-se e muitos oficiais do exército, julgando tudo perdido, abandonaram a Rotunda. Cândido dos Reis, pensando estar o golpe frustrado, não quis seguir para bordo de um dos navios, foi a casa da irmã, a pé. Às 6 h da manhã do dia 5 de Outubro foi encontrado morto na *Azinhaga das Freiras*, tendo-se suicidado, quando afinal a revolução triunfou.

Poucas horas depois foi proclamada a República do alto da varanda da Câmara Municipal de Lisboa²⁰¹.

O nome do Almirante Carlos Cândido dos Reis foi um dos mártires da República, cujo nome foi relembrado numa das ruas da vila de Porto de Mós.

CARMONA, António Óscar de Fragoso

António Óscar de Fragoso Carmona nasceu e morreu em Lisboa em 1869-1951. Estudou no Colégio Militar em Lisboa na Escola do Exército, onde se tornou oficial de Cavalaria. Foi um Republicano pertenceu à Maçonaria. Em 1922 foi General. Participou na revolta do exército em Braga em 1926 com o comandante Mendes Cabeçadas e o General Gomes da Costa. Após a sua demissão da pasta dos Negócios Estrangeiros, chefiou o Golpe de Estado que depôs o General Gomes da Costa. Na sequência do golpe militar de 28 de Maio de 1926 assumiu a chefia da pasta e da guerra, ministro dos Negócios Estrangeiros e a pasta que acumulou com a de presidente do Ministério — após o derrube do general Gomes da Costa — a partir de 9 de julho de 1926. Foi nomeado presidente da República interino em 26 de Novembro de 1926. Governou em 1928 durante a Ditadura Militar, deu início ao

²⁰¹ SERRÃO, Joel-*Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas,1990. Vol. V,p.266 e 267.

período denominado Ditadura Nacional e, já na vigência da Constituição de 1933, em 1935, 1942 e 1949. Em 1947 foi-lhe atribuído o título de marechal do exército.

Foi o primeiro presidente da República a visitar o Ultramar entre 1938-39. Faleceu em 1951 e ficou no jazigo familiar do cemitério da Ajuda. Em 1966, o seu corpo foi trasladado da Sala do Capítulo do Mosteiro dos Jerónimos para o Panteão Nacional da Igreja de Santa Engrácia, Lisboa²⁰².

CARVALHO, Adriano de

Adriano de Carvalho formou-se em direito. Foi recebedor e Chefe do Partido Regenerador em Porto de Mós²⁰³. Começou a sua carreira política em Pombal. Posteriormente foi administrador do Concelho de Porto de Mós. Morreu de tuberculose.

CARVALHO, Joaquim António

Joaquim António de Carvalho foi recebedor do concelho de Porto de Mós até à sua morte «[...] militou (...) na politica activa da monarquia, pertencendo ambos ao partido regenerador, em oposição ao progressista, chefiado pelo Dr. Crespo. Era até vulgar designar-se a política de Porto de Mós, às vezes bem sangrenta, por Crespos e Carvalhos»²⁰⁴.

Joaquim de Carvalho (nasceu na Figueira da Foz, 10 de Junho de 1892 e morreu em Coimbra, 27 de Outubro de 1958). Foi professor de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. A ele se devem as bases modernas da história da cultura portuguesa, através dos textos que dedicou a Platão, Hegel, Husserl, Leibniz e a Bento de Espinoza.

Como diretor Biblioteca Geral da Universidade e da *Revista da Universidade* e ainda da Imprensa da Universidade de Coimbra, promoveu a publicação de muitíssimos livros nas suas coleções.

²⁰² A Enciclopédia, nº4, do jornal o Público editorial Verbo, página1725

²⁰³ FRAZÃO, Serra, Porto de Mós- *Breve monografia*, Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, p.193

²⁰⁴ FRAZÃO, Serra. Porto de Mós- *Breve monografia*, Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, p.192

Também dirigiu a *Biblioteca Filosófica* (da livraria Atlântida, em Coimbra) e a *Revista Filosófica* (cujo último número sairia postumamente em 1959). Lançou as bases epistemológicas para a compreensão historiográfica da Filosofia.

Joaquim de Carvalho foi um Republicano histórico e obediente à sua própria consciência, o que lhe valeu uma forte perseguição por parte de Salazar.

Joaquim de Carvalho morreu a 27 de Outubro de 1958 em Coimbra.

Em 1989 a título póstumo foi-lhe feita uma homenagem integrando-o na Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada.

CID, Rodrigo ou Rui Díaz de Bivar

Cid, Rodrigo ou Rui Díaz de Bivar, (nasceu em Vicar (Burgos) 1043 e morreu em Valência em 1099) conhecido pelo cognome de Cid, o Campeador foi um cavaleiro célebre, guerreiro da reconquista Hispânica e homem de Estado, de nome espanhol que combateu os sarracenos. Frequentou a corte de D. Sancho II, Rei de Castela, como *alferes* ou porta-estandarte do Rei²⁰⁵. O nome Cid vem do árabe *Cidi* (Senhor) ou *Mio Cidi* (Meu senhor), dos mouros por ele submetidos. O Cid é apresentado como um herói castelhano, de cariz patriótico, homem cortês, altivo e fiel que, desde muito jovem se tornou famoso pelos duelos que travava - daí o nome de *o campidocto, Campeador*.

Cid ajudou o rei D. Sancho II nas lutas fratricidas, entre os seus irmãos Afonso VI e Garcia, dos Reinos de Leão e da Galiza. Sancho II foi assassinado quando sitiava Zamora em 1072 e Cid, antes de destronar Afonso VI como herdeiro do reino, exigiu-lhe o juramento de que não tinha participado no assassinio de seu irmão Sancho II²⁰⁶.

D. Afonso VI casou Cid com Ximena Diaz, filha do conde de Oviedo e sobrinha do próprio Afonso, em 1074. Desaprovando contra os mouros de Toledo, desterrou-o. Em consequência da grande derrota que sofreu em Badajoz, o rei decidiu levantar a condenação de desterro de Cid. No entanto, numa situação de atraso involuntário, foi condenado novamente ao desterro. Cid voltou a combater por sua conta o rei de Lérida tendo vencido e aprisionado pela segunda vez o Conde de Berenguer de Barcelona. Depois de outras situações de desentendimentos e de desterro, D. Constança quis que Cid se reconciliasse com

²⁰⁵ Grande Dicionário Enciclopédico, vol. IV, Clube Internacional do Livro, p.1474

²⁰⁶ Grande Dicionário Enciclopédico, vol. IV, Clube Internacional do Livro, p.1474

D. Afonso e que fosse para uma expedição contra os almorávidas de Granada dirigida pelo rei. Cid recusou e conquistou Valência, tomando-a em junho de 1094.

Nos seus últimos anos, Cid, o campeador fez bispo de Valência, Jerónimo de, Cristina, com o infante Ramiro de Navarra. A sua neta, Branca levou a sangue de Cid às famílias reais de Castela, Portugal e França.²⁰⁷ Cid morreu em Valência em 1099.

A viúva de Cid defendeu a cidade de Valência contra os ataques dos Almorávidas.

O rei Afonso, não conseguindo conservar as conquistas de Cid, abandonou a cidade. Levou a cadáver de Cid para o sepultar no Mosteiro de Cardenha em Burgos.

CLÁUDIO (Capitão)

Acerca desta personalidade, de todas as pesquisas por nós efetuadas, apenas apuramos que era casado com Mónica, uma «serviçal de Alvados e deixou uma fortuna importante, tanto naquela freguesia, como em Porto de Mós»²⁰⁸.

COELHO, Eduardo José

Eduardo José Coelho nasceu em 1853, em Vilela do Tâmega, em Chaves. Licenciou-se em Direito, pela Universidade de Coimbra, em 1861 entrando posteriormente na magistratura. Exerceu advocacia em Chaves e foi governador civil de Bragança. Durante várias legislaturas foi político durante a monarquia liberal e deputado pelo Partido Progressista. Em 1889 foi Ministro das Obras Públicas de Comércio e Indústria de José Luciano. No mesmo ano, em Fevereiro e em Outubro de 1904 e em Maio de 1905, foi Ministro do Reino. Fez reformas no Ensino Secundário, alterando as reformas efetuadas por Jaime Moniz que, provocaram, por parte dos estudantes do ensino liceal numerosos protestos²⁰⁹. Quando foi proclamada a República afastou-se da política. Morreu em Lisboa a 5 de Abril de 1913.

²⁰⁷ Grande Dicionário Enciclopédico, vol. IV, Clube Internacional do Livro, p.1474

²⁰⁸ FRAZÃO, Serra, *Porto de Mós- Breve monografia*, Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, p.191.

²⁰⁹ A reforma de Eduardo José Coelho estruturou um Curso Geral de cinco anos e um Curso Complementar de dois anos, com dez disciplinas: Português, Latim (só a partir do 4.º ano), Francês, opção entre o Inglês e o Alemão, Geografia, História, Filosofia, Desenho, Matemática e uma cadeira de Física, Química e História Natural, introduzindo a Educação Física e a bifurcação em Letras e Ciências. Por outro lado, esta reforma aboliu o sistema do livro único, substituído pela prévia aprovação governamental dos compêndios utilizados

CONDE DE OURÉM (D. Afonso)

D. Afonso, 4º e Marquês de Valença (1402?- 1460?), era filho de D. Afonso, Conde de Barcelos e 1º Duque de Bragança e de D. Brites Pereira e neto do rei D. João I, pela linha paterna e de D. Nuno Álvares Pereira, pela linha materna. Em 1422, o seu avô, distribuiu pelos netos todos os seus bens. Era o primogénito da recém - criada Casa de Bragança, herdeiro da casa iniciada pelo Conde de Barcelos, mas cujo património pertencia originalmente a D. Nuno Álvares Pereira²¹⁰.

A sede do seu senhorio fixa-se em Ourém que se torna numa das principais vilas do centro de Portugal do século XV. Recebe o título de Conde de Ourém, cujos bens situados na zona da Estremadura, se incluía Vila de Porto de Mós.

COSTA, Adelino Amaro da

Adelino Manuel Lopes Amaro da Costa nasceu em Oeiras a 18 de Abril de 1943 e morreu no dia 4 de dezembro de 1980 em Camarate. Engenheiro Civil destacou-se na política, com o cargo de Diretor do Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação Nacional, com José Veiga Simão. Cumpriu o serviço militar na Marinha de Guerra. Depois do 25 de Abril foi um dos fundadores e dirigentes do Centro Democrático Social e o primeiro secretário-geral do CDS, em 1974. Entre 1975 e 1976 foi deputado à Assembleia Constituinte, e à Assembleia, até 1980, como líder do partido CDS. Com a vitória obtida nas legislativas de 1980 assumiu o cargo de ministro da Defesa. Foi vítima do desastre de um avião em Camarate, na noite do dia 4 de Dezembro de 1980 com o primeiro-ministro Francisco Sá Carneiro e outros acompanhantes, quando se dirigiam para o Porto a fim de participarem num comício de Soares Carneiro, que era candidato da AD nas eleições presidenciais de 1980²¹¹.

em cada Liceu, e criou o "caderno escolar", destinado a registar toda a vida escolar do aluno (assiduidade, aproveitamento, classificações, prémios e castigos). [Em linha]. [Consult. em 14/12/2014]. Disponível em <http://www.fmsoares.pt/aeb/crono/id?id=00339>

²¹⁰ Conde de Ourém, [Em linha] .[Consult. em 24/9/2015]. Disponível

em <http://www2.fcsh.unl.pt/iem/medievalista/MEDIEVALISTA2/medievalista-afonso.htm>

²¹¹ Adelino Manuel Lopes Amaro da Costa, [Em linha]. [Consult. em 28/7/2015]. Disponível em http://www.arqnet.pt/portal/biografias/amaro_costa.html.

CRESPO, António Faustino dos Santos

«Mas o nome da Rua é do meu avô, António Crespo que era advogado e conservador, político importante aqui no distrito de Leiria, durante toda a vida e portanto a nível nacional, foi pessoa que trouxe a comarca para Porto de Mós e foi pessoa muito importante aqui em Porto de Mós, era um grande proprietário agrícola também e ainda hoje tenho propriedades que eram dele.

Ele foi homenageado com esta Rua e com esta casa e não só com a casa, com uma zona porque eu julgo, eu não estou completamente seguro disto mas já ouvi falar disto. Não havia acesso direto daqui para o castelo e esta zona toda aqui, para baixo do cemitério, para baixo do castelo, até aqui à Praça da República, mais ou menos, era dele. Os terrenos eram dele. E julgo que foi ele que cedeu este acesso direto ao Castelo, portanto numa rua direta, ficou com casas do lado de lá, dos filhos, que era a casa do meu pai, a casa do lado de lá da rua era a casa do meu pai, que já vendi e era esta onde vivo que era casa dele e era ali no Largo de Ourém havia uma casa também, que era também dele e ofereceu ao filho mais velho e ainda lá está essa casa. Eu não o conheci sequer. Isto são histórias ouvidas na família porque eu não o conheci, sequer. Ele faleceu antes de eu nascer porque morreu de um ataque cardíaco no teatro em Lisboa, com 69 anos»²¹².

«Foi juiz de Direito em Luanda (1856) e depois presidente da relação em Goa; era pai dos dois seguintes: os Doutores Augusto Faustino dos Santos Crespo, médico muito distinto em Lisboa, e Doutor António Faustino dos Santos Crespo, advogado brilhante, chefe político progressista, Conservador do Registo Predial, e um dos principais cultivadores de vinhas da região»²¹³.

²¹² Biografia baseada na entrevista ao Almirante Vítor Crespo, neto do Dr. António Crespo, neto do Dr. António Crespo, no dia 22 /7/2014.

²¹³ FRAZÃO, Serra. *Porto de Mós- Breve monografia*, Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, p.192.

CRESPO, Augusto Faustino dos Santos

Augusto Faustino dos Santos Crespo nasceu em Porto de Mós, no ano de 1887 e faleceu em Lisboa em 1968. Foi advogado e notário chegando a deputado, em duas legislaturas. Foi também Governador Civil de Leiria, vogal da Junta da Província da Estremadura e Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Porto de Mós. Era tio do almirante Vítor Crespo, que nos concedeu a entrevista que se segue, onde retrata a biografia do seu tio.

«Os jornais de 1839 falam de Augusto Crespo. Eram dois irmãos: um, Augusto Crespo, médico e vivia em Lisboa. O outro António Crespo, o meu avô, que era conservador, e advogado e vivia em Porto de Mós. Foi Presidente da Câmara, governador do Distrito e vários anos membro da Câmara, várias legislaturas, do partido progressista, mais ou menos entre 1880/ 90, final da monarquia até à República porque ele depois desinteressa-se da política na República não que a República o incomodasse porque ele não era daqueles monárquicos convictos. Era uma pessoa com ideologia política autónoma do Regime. Enquanto político interessou-se por trazer a comarca aqui para Porto de Mós. Eu suponho que não era propriamente comarca. Era ainda do tempo dos delegados reais, mas houve aqui na vila representante real para a justiça, mas comarca propriamente julgo que era a primeira vez, nessa época, portanto, deve ser de 1880. Ficou a advogar aqui, em Ourém e em Leiria. Tinha uma advocacia bastante ativa e produtiva ao que se vê porque comprou bastantes propriedades e enfim, teve muitos filhos também e todos estudaram mas só houve um que se formou, que se chamou também Augusto que era um tio meu, portanto irmão do meu pai. [...] Enquanto foi governador civil, na altura julgo que se chamava administrador do distrito, não estou bem certo, podiam nomear para o seu lugar, no parlamento outra pessoa e ele nomeou o irmão, Augusto Crespo que era médico em Lisboa, no período em que ele foi aqui governador do distrito, ele foi membro do Parlamento, foi uma investigação recente que fizeram que alguém me falou num Deputado Augusto Crespo, no tempo da Monarquia e eu disse, não, não, Augusto Crespo foi também deputado de duas legislaturas no tempo do anterior regime. Ora deixe-me dizer-lhe a origem da família: o meu bisavô era daqui de Porto de Mós chamava-se António Crespo, estudou em Coimbra, era liberal, portanto participou no 1 de Maio, no cerco do Porto. Eu sei esta referência familiar e quando acabou o curso na altura a Magistratura começavam por advogado e depois eram juizes, mas ele foi concedido ser juiz em África e, portanto, fez a carreira da magistratura toda em África. Começou por

Juiz, julgo em Cabo Verde, depois teve em Luanda, isto está nas atas do Parlamento, porque teve uma grande confusão, uma grande disputa, enquanto juiz em Luanda, com o governador-geral porque tinha sido feita uma doação não sei por que país a S. Tomé e Príncipe e o governador de S. Tomé, não teria administrado de forma correta. Quer dizer teria havido talvez não sei que palavra usar, mas formas irregulares e ilegais na distribuição e nos propósitos daquela oferta e ficaram com coisas pessoais e esse meu avô pôs um processo a essa situação no tribunal de Luanda e o governador-geral expulsou-o e ele esteve cá em Portugal, o meu bisavô, António. Depois, com outro governador, foi outra vez para Luanda. Fez a sua carreira que terminou na Índia, na Relação da Índia, porque a relação de todo o sistema judicial colonial era na Índia. Ele depois passou para a relação da Índia e foi aí que terminou a carreira. Portanto aí por 1880, deve ter terminado a carreira e veio para Portugal, viveu em Lisboa, mas suponho que é ele que faz arranjos nesta casa (moradia do entrevistado e local da entrevista).

Essa referência que faz aí no jornal de Porto de Mós, o meu avô tinha muita influência no Portemosense também, e é natural que fizessem aí uma biografia, do irmão que era de Porto de Mós também. Mas o nome da Rua é do meu avô, António Crespo que era advogado e conservador, político importante aqui no distrito de Leiria, durante toda a vida e, portanto, a nível nacional. Foi pessoa que trouxe a comarca para Porto de Mós e foi pessoa muito importante aqui em Porto de Mós, era um grande proprietário agrícola também e ainda hoje tenho propriedades que eram dele.

Ele foi homenageado com esta Rua e com esta casa e não só com a casa, com uma zona porque eu julgo, eu não estou completamente seguro disto, mas já ouvi falar disto. Não havia acesso direto daqui para o castelo e esta zona toda aqui, para baixo do cemitério, para baixo do Castelo, até aqui à Praça da República, mais ou menos, era dele. Os terrenos eram dele. E julgo que foi ele que cedeu este acesso direto ao Castelo, portanto numa rua direta, ficou com casas do lado de lá, dos filhos, que era a casa do meu pai, a casa do lado de lá da rua era a casa do meu pai, que já vendi e era esta onde vivo que era casa dele e era ali no Largo de Ourém havia uma casa também, que era também dele e ofereceu ao filho mais velho e ainda lá está essa casa. Eu não o conheci sequer. Isto são histórias ouvidas na família porque

eu não o conheci, sequer. Ele faleceu antes de eu nascer porque morreu de um ataque cardíaco no teatro em Lisboa, com 69 anos»²¹⁴.

CRESPO, Vítor Manuel Trigueiros.

Nasceu em Porto de Mós, em 21 de março 1932 e morreu a 17 de dezembro de 2014, em Lisboa. Foi um portomosense revolucionário que se protagonizou na Revolução de Abril de 1974, tendo sido o único oficial da Marinha de Guerra a participar no 25 de Abril de 1974.

Foi membro da comissão coordenadora do Movimento das Forças Armadas, Alto-Comissário e Comandante das Forças Armadas em Moçambique até à independência desta ex-colónia, em Junho de 1975. Também se destacou como Ministro da Cooperação no Governo de Pinheiro de Azevedo (VI Governo Provisório) e membro do Conselho de Revolução até 1982.²¹⁵

O Almirante Vítor Crespo foi por nós entrevistado cerca de quatro meses antes da sua morte.

Logo a seguir, à sua morte, a edilidade de Porto de Mós homenageou-o dando o seu nome ao Parque Verde de Parque Almirante Vitor Trigueiros Crespo.

DINIS, D. (El-Rei)

D. Dinis nasceu em 1261, em Santarém e morreu em Lisboa, 1325, foi o sexto rei de Portugal. Era filho de D. Afonso III e de D. Beatriz de Castela e aclamado rei de Portugal de 1279 a 1325. Casou com D. Isabel de Aragão, no ano de 1281 em Trancoso. Esta rainha era caridosa e praticava atividades piedosas de assistência aos pobres e doentes. Veio a ser reconhecida pela igreja Católica como Santa, no século XVII. A rainha D. Isabel teve também um papel importante de apaziguamento entre as querelas que opuseram o rei D. Dinis, seu esposo ao seu filho D. Afonso.

²¹⁴ Biografia baseada na entrevista ao Almirante Vítor Crespo, neto do Dr. António Crespo, no dia 22 /7/2014

²¹⁵ CRESPO, Vítor Manuel Trigueiros. [Em linha]. [Consult. em 10/6/2016]. Disponível em <http://portomosenses.blogs.sapo.pt/904.html>

Durante o seu reinado empreendeu reformas e melhoramentos procurando travar os abusos dos grupos privilegiados no que diz respeito à autoridade régia. Foi um rei que agiu com bastante diplomacia, estabeleceu acordos com a Santa Sé, a Concordata assinada em 1290, e o Tratado de Alcaizes, em 1297 sanando os conflitos com Castela.

A nível económico fomentou a agricultura e a pesca, reorganizou as finanças e o sistema administrativo com a determinação de que os documentos oficiais passassem a ser redigidos em português em vez de latim²¹⁶.

Por outro lado, aos Templários, que estavam a ser perseguidos pelos reis europeus, facultou-lhe proteção ao estabelecer a Ordem de Cristo.

Foi considerado o «mais fecundo trovador português». Deste rei poeta são conhecidas 138 cantigas (76 de amor, 52 de amigo e 10 de maldizer), que se encontram nos três cancioneiros. Dos seus poemas mais conhecidos destacam-se, *Levantou-se a velida* e *Ai, flores, ai flores do verde pino*.

Em 1290, fundou a universidade Portuguesa em Lisboa e mais tarde, em 1308 foi transferida para Coimbra.

A nível político há ainda a destacar a sua ação no desenvolvimento do país, com a concessão de forais a fim de fomentar o crescimento agrícola e florestal (o pinhal de Leiria). Nacionalizou as ordens militares que, com a aprovação da Santa Sé, passaram a obedecer a Mestres portugueses²¹⁷. Ainda, durante o reinado de D. Dinis, este incentivou a marinha com a contratação do genovês Manuel Pessanha (1317) e a concessão de grandes regalias que lhe foram feitas e o aumento dos impostos²¹⁸.

ESPÍRITO SANTO, Manuel do

Manuel do Espírito Santo era natural da Serra de Santo António, foi um «virtuosíssimo prior de San- Pedro de Porto de Mós»²¹⁹. Nasceu na Serra de Santo António no ano de 1816 e morreu em Porto de Mós em 1910. Foi presbítero em 1849, Pároco da Mendiga²²⁰,

²¹⁶ Grande Dicionário Enciclopédico, vol. V, Clube Internacional do Livro, p.2061

²¹⁷ Grande Dicionário Enciclopédico, vol. V, Clube Internacional do Livro, p.2061

²¹⁸ Grande Dicionário Enciclopédico, vol. V, Clube Internacional do Livro, p.2061

²¹⁹ CARREIRA, José. *O Clero da diocese de Leiria e o seu passado*, Gráfica de Coimbra, 1984, p.197

²²⁰ Mendiga é uma freguesia portuguesa do concelho de Porto de Mós.

Alpedriz²²¹, Alcaria²²² e Alvados²²³.No ano de 1862, foi para a freguesia de S. Pedro de Porto de Mós, onde foi Prior até 1908. Esteve em atividade até 4-5-1896, assinando o Reg. Paroquiano dos seus baptismos²²⁴.

Em 1868, rubrica, data e assina o Regulamento Paroquial de Minde. Em 1893 é Arcipreste²²⁵ de Porto de Mós.

Após a sua Ordenação esteve na freguesia da Mendiga. Depois de passar por Alpedriz e Alvados vem para Porto de Mós, onde foi Vigário.

FERREIRA, Joaquim

Não temos registo da sua data de nascimento e morte. Sabemos que em 1806, « é padrinho de Baptismo em S. Pedro de Porto de Mós, com sua irmã Joaquina e no respetivo assento se diz que é desta vila»²²⁶.

GAMA, Vasco da

Vasco da Gama. Sines, 1469 – Cochim, Índia, 25 de dezembro de 1524.Foi um marinheiro português, a quem D. Manuel I, nomeou para comandar a armada portuguesa à Índia no ano de 1498.Capitaneou a armada, ligando pela primeira vez, por mar, a Europa à Índia. Era filho de Isabel de Sodr e e de Estêvão da Gama. A armada para a  ndia partiu do Restelo, em Lisboa, em 1497, da qual faziam parte tr s naus, a de São Gabriel, São Rafael e Berrio. Em 1498 a armada chegou a Calecut onde, os portugueses tentaram dominar a rota das especiarias.

De regresso a Lisboa, em agosto de 1498, foi «acolhido em triunfo»²²⁷, foi nomeado Almirante- mor das  ndias e mais tarde Vice-Rei da  ndia. Numa terceira viagem    ndia,

²²¹ Alpedriz foi uma freguesia portuguesa do concelho de Alcobaça.

²²² Alcaria   uma freguesia portuguesa do concelho de Porto de M s.

²²³ Alvados, freguesia do Concelho de Porto de M s.

²²⁴ CARREIRA, José. *O Clero da diocese de Leiria e o seu passado*, Gráfica de Coimbra,1984, p.452

²²⁵ Título dos vigários de certas igrejas, que lhes confere preeminência sobre os outros vigários.

²²⁶ CARREIRA, José. *O Clero da diocese de Leiria e o seu passado*, Gráfica de Coimbra,1984, p.251

²²⁷ SARAIVA, José Hermano, *História de Portugal-Dicionário de personalidades*, vol. XV,Edições e Conteúdos Quidnovi,2004,p.80

morreu em Cochim. O seu corpo foi trasladado para a Vidigueira, onde foi conde e senhor. Já no século XIX, foi trasladado para o Mosteiro dos Jerónimos em Lisboa.

GUERRA, João Filipe

João Filipe Guerra, conhecido pela alcunha de João Marceneiro, nasceu a 31/1/1903, na freguesia das Lapas, concelho de Torres Novas. Oriundo de famílias humildes, esteve pouco tempo na escola primária por medo da violência, utilizada pelo seu professor primário. Fugia da escola, escondendo-se nas *lapas*²²⁸ *designação* que deu origem ao topónimo da sua terra natal.

Após a substituição do professor, João Filipe Guerra regressa à escola, fazendo a escolaridade obrigatória na sua época (4ª classe).

Com 12 anos de idade aprende o ofício de marceneiro, na oficina do seu tio, em Torres Novas.

Depois de cumprido o serviço militar, em viagem a Porto de Mós, e em conversa com o dono da pensão Fataça, é convidado para trabalhar em móveis nesta vila. Aqui, amante do cinema, tornou-se operador de máquinas e projetor cinematográfico. Iniciou, na Santa Casa da Misericórdia, a projeção de filmes.

HENRIQUES, D. Afonso

D. Afonso I de Portugal, conhecido por D. Afonso Henriques nasceu em Guimarães ca. 1109, morreu em Coimbra, 1185. Era filho de D. Henrique de Borgonha e de Teresa, filha ilegítima do rei D. Afonso VI de Castro.

Casou-se com D. Mafalda, provavelmente em 1143 ou 1145. Ficou órfão de pai aos três anos de idade e aos 16 anos armou-se cavaleiro, na Sé de Samora.

228 Grande pedra ou laje que, ressaíndo de um rochedo, forma debaixo de si um abrigo. [Em linha]. [Consult. Em4/8/2015]. Disponível em <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/Lapas>.

Opôs-se politicamente à sua mãe, que aliada ao nobre galego Fernão Peres de Trava, recusava a independência do Condado Portucalense.

Afonso Henriques armou-se cavaleiro e venceu as tropas de sua mãe na batalha de São Mamede em 1128. A partir daí concentrou então os esforços em obter o reconhecimento como reino. Em 1139, D. Afonso Henriques proclamou-se rei de Portugal. O Tratado de Zamora só tornou o Condado Portucalense independente do Reino de Leão. A independência portuguesa foi reconhecida, em 1179, pelo papa Alexandre III, através da bula *Manifestis Probatum* e foi reconhecido com o título de rei. Com o apoio de cruzados conquistou Lisboa em 1147. Fez várias conquistas aos Mouros, empurrando as fronteiras para sul. Os muçulmanos, em sinal de respeito, chamaram-lhe *Ibn-Arrik* (filho de Henrique, tradução literal do patronímico *Henriques*) ou *El-Bortukali* (o Português)²²⁹. Afonso Henriques foi o fundador do Reino de Portugal e o seu primeiro rei, com o cognome *O Conquistador*.

ISABEL DE ARAGÃO (Rainha)

Isabel de Aragão era filha do rei Pedro III de Aragão e de D. Constança de Navarra. Era descendente, por via materna, de Frederico II do Sacro Império Romano-Germânico. Foi sobrinha de Santa Isabel da Hungria, também considerada santa. Casou com o rei D. Dinis, por procuração, em 1282 com apenas 12 anos de idade, em Barcelona, tendo celebrado a boda em Trancoso.

Em 1281, Isabel de Aragão recebeu de seu noivo, D. Dinis, como dote, as vilas de Abrantes, Óbidos, Alenquer, e Porto de Mós. Mais tarde, *os castelos de Vila Viçosa, Monforte, Sintra, Ourém, Feira, Gaia, Lamoso, Nóbrega (actualmente Ponte da Barca), Santo Estêvão de Chaves, Monforte de Rio Livre, Portel e Montalegre, para além de rendas em numerário e das vilas de Leiria e Arruda (1300), Torres Novas (1304) e Atouguia da Baleia (1307)*²³⁰. Do seu casamento teve dois filhos: D. Constança, que casou em 1302 com o rei Fernando IV de Castela e D. Afonso IV, sucessor de seu pai.

²²⁹SERRÃO, Joel-*Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas,1990. Vol. I,p.36-38.

²³⁰ SERRÃO, Joel-*Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas,1990. Vol.III,p.242 e 243.

Foi uma senhora muito bondosa, amada pelo povo a quem dava esmolas. Os últimos anos da sua vida foram vividos no Convento de Santa Clara a Velha em Coimbra. Foi beatificada pelo Papa Leão X. Em 1625 foi canonizada pelo papa Urbano VIII²³¹.

JOÃO I, D. (Mestre de Avis)

Mestre de Avis, D. João I (Lisboa,1385- Lisboa,1433), foi o primeiro rei da segunda dinastia - Dinastia de Avis. Teve o cognome *de O de Boa Memória*. Era filho bastardo de D. Pedro I, com D. Teresa Lourenço. O seu pai nomeou-o Mestre da Ordem de Avis (1364) com apenas seis anos de idade. Foi armado cavaleiro e confiado, por seu pai, aos cuidados de D. Fernão Martins de Sequeira, comendador da Ordem. Entra para ordem de Avis onde faz votos de freire.

Detestado por D. Leonor Teles que o vê como possível concorrente ao trono de Portugal, é encarcerado no castelo de Évora. Quando o rei D. Fernando morre coloca-se o problema de sucessão ao trono. D. Leonor assume a regência. A sua filha D. Beatriz, casada com o rei D. João de Castela é aclamada rainha pois, como legítima herdeira do trono de Portugal, iria comprometer a nossa independência. O reino de Portugal ficaria entregue ao marido de D. Beatriz. Foi organizada uma conspiração no sentido de afastar o conde Andeiro, favorito de D. Leonor, e de tornar inútil a figura da rainha, perante a opinião pública. D. João, Mestre de Avis entrou no Paço da rainha e tirou a vida ao Conde Andeiro. D. Leonor fugiu para Alenquer e D. João foi aclamado, pelo povo de Lisboa, *Regedor e Defensor do Reino* que, com o apoio de Nuno Álvares Pereira, condestável do reino, e aliados ingleses travou a Batalha de Aljubarrota contra os castelhanos. O exército castelhano foi vencido nos Atoleiros e obrigado a levantar o cerco de Lisboa. Reunidas cortes em Lisboa, D. João foi aclamado rei. A vitória foi decisiva para Portugal com o triunfo de Aljubarrota em 1385. Castela retirou-se definitivamente. Foi celebrada uma aliança com a Inglaterra através do casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre, filha de João de Gaunt, em 1387. Foi assinada a paz, em 1411, depois de feita a aliança, pelo Tratado de Windsor em 1386. Em 1415, com a conquista de Ceuta, no norte de África, inicia-se a expansão

²³¹ A ENCICLOPÉDIA, volume 11, editorial Verbo, 2004

portuguesa. Os filhos de D. João I e D. Filipa de Lencastre D. Duarte, D. Pedro e o Infante D. Henrique foram armados cavaleiros. Ficaram conhecidos pela *íncrita geração*.

A importância histórica da atribuição deste epónimo à rua Mestre de Avis, pensamos estar relacionada com o facto de a referida Rua ligar a vila de Porto de Mós à vila da Batalha, onde se encontra o Mosteiro da Batalha, mandado construir por D. João I²³².

MACHADO DOS SANTOS, António Maria de Azevedo

Machado dos Santos (atribuição feita antes de 1940 e de permanência após 1940). António Maria de Azevedo Machado dos Santos (1875 -1921) nasceu em Lisboa, foi oficial da marinha e político. No ano de 1907, Machado dos Santos foi convidado para tomar parte de uma revolução. Conheceu João Chagas e o Almirante Cândido dos Reis. Foi nesse ano que se iniciou na Carbonária e participou na revolta de 28 de Janeiro. Desde cedo teve tendências revolucionárias²³³. Participou em algumas revoltas, mas teve um papel determinante na Revolução de 5 de Outubro de 1910. Antes da revolução, Machado dos Santos esteve envolvido na tentativa da deposição de João Franco, em 1908²³⁴. Foi envolvido num plano, arquitetado por Pinto de Lima, para que prendesse o rei. Este plano foi adiado. Entretanto, Dr. Miguel Bombarda foi assassinado levando Machado dos Santos a iniciar a Revolução, assumindo o comando das forças revolucionárias do exército e da Armada. Uma vez proclamada a República, Machado dos Santos, encetou várias reformas. No ano de 1911 Machado dos Santos foi eleito deputado para a Assembleia Constituinte e promovido ao posto de capitão-de-mar-e-guerra. Fundou o jornal, *O Intransigente* onde defendia os seus ideais, mostrando-se mesmo hostil aos estadistas da República. Nesse mesmo ano, Machado dos Santos acaba por perder a sua popularidade. Embora não tivesse participado pessoalmente na abortada tentativa revolucionária de 27 de Abril de 1913, contra o governo de Afonso Costa, ficou suspeito de ter sido um dos conspiradores. Em 1915 com a ditadura de Pimenta de Castro, Machado dos Santos foi preso e deportado para os Açores. Em 1916

²³²SERRÃO, Joel-*Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas,1990. Vol.III,p.383-387.

²³³SERRÃO, Joel-*Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas,1990. Vol. V,p.489 e 479.

²³⁴ Dicionário de Biografias, vol. 24,edição do Correio da Manhã, Porto Editora s/d, p.594.

planeou uma revolta em Tomar²³⁵. Por influência dos seus amigos falsificou um *Diário do Governo*. Foi preso em Viseu. Em 1918, depois de amnistiado colaborando na revolução de Sidónio Pais foi nomeado Ministro do Interior e Secretário de Estado das Subsistências e Transportes no segundo governo de Sidónio Pais. Organiza um grupo que se bate contra os revoltosos monárquicos. Salva a República e em 1921 Machado dos Santos morreu assassinado²³⁶.

MARQUES, Arménio

Arménio Marques nasceu em Porto de Mós em 26 de Maio 1920 e faleceu em 1985. Desenvolveu o património cultural dinamizando «atividades do teatro, do folclore, do desporto e da música, procurando incentivar e estimular os jovens do seu tempo, para estas práticas, até então inativas na vila de Porto de Mós»²³⁷. O jovem Arménio Marques era encontrado «pelas ruas desta vila, sempre acompanhado de garotada - quem, como ele possui a fascínio de cativar a amizade dos outros rapazes?»²³⁸. Arménio era uma pessoa disponível, o forte desejo de «colaborar, de animar vontades e de as pôr ao serviço da coletividade; o poder de divertir e fazer os outros divertirem-se; o esforço despendido para tornar a juventude da sua terra mais interessada na cultura»²³⁹.

MATIAS, João António

João António Matias nasceu em 1913 na localidade de Pragosa -Porto de Mós.

Ao longo da sua vida profissional desenvolveu diversas atividades assim: foi membro da Junta Nacional do Vinho, primeiro em Porto de Mós, depois no Cadaval, de onde saiu para abraçar a carreira de funcionário público. Em Ourém ascendeu À chefia da secretaria, depois

²³⁵ SERRÃO, Joel-*Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas,1990. Vol. V,p.489 e 479.

²³⁶ Dicionário de Biografias, vol. 24,edição do Correio da Manhã, Porto Editora s/d, p.594.

²³⁷FURRIEL, Francisco Jorge- *Da Pré- História à actualidade : breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, vol.III,p.251.

²³⁸FURRIEL, Francisco Jorge- *Da Pré- História à actualidade : breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, vol.III, p.181.

²³⁹FURRIEL, Francisco Jorge- *Da Pré- História à actualidade : breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, vol.III,p.181.

rumou para o Algarve, mais concretamente para a Câmara de Portimão, de onde saiu para a Capital, ficando a trabalhar no 4º bairro administrativo, quando se aposentou fazia, ainda, parte da Assembleia Distrital de Lisboa.

Ao longo da sua permanência em Lisboa era colaborador do jornal *O século*.

Quando regressou a Porto de Mós fundou o seu próprio jornal, no qual trabalhava afincadamente, desde sempre foi uma pessoa independente e autónoma, a informação na região conheceu um novo vitalismo e rigor.

Em 1989 ofereceu o seu jornal à CINCUP, mantendo a sua colaboração escrevendo diversos artigos. Faleceu no dia 24 de abril de 1999.

Porto de Mós recorda a sua figura dando o seu nome ao Largo e Praceta, não esquecendo a sua dedicação à cultura, ao jornalismo e o amor à própria Vila que o viu nascer e morrer.

NAVARRO, Emídio Júlio

Emídio Júlio Navarro nasceu em Viseu, a 19 de Abril de 1844 e morreu 16 de Agosto de 1905. Foi advogado, conselheiro de Estado, deputado, escritor. Viveu em Lamego, mais tarde em Bragança e depois mudou-se para Coimbra frequentando o curso de Teologia que acabou por não o concluir. Coursou medicina e Direito, em Coimbra.

Fundou vários jornais, *A Academia* e *O Conimbricense*. Na cidade de Lisboa fundou o jornal, *O Progresso* e foi órgão do Partido Progressista ingressando no corpo redatorial do jornal, *O País*. Foi diretor político do jornal, *O Primeiro de Janeiro*.

Emídio Navarro deputado em várias legislaturas entre 1879-1890. Na qualidade de Ministro das Obras Públicas teve uma ação muito importante no alargamento das estradas do nosso país, bem como, nos serviços florestais. Reformou o ensino em Portugal.

Em 1889 foi nomeado secretário do Tribunal de Contas e Ministro de Portugal em Paris, no ano de 1892.

Quando regressou de Paris, abandonou a carreira política para se dedicar ao jornalismo, mantendo-se independente²⁴⁰.

PEREIRA, Nuno Álvares

Santo Condestável ou Beato Nuno de Santa Maria, nasceu em Cernache do Bonjardim em 1360 e morreu em Lisboa em 1431. Era filho de D. Álvaro Gonçalves Pereira, Prior da Ordem do Hospital de São João de Jerusalém e D. Iria Gonçalves do Carvalhal. Entrou para a corte do Rei D. Fernando de Portugal tendo sido nomeado escudeiro da Rainha D. Leonor Teles. Casou com D. Leonor de Alvim, uma jovem viúva. Deste casamento teve três filhos, tendo sobrevivido apenas Beatriz, que D. Afonso, primeiro Duque de Bragança, filho de Rei D. João I, dando origem à Casa de Bragança.²⁴¹

Após a morte de D. Fernando, a sua filha D. Beatriz, casada com D. João I, de Castela, era a herdeira legítima do trono. Perante a ameaça da perda da independência de Portugal, a favor dos castelhanos. Nuno apoiou D. João, Mestre de Avis, para suceder ao trono de Portugal, apesar de este ser filho ilegítimo de D. Pedro I.D. Nuno enfrentou os castelhanos na batalha dos Atoleiros em Abril de 1384, sendo nomeado por D. João Mestre de Avis Condestável de Portugal e Conde de Ourém.

Quando o exército castelhano invadiu Portugal com o objetivo de proteger os interesses da sua esposa, Beatriz, D. Nuno Álvares Pereira comandou o exército português e, no dia 14 de Agosto, as suas tropas venceram os castelhanos na batalha de Aljubarrota com um pequeno exército de 6000 portugueses e ingleses, contra 30 000 tropas castelhanas. Esta batalha foi decisiva na consolidação da independência portuguesa. Nuno Álvares Pereira foi nomeado Santo Condestável e beatificado em 1918 pelo Papa Bento XV através

²⁴⁰ SERRÃO, Joel-*Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinhas,1990. Vol. IV,p.374.

²⁴¹ Pereira, Nuno Álvares [Em linha].[Consult. em 3 dezembro de 2015]. Disponível em <http://www.historiadeportugal.info/nuno-alvares-pereira/>

do Decreto Clementissimus Deus. Posteriormente, foi canonizado santo, pelo Papa Bento XVI.²⁴²

A edilidade camarária de Porto de Mós, não esqueceu a figura de Nuno Álvares Pereira, homenageando-o, atribuindo o seu nome a um Largo.

PINÇÃO, Fernando Brito de Sousa

Fernando Brito de Sousa Pinção nasceu a 17/2/1899, em Aljustrel, no Alentejo. Veio com a sua família para Porto de Mós, com treze anos de idade. Estudou em Lisboa, no Liceu Passos Manuel tendo, depois continuado os seus estudos no Liceu de Leiria, concluindo o 5º ano liceal.

Empregou-se na Empresa de Serração e Terras Corantes de Leiria Gare. Depois, trabalhou nas minas de estanho de Azevedo.

Regressou a Porto de Mós, tornando-se funcionário da Câmara Municipal, atividade que não faziam muito o seu género pessoal. A sua personalidade alegre e amável contrastava com a dureza da lei e dos impostos a aplicar aos contribuintes. Nutria o gosto pelo estudo e conhecimento da mineralogia e geologia. Andava pelo sítio da Pragosa à procura de amostras, fazendo-se acompanhar de um amigo, João Rosa Matias.

Fernando Pinção foi um dos pioneiros a explorar o calcário e os mármore das serras vale Verde, Alvados, Alcaria e Pragosa.

Foi-lhe solicitada a colaboração para uma empresa de exploração de volfrâmio, durante a Segunda Guerra Mundial.

De regresso a Porto de Mós, além de continuar com a exploração de minérios, monta uma empresa de sabão.

Em 1931 colaborou no semanário de Leiria, «União Nacional» num artigo referente a Porto de Mós²⁴³.

²⁴² Pereira, Nuno Álvares [Em linha].[Consult. em 3 de dezembro de 2015]. Disponível em <https://plataformacidadaniamonarquica.wordpress.com/2013/05/14/biografia-de-s-nuno-de-santa-maria/>

²⁴³ FURRIEL, Francisco Jorge- *Da Pré- História à actualidade : breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, vol.III. 229 a 235.

PINHEIRO, António

D. António Pinheiro nasceu em Porto de Mós, no século XVI, filho de Pedro Vaz de Couto e de Leonor Alvares Pinheira. Foi Bispo de Miranda e Leiria²⁴⁴. No entanto, sabe-se que «D. Martim Affonso Mexia lhe mandou trazer de Lisboa a ossada, e está na sepultura grande, junto às grades da capella mor, da sé, da parte de fora»²⁴⁵. Doutorado pela Universidade de Paris e Mestre de Retórica no Colégio de Santa Bárbara, foi nomeado Cronista do reino e pregou no ato de aclamação do rei D. Sebastião. O rei D. João III nomeou-o capelão do Paço, «pregador régio e perceptor do príncipe D. João, mais tarde casado com a princesa D. Joana, filha de Carlos V, e falecido em 2 de Janeiro de 1554, com 17 anos incompletos. Era pai de D. Sebastião, que nasceu 18 dias após a morte de seu pai.»²⁴⁶. Um dos «filhos ilustres da história de Porto de Mós»²⁴⁷ foi perceptor do príncipe D. João, pai de D. Sebastião.

Iniciou a sua missão de Bispo de Miranda no ano de 1566 e foi o fundador do Colégio dos Jesuítas em Bragança. Foi pregador tendo acompanhado o rei D. Sebastião na sua expedição a África, no ano de 1574²⁴⁸. Foi um grande orador fazendo os seus discursos tanto em Português como em latim, tendo escrito bastantes obras poéticas. Da sua bibliografia deixou «magníficos comentários aos livros de Marco Fábio Quintiliano, impressos em Paris e em Veneza. Deixou ainda um livro *in folio*, tradução do «Panegírico de Plínio a Trajano» e o seu original existiu durante muito tempo no mosteiro da Cartuxa de Évora»²⁴⁹. Além disso, deixou ainda alguns manuscritos tais como o «Tratado sobre os Salmos», «Da eloquência da língua Portuguesa», «Coisas antigas de Portugal» e «Sermões». Em 1579 foi transferido para o Bispado de Leiria onde permaneceu pouco tempo por ter sido preso.

²⁴⁴ FURRIEL, Francisco Jorge- *Da Pré- História à actualidade : breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, vol.III, p.200 refere «Não se sabe ao certo a sua data de nascimento, e a do falecimento, dizem uns, que foi em Lisboa em 1582, outros a 9/12 de 1582, outros ainda em igual dia de Novembro, e havendo até quem julgue ter sido em Janeiro de 1583».

²⁴⁵ *O Couseiro ou Memórias do Bispado de Leiria*, Braga, 1868, p.189.

²⁴⁶ FRAZÃO, Serra, *Porto de Mós- Breve monografia*, Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, p.189.

²⁴⁷ Serrão, Veríssimo SERRÃO, *Um passeio pela História de Porto de Mós* (séculos XII a XIX), in Porto de Mós, ed Câmara Municipal de Porto de Mós, p.24.

²⁴⁸ FURRIEL, Francisco Jorge- *Da Pré- História à actualidade : breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, vol.III, p.200 refere «Teve coragem suficiente para denunciar o deficiente apetrechamento da expedição e o risco inútil que se corria pelo que foi demitido de Pregador por D. Sebastião.»

²⁴⁹ FURRIEL, Francisco Jorge- *Da Pré- História à actualidade : breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, vol.III, p. 189 e 190.

Foi adepto dos Filipes de Espanha, tendo pregado na aclamação de Filipe II, nas Cortes de Tomar, faleceu em Lisboa em 1582 ou em 1583²⁵⁰. Frazão refere acerca dos restos mortais de D. António Pinheiro, que devem encontrar-se sob as bases do Edifício do Tribunal de Porto de Mós. Acrescenta ainda que «Vêm estes esclarecimentos e outros mais no livro » Retratos e elogios dos varões e donas que ilustraram a nação Portuguesa. Baptista de Castro também se refere a este sábio portemosense»²⁵¹.

ROUPINHO, D. Fuas

D. Fuas Roupinho foi considerado o primeiro almirante – mor, da frota portuguesa no século XII. Exerceu o seu cargo no tempo de Afonso Henriques seu companheiro de armas ao qual entrega a fortaleza de Porto de Mós²⁵². Foi alcaide-mor de Coimbra. Em Leiria perante informação de que estava eminente um ataque muçulmano a Porto de Mós²⁵³, assumiu a defesa desta vila, onde se tornou seu governante.

Alguns escritores D. Fuas Roupinho era filho natural de D. Afonso Henriques e 1º Almirante do Reino.

Morreu em Ceuta, no século XII, onde praticou corso vencendo os mouros.

O seu nome está ligado à lenda do Sítio da Nazaré.

²⁵⁰FURRIEL, Francisco Jorge- *Da Pré- História à actualidade : breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, vol.III, acerca da sepultura deste bispo salienta que se julga ter sido na Igreja de S. Pedro, que existiu na Praça da República em Porto de Mós. Segundo o Dr. Afonso Zúquete, em 1947, verificou-se que aginal estava sepultado em Leiria.

²⁵¹ FURRIEL, Francisco Jorge- *Da Pré- História à actualidade : breve monografia de Porto de Mós*. Porto de Mós: Câmara Municipal, vol.III, p.190.

²⁵² «Personagem mítica criada pelo monge alcobacense Fr. Bernardo de Brito na *Monarquia Lusitana Cap. IV, do livro VII, volIII. 1609*. Esta personagem viria mais tarde a ser fortemente contestada pelo seu condiscípulo Fr. Manuel de Figueiredo in *Dissertação histórico-crítica, em que se mostram fabulosos os factos em que está enredada a vida de D. Rodrigo Rei dos Godos [...] que são apócrifas as peregrinações da Imagem milagrosa de Nossa Senhora, venerada do termo da vila da Pederneira...*» LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa Pinho-*Porto de Mós Extrato de Portugal Antigo e Moderno* nº14, Edições do Centro de Estudos Nazarenos, Nazaré,2005, p. 12

²⁵³ «Era a praça de Porto de Mós, de tanta importância, e tão raivosos ficaram os árabes por a terem perdido, que o rei mouro da Estremadura espanhola, *Gamir*, mandou tocar a gazua e reunindo alguns emires e alcaides sarracenos, veio pôr cerco ao castelo de Porto de Mós, em 1182».LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa Pinho-*Porto de Mós Extrato de Portugal Antigo e Moderno* nº14, Edições do Centro de Estudos Nazarenos, Nazaré,2005, p.13

SÁ CARNEIRO, Francisco Manuel Lumbrales

Francisco Manuel Lumbrales Sá Carneiro nasceu em 1934 no Porto e morreu no dia 4 de Dezembro de 1980 em Camarate, concelho de Loures. Foi licenciado em Direito.

Integrou a Assembleia Nacional, como Deputado independente da Ala Liberal entre 1969 e 1973 e foi um dos fundadores do PPD e no ano de 1974, o seu primeiro Presidente.

Foi eleito Deputado nas 2 primeiras Legislaturas da Assembleia da República. Em 1979, criou a AD, juntamente com o CDS e o PPM e nas eleições legislativas de 1980, venceu com maioria absoluta e torna-se o Primeiro-Ministro²⁵⁴.

SALAZAR, António de Oliveira

António de Oliveira Salazar nasceu em 1889, em Santa Comba Dão e morreu em Lisboa em 1970. Foi professor da Universidade de Coimbra e eleito deputado no ano de 1921 mas, rapidamente abandona o cargo para regressar à Universidade de Coimbra onde era professor catedrático. Em 1926 aceita a pasta das finanças que rejeito logo de seguida alegando não reunir condições para realizar as reformas que considerava necessário fazê-las. Em 1928, tendo-se agravado a situação do país, regressa ao Ministério das Finanças que aceitara, onde faz uma série de reformas orçamentais, tributárias de crédito, conseguindo extinguir o deficit orçamental e diminuir a dívida pública do país.

Em 1932 tomou conta da Presidência do Conselho de Ministros acumulando o cargo de Ministro das Colónias, dos Negócios Estrangeiros, da Guerra ou da Defesa. Em 1933 é promulgada a Constituição do Estado Novo. Em 1939, durante a guerra Civil. Durante a II Guerra Mundial, Salazar decide proclamar a neutralidade do nosso país mas cede aos aliados bases nos Açores. Em 1949, Portugal adere à Aliança Atlântica e solicita o seu ingresso na ONU, em 1955. A partir de 1961, Salazar concentra toda a sua atenção na guerra colonial. Em 1968, Salazar, devido a um acidente, fica fora das funções governativas. O seu longo mandato ficou marcado por um autoritarismo que limitou as liberdades democráticas, proibindo partidos políticos, sindicatos livres, instituiu a censura e criou a polícia política²⁵⁵.

²⁵⁴ Francisco de Sá Carneiro. [Em linha]. [Consult. em 5/1/2016]. Disponível em <http://aventar.eu/2010/12/04/sa-carneiro-morreu-ha-30-anos-brevissima-biografia/>.

²⁵⁵ António de Oliveira Salazar, [Em linha]. [Consult. em 10/9/2014]. Disponível em [http://www.infopedia.pt/\\$oliveira-salazar](http://www.infopedia.pt/$oliveira-salazar)

SANTOS, Adelino Reis dos

Engenheiro de Profissão, Adelino Reis dos Santos, era natural da Pena, Lisboa, filho de Manuel dos Santos (Travessa Manuel dos Santos) e de Rita dos Reis. Faleceu em 2003 em Porto de Mós. Exerceu cargos de direção na cooperativa agrícola de Porto de Mós e na Caixa Agrícola de Porto de Mós.

O arruamento com o nome dele é precisamente o arruamento da sede da atual cooperativa (Luso fruta).

A casa da família situa-se na Rua Conceição Abreu mesmo no sentido oposto do atual centro de Reabilitação e Fisioterapia da Santa Casada Misericórdia, (antigo Hospital de S. José).

SERRA FRAZÃO, Francisco dos Santos

Francisco dos Santos Serra Frazão nasceu na Serra de Santo António, em Porto de Mós, a 1 de dezembro de 1881. Com três anos de idade foi para Alcaria, viver com o seu tio padre António. Francisco era um dos catorze irmãos. Além do tio padre António, tinha também outro tio, o padre Manuel, que se encarregou da educação do seu sobrinho. Depois de concluída a escola primária, continuou os seus estudos no colégio de Farrobo e depois no Seminário de Santarém.

Como não possuía vocação para seguir o sacerdócio, saiu do Seminário, embora por desgosto da família e foi para o Magistério Primário de Leiria, com o apoio do seu tio Manuel, que era padre em Porto de Mós.

Por falta de vagas no ensino Primário, Francisco Serra Frazão, foi trabalhar para o Cartório Notarial de Porto de Mós, dedicando-se também ao jornalismo e na regência da banda da terra.

Depois de algum tempo, consegue ser professor primário, em escolas do distrito de Santarém.

Em 1914 parte para o sul de Angola onde permanece durante cinco anos.

Regressou a Lisboa por motivo de doenças tropicais.

Em 1946 recebeu o primeiro prémio de etnografia do 19º concurso de Literatura Colonial. Foi também vice-presidente do Município de Santarém.

Em Lisboa desempenhou funções no Arquivo Histórico Colonial desenvolvendo vários trabalhos que lhe valeram ser admitido como sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa. Mesmo depois de aposentado continuou o seu trabalho de investigação relacionado com o Ultramar²⁵⁶.

SILVA, Licínio Moreira da

Nasceu em 1935 e morreu em 2005 era natural de Anadia mas viveu grande parte da sua vida na vila de Porto de Mós. Nesta vila exerceu, a par com a advocacia, a atividade política: foi Deputado à Assembleia da República desde Março de 1984 até Novembro de 1991, vogal da Comissão Política do PSD na era do Dr. Aníbal Cavaco Silva e autarca persistente. Em 1969 foi Presidente da Câmara de Porto de Mós até 1974, deixando de desempenhar o cargo por imposição do Decreto-Lei nº 236/74, de 3 de Junho. Em 1973 até Junho de 1974, foi reconduzido - facto que fez dele um dos cinco autarcas nacionais que “sobreviveu” à mudança do regime. Desempenhou o cargo de Presidente da Assembleia Municipal em 1977, exerceu esta função até 2005.²⁵⁷

Esta personalidade não foi esquecida pelos seus portomosenses que o homenagearam com o nome de uma rua.

SOUSA, José de

Nasceu em Porto de Mós no dia 29 de maio de 1879, desde cedo enveredou pela vida militar, tendo chegado ao posto de Alferes. Fez comissões no Ultramar, nomeadamente, em Angola, após vitórias em vários combates foi condecorado pelos seus serviços relevantes.

Aquando da sua passagem à reserva militar (aposentação) veio para Porto de Mós, onde foi vários anos vice-presidente da Câmara Municipal da Vila. O capitão José de Sousa era uma pessoa muito respeitada e amiga dos seus concidadãos.

²⁵⁶ FRAZÃO, Serra Francisco. *Porto de Mós-Breve monografia*, ed. Da Câmara Municipal de Porto de Mós.1982, p.p.205 e 206

²⁵⁷ Licínio Moreira da Silva. [Em linha]. [Consult. em 23/6/2016].Disponível em <http://portomosenses.blogs.sapo.pt/1516.html>

Porto de Mós homenageou-o colocando o seu nome numa praça, recordando um Homem de carácter elevado, solidário, eminente político, generoso, amigo e um militar audaz com um desempenho glorioso.

TRIGUEIROS, Venâncio Pinto do Rego Ceia (Barão de Porto de Mós)

Venâncio Pinto do Rego Ceia Trigueiros (1801-1867), 1º Barão de Porto de Mós, morgado da Canoeira e da Ribeira da Azóia. De nome Venâncio Pinto do Rego Ceia Trigueiros, nasceu a 28 de julho de 1801, na vila de Porto de Mós, freguesia de Santa Maria que proveio da freguesia de (Nossa Senhora dos Murtinhos, já extinta), em Porto de Mós. Era um dos cinco filhos do capitão Honorato da Cunha Pinto do Rego Ceia Trigueiros, e de Jacinta Rosa da Conceição, também naturais da freguesia de Santa Maria, foi «uma personalidade de nível nacional a partir de 1840 até à sua trágica morte»²⁵⁸. Foi capitão e juiz vereador de Porto de Mós em 1825, cavaleiro professo na Ordem de Cristo em 1795, faleceu antes de 1828, em Porto de Mós. Foi neto paterno de João de Ceia de Figueiredo (n. 1735). Fez diligência de limpeza de sangue e de geração junto do Santo Ofício²⁵⁹. Casou com D. Leonor Vicência da Cunha (n. 1714).

O Título de Barão fora-lhe concedido pela Rainha D. Maria «atendendo aos seus serviços, merecimentos e qualidades [...] e querendo conferir-lhe um testemunho público da minha benevolência e da consideração que o tenho [...] Hei por bem fazer-lhe Mercê do Título de Barão de Porto de Mós, em sua vida [...] Palácio de Mafra em doze de Agosto de mil oitocentos e quarenta e cinco. Rainha António Bernardo da Costa Cabral»²⁶⁰. Casado com Micaela Angélica da Guerra Pessanha Pombo, senhora viúva, sem descendentes e com muitos bens, sendo uma das senhoras mais ricas de Monsaraz. Este dote matrimonial, de sua esposa com 55 anos e ele com apenas 29 anos, favoreceu bastante a sua carreira, permitindo-lhe um lugar de destaque na vida política, «levando-o a ser nomeado Par do reino por Carta

²⁵⁸ CUNHA, Borges da - *O Barão de Porto de Mós, Documentos biográficos*, ed. Câmara Municipal de Porto de Mós, 200, p.7

²⁵⁹ IAN/TT, *Tribunal do Santo Ofício*, Conselho Geral, Habilitações, Mç. 71, Doc. 1318. [Em linha]. [Consult. Em 11/10/2014]. Disponível em <http://familiatrigueiros.blogspot.pt/2011/03/barao-de-porto-de-mos.html>.

²⁶⁰ CHARTES D'AZEVEDO, Ricardo, et al. - *Vila-Portela, a família Charters d'Azevedo em Leiria e as suas relações familiares (Séc. XIX)*, Gradiva, Lisboa, 2007, p.7 a 9.

Régia de 3 de Maio de 1842»²⁶¹. Da sua descendência destaca-se a Dra. Luísa Crespo, uma de suas filhas, professora do ensino secundário na Vila de Porto de Mós.

O Barão de Porto de Mós, também conhecido pelo Barão da Quinta da Cortiça, pois, fora «proprietário da referida quinta, que era para a época uma fonte de rendimentos dos jornaleiros da zona, donde obtinham o sustento de suas famílias, visto dar trabalho a muita gente das redondezas»²⁶².

Durante o reinado de D. Maria II, em 1842, Venâncio Pinto Rego Cêa Trigueiros, fora par do reino, tendo-se destacado, na sua carreira política, foi eleito deputado por Évora para o Senado e par do reino, fidalgo cavaleiro da Casa Real, no Palácio de Mafra, em 1845 «aproveitando o seu alinhamento partidário com António Bernardo da Costa Cabral, é nomeado Barão de Porto de Mós, pela rainha D. Maria II»²⁶³. Estudou em Porto de Mós, na vila, «numa das colegiadas então existentes e, entre 1820 e 1825, cursou na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, entre 1820 e 1825, obtendo o grau de Bacharel primeiro e concluindo a formatura depois»²⁶⁴. Foi viver para Lisboa. Após 1827 regressou para Porto de Mós, para assumir o cargo de vereador da Câmara Municipal, juntamente com o seu pai, o capitão Honorato da Cunha Pinto de Rego Ceia Trigueiros, e o seu tio José Pinto do Rego Carvalho.

Em 1828 eleito procurador às Cortes dos Três Estados convocadas por D. Miguel. Nesse mesmo ano foi nomeado Juiz de Fora e Órfãos da vila de Monsaraz. Em 1830, com 29 anos de idade, casou nas segundas núpcias de D. Micaela Angelina da Guerra Pessanha, uma das mulheres mais ricas de Monsaraz, mas bastante mais velha que o Barão com 59 anos de idade. Era viúva de Francisco Pedro Sobrinho de Sousa que era um homem muito rico e

²⁶¹ CHARTES D'AZEVEDO, Ricardo, et al.-Vila- Portela, a família Charters d'Azevedo em Leiria e as suas relações familiares (Séc. XIX), Gradiva, Lisboa,2007,p.7 a 9.

²⁴⁰ CHARTES D'AZEVEDO, Ricardo, et al.-Vila- Portela, a família Charters d'Azevedo em Leiria e as suas relações familiares (Séc. XIX), Gradiva, Lisboa,2007,p. 9.

²⁴¹ CHARTES D'AZEVEDO, Ricardo, et al.-Vila- Portela, a família Charters d'Azevedo em Leiria e as suas relações familiares (Séc. XIX), Gradiva, Lisboa,2007,p.7.

²⁴² CHARTES D'AZEVEDO, Ricardo, et al.-Vila- Portela, a família Charters d'Azevedo em Leiria e as suas relações familiares (Séc. XIX), Gradiva, Lisboa,2007,p.8.

sargento-mor de Ordenanças em Terena, Alandroal, e um dos maiores proprietários de Monsaraz que lhe deixou tão grande fortuna. Foi nomeado por D. Maria para vogal do Tribunal do Concelho fiscal, cargo que ocupou até 1846. Em 1858 foi presidente do Tribunal de Contas. Como filho primogénito, envolveu-se em litígios com os seus irmãos, reclamando a posse dos morgados de seu pai. Foi membro da Maçonaria, em loja e data desconhecidas e a ele se ficou a dever o convite ao marquês de Fronteira para ingressar nesta organização em 1846²⁶⁵.

Aos sessenta e seis anos de idade foi barbaramente assassinado numa emboscada entre a Pederneira e o Valado, próximo da Nazaré, quando regressava de banhos para a sua residência na Quinta da Cortiça, na Azoia, «por indicação do seu próprio irmão João Maria, no Pinhal da Infesta junto do Monte de San - Bartolomeu, próximo da Nazaré»²⁶⁶.

O barão de Porto de Mós foi homenageado com o nome de uma rua na vila de Porto de Mós.

VIAMONTE, José Dias de Oliveira da Cunha

José Dias de Oliveira da Cunha de Viamonte nasceu no Porto a 2 de janeiro de 1839 e faleceu em Leiria a 24 de janeiro de 1891. Foi 2º Barão de Viamonte da Boavista.

Formou-se em Direito na Universidade de Coimbra, em 1859. Foi jornalista, advogado, empresário agrícola e político. Fundou um jornal de cariz político, *A Liberdade*.

O título de 2º Barão de Viamonte da Boavista foi-lhe renovado em 1860, por D. Pedro V, data em que se mudou do Porto para Leiria (Quinta dos Andrinós) onde permaneceu até o fim da sua vida.

Nesta cidade fundou o jornal, *O Leiriense*, também de cariz político. Como empresário agrícola, foi herdeiro de uma grande propriedade onde a fruticultura, aí desenvolvida, teve bastante relevo e fama na região.

Foi filiado no Partido Regenerador tendo, mais tarde passado para o Partido Progressista que, em 1878, obteve uma retumbante vitória eleitoral sobre o candidato Regenerador e

²⁶⁵ Venâncio Pinto do Rego Ceia Trigueiros, [Em linha]. [Consult. em 11/10/2014]. Disponível em <http://familiatrigueiros.blogspot.pt/2011/03/barao-de-porto-de-mos.html>.

²⁶⁶ FRAZÃO, Serra, *Porto de Mós- Breve monografia*, Edição da Câmara Municipal de Porto de Mós, 1982, p.194.

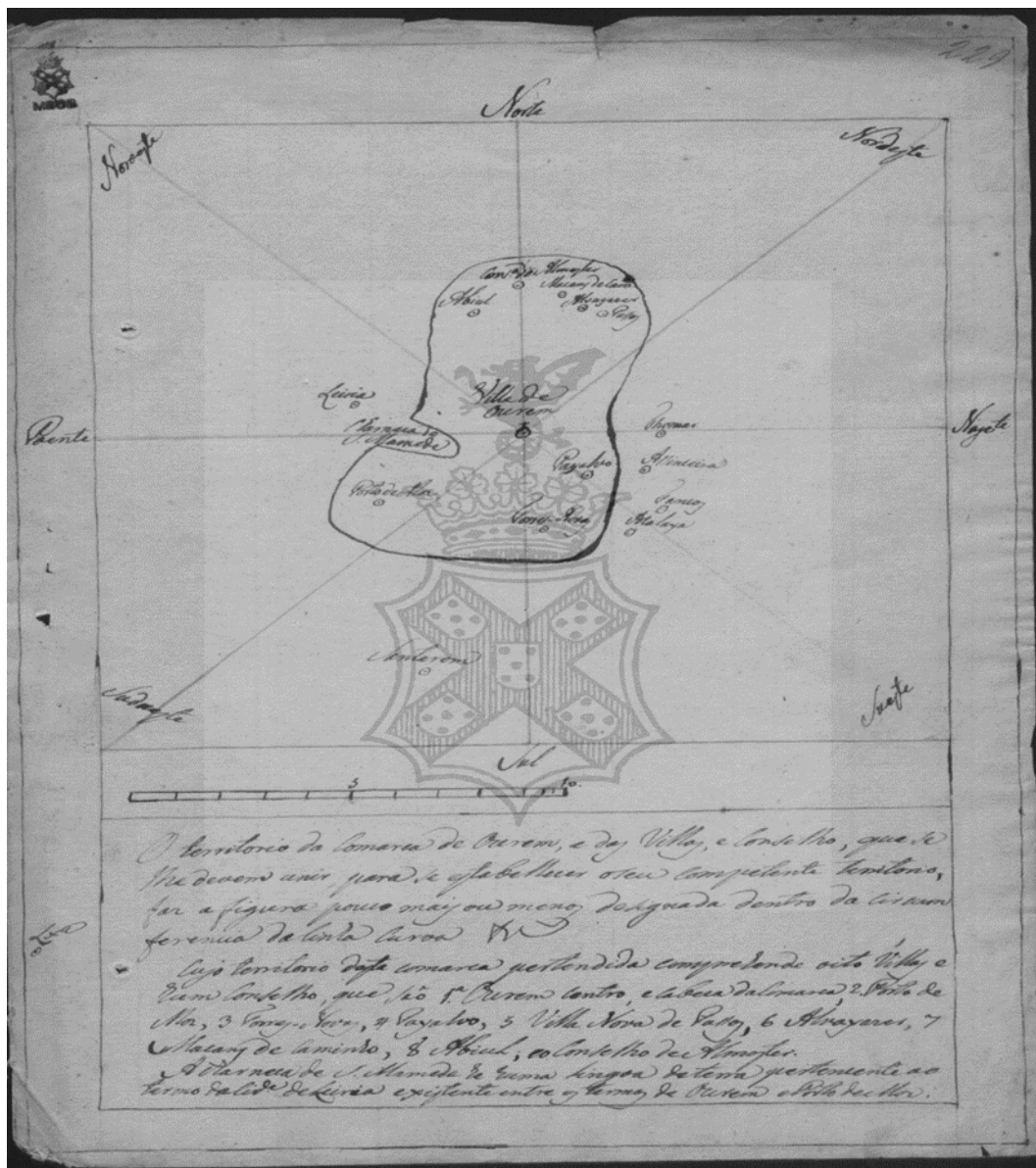
Deputado pelo Círculo Eleitoral de Leiria²⁶⁷. Foi nomeado Governador Civil do Distrito de Leiria, pelo Governo Progressista. Em 1884 conquistou o lugar na Câmara dos Deputados, como representante de Pombal.

²⁶⁷ Barão de Viamonte [Em linha]. [Consult .em 5/2/2015]. Disponível em <http://www.familiasdeleiria.com/p524.htm>

Anexo E

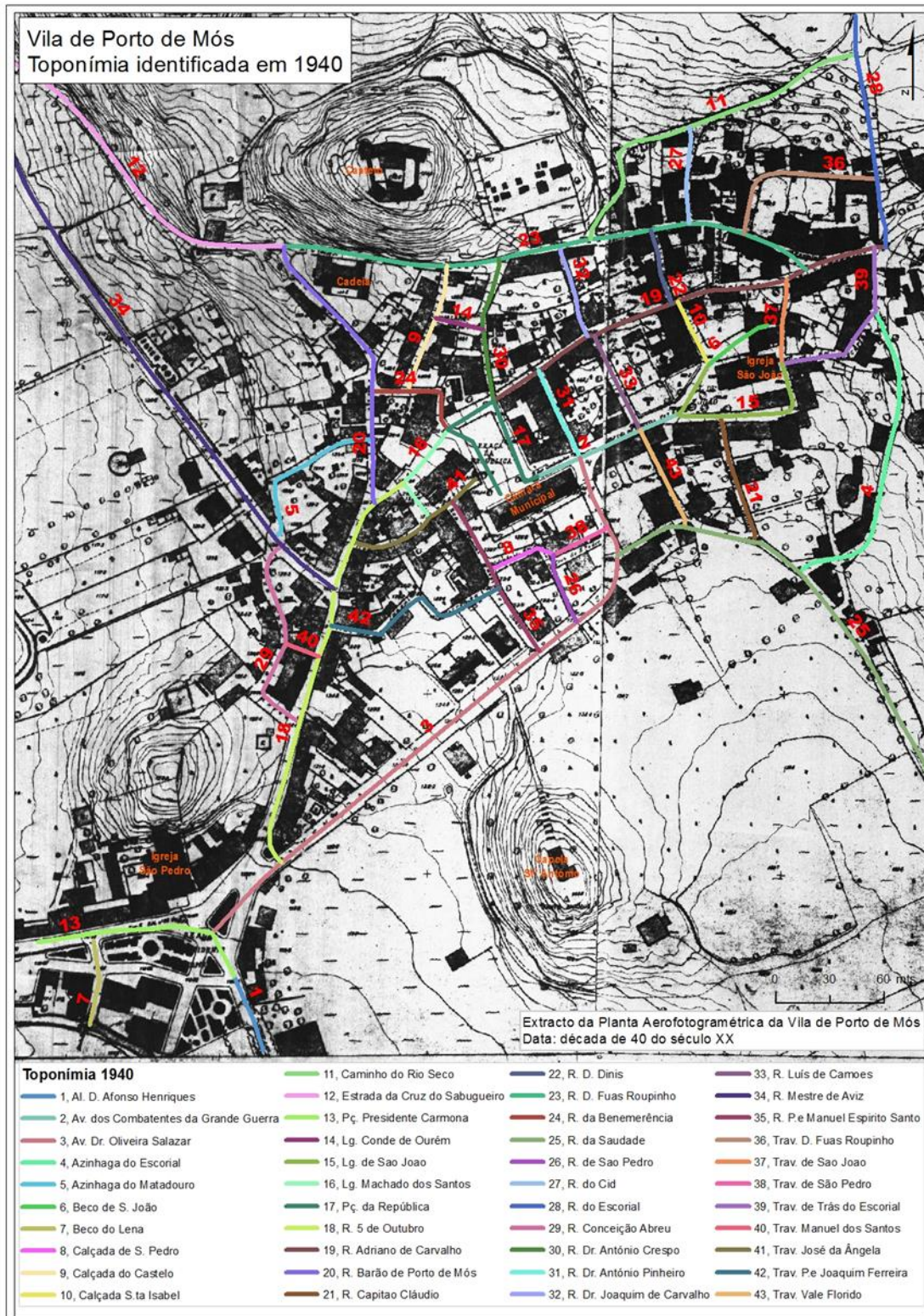
Mapas da vila de Porto de Mós

Mapa E.1: Configuração da Comarca de Ourém e da Vila de Porto de Mós- século XVIII



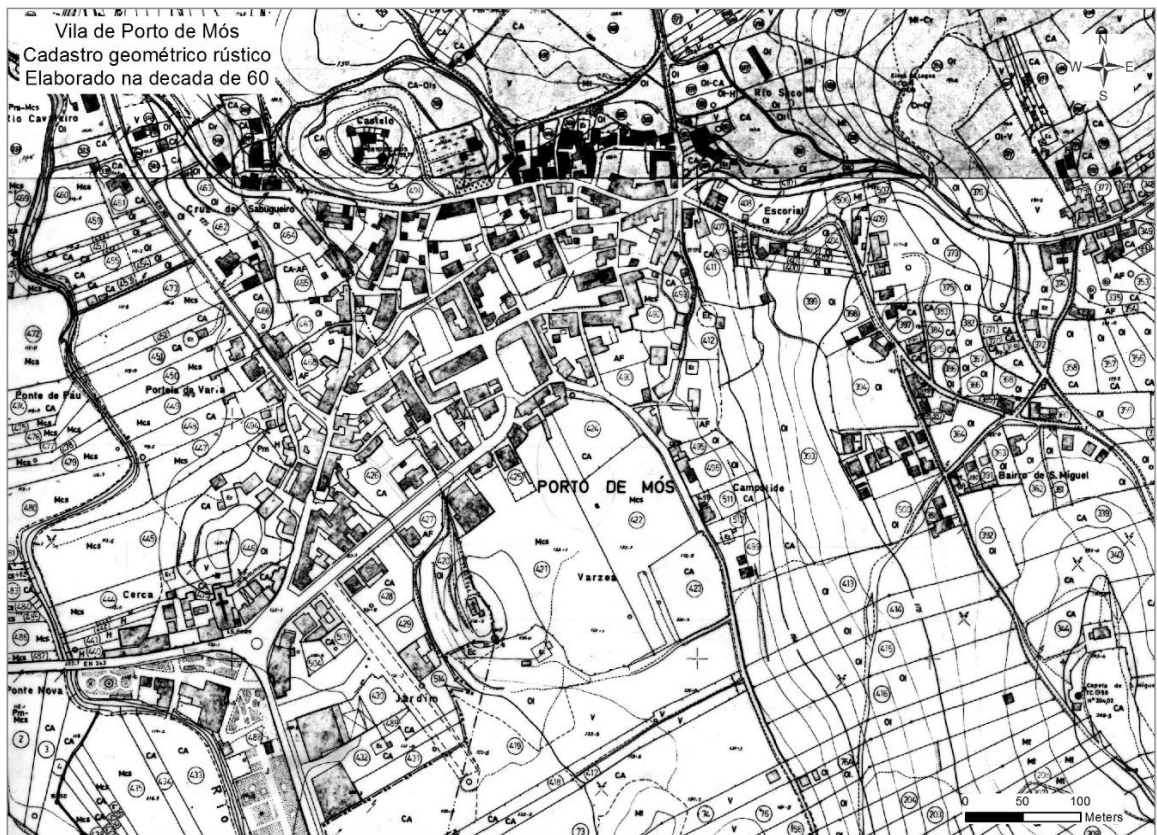
Fonte: Arquivo Histórico da Casa de Bragança AF. NNG. 839 Proc. V, f. 229

Mapa E.3: Carta aerofotogramétrica de Porto de Mós de 1940



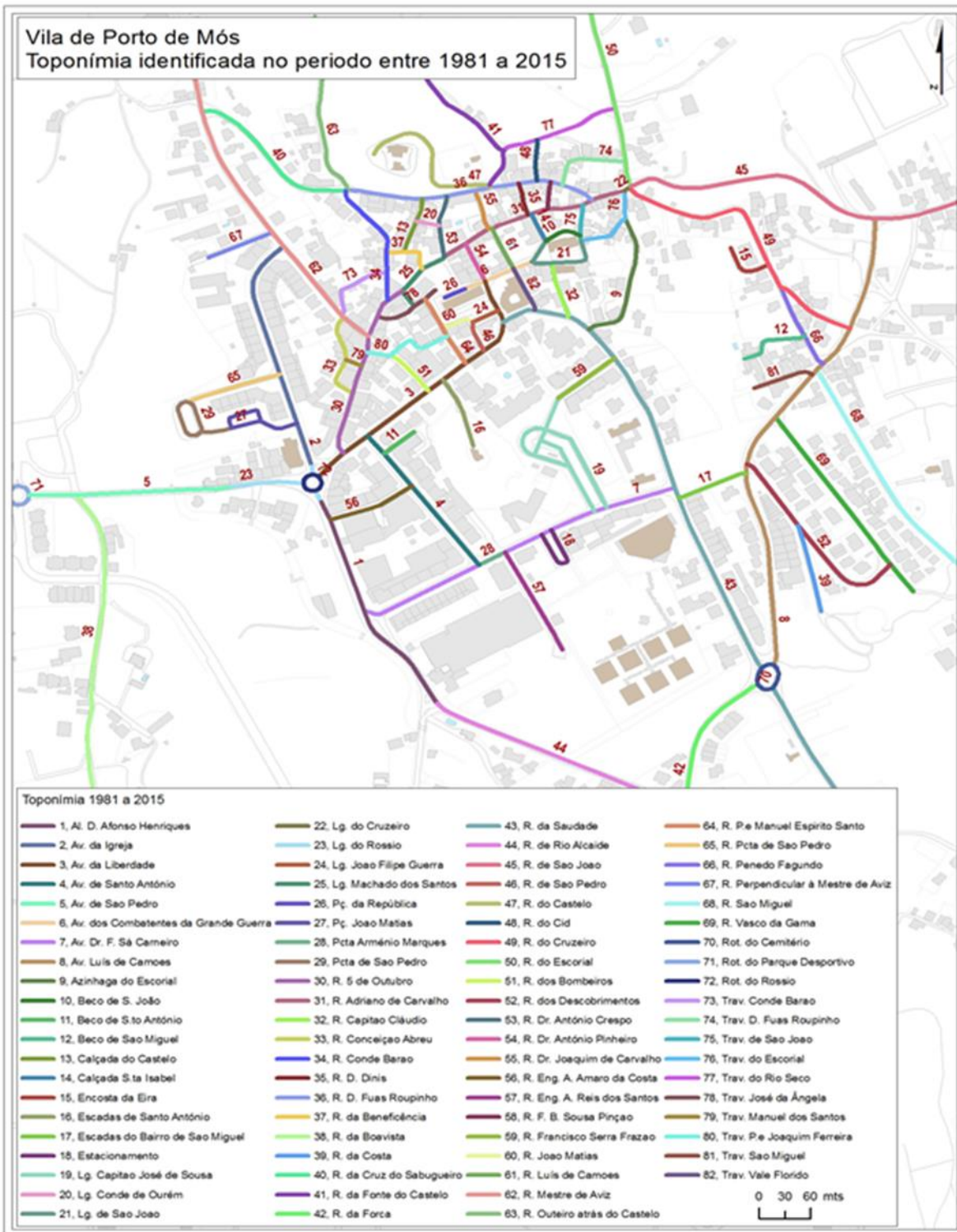
Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós- Serviço de Informação Geográfica (SIG)

Mapa E.4: Mapa da década de 1960- Cadastro geométrico rústico elaborado na década de 1960



Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós- Serviço de Informação Geográfica (SIG)

Mapa E.5: Toponímia identificada no período entre 1981 e 2015



Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós- Serviço de Informação Geográfica (SIG)

Anexo F

Registos fotográficos

Vila de Porto de Mós no início do século XX



Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós- Serviço de Informação Geográfica (SIG)



Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós- Serviço de Informação Geográfica (SIG)

Vista da Avenida no início do século XX (Conhecida pelo vulgo por Avenida dos Plátanos, Alameda D. Afonso Henriques)



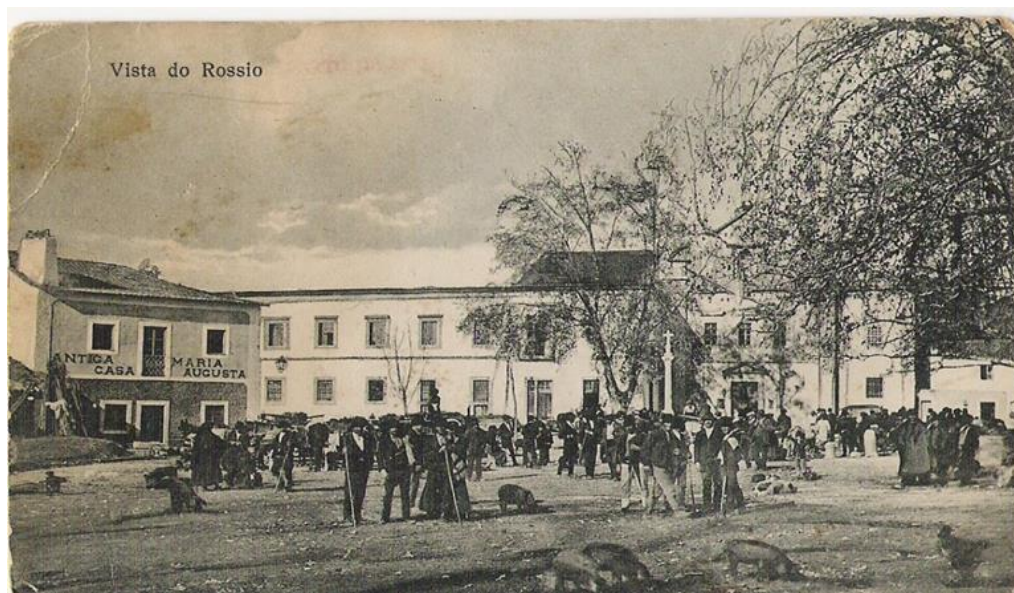
Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós- Serviço de Informação Geográfica (SIG)

Praça da República no início do século XX (o edifício em frente é a Câmara Municipal)



Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós- Serviço de Informação Geográfica (SIG)

Largo do Rossio no início do século XX



Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós- Serviço de Informação Geográfica (SIG)

Igreja de S. Pedro-Antigo Convento dos Agostinhos Pés Descalços- início do século XX



Fonte: Câmara Municipal de Porto de Mós- Serviço de Informação Geográfica (SIG)

O Cruzeiro de S. Pedro, no Rossio



Fonte: Coleção particular do Engenheiro Monteiro

Largo do Rossio nos anos 60



Fonte: Foto Almeida de Porto de Mós

Largo do Rossio nos anos 89/90



Fonte: Imagem cedida pela Sra. D. Alice Crachat

Largo do Rossio remodelado em 2002



Fonte: Arquivo Pessoal

Neste largo foi colocado um monumento representativo das mós dos moinhos, composta por duas mós gigantes de onde brotava uma fonte luminosa.

Largo do Rossio remodelado com novo monumento alusivo também às mós, em 2005



Fonte: Arquivo Pessoal

Substituído em 2005 aquando do início do 1º mandato do atual executivo, para resolver as frequentes fugas de água da fonte luminosa para a estrada.

Praça da República onde se localiza o edifício da Câmara Municipal



Fonte: site:<http://mw2.google.com/mw-panoramio/photos/medium/89373212.jpg>

Esta praça constitui o maior espaço pedonal e central da vila e um ponto de passagem entre vários espaços²⁶⁸.

A circulação viária é feita entre a fachada de rua e a limitação pedonal da praça.

A requalificação deste espaço teve como objetivo, não só aumentar a fruição deste espaço central da vila, como também «dotá-lo de estruturas necessárias à sua permanência: introdução de pavimento como mostra da região, iluminação e mobiliário urbano»²⁶⁹.

Só na década de 70, com a construção do novo Palácio da Justiça, a nascente deste edifício, os serviços municipais passam a ocupar todo o edifício.

²⁶⁸«A relação da Praça da Republica com a envolvente é o resultado gradual de uma implantação plana com uma área aproximada de 600 metros quadrados, numa zona de forte inclinação». Fonte: SIG de Porto de Mós
²⁶⁹ SIG. de Poro de Mós

Monumento das mós em frente à casa da família Crespo, na Praça da República



Fonte: Arquivo Pessoal

Painel em frente à escadaria que dá acesso à Praça da República



Fonte: Arquivo Pessoal

Placas toponímicas – Figuras Locais Homenageadas.



Largo Conde de Ourém



Rua Dr. Joaquim de Carvalho



Rua Dr. António Crespo



Rua Fernando Brito de Sousa Pinção



Ruas D. Fuas Roupinho

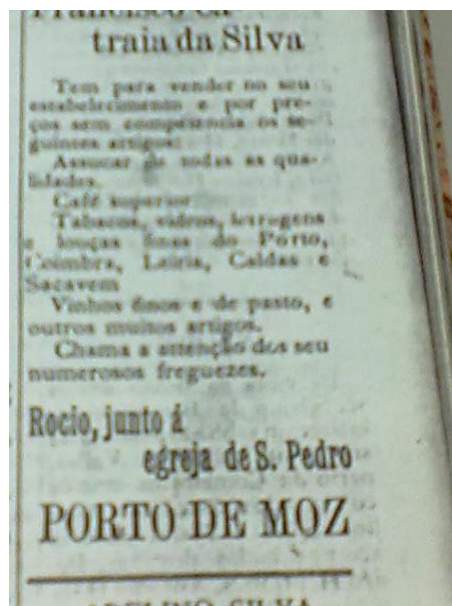
Praceta Arménio Marques



Fonte: Arquivo Pessoal

Toponímia na Imprensa

Referência ao Rossio no jornal *O Portomosense* de 1901



Fonte: jornal *O Portomosense* de 1901